

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

IGOR VIEIRA DE ALMEIDA ARAUJO

**SOB O SOL DE HAVANA: O TURISMO CUBANO COMO NOVO MECANISMO DE
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO PÓS-REVOLUÇÃO (1991-2023)**


**SANT'ANA DO LIVRAMENTO
2024**

SOB O SOL DE HAVANA: O TURISMO CUBANO COMO NOVO MECANISMO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO PÓS-REVOLUÇÃO (1991-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa, turno integral, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharelado em Relações Internacionais.

Orientador: Rafael Balardim

De acordo,

 Documento assinado digitalmente
RAFAEL BALARDIM
Data: 07/11/2024 09:19:40-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**SANT'ANA DO LIVRAMENTO
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A444s Araujo, Igor Vieira de Almeida
SOB O SOL DE HAVANA: O TURISMO CUBANO COMO NOVO MECANISMO
DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO PÓS-REVOLUÇÃO (1991-2023) /
Igor Vieira de Almeida Araujo.
102 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2024.
"Orientação: Rafael Balardim".

1. Turismo. 2. Revolução. 3. Desenvolvimento. I. Título.

IGOR VIEIRA DE ALMEIDA ARAUJO

**SOB O SOL DE HAVANA: O TURISMO CUBANO COMO NOVO MECANISMO DE
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO PÓS-REVOLUÇÃO (1991-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa, turno integral, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharelado em Relações Internacionais.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 27/11/2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rafael Balardim
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dr. Rafael Schimidt
UNIPAMPA

Prof. Dr. Fábio Régio Bento
UNIPAMPA

Dedico esse trabalho à minha coroa: eu teria me tornado um péssimo médico, mãe.

Dedico esse trabalho ao meu pai: suas respostas à minha incessante curiosidade me trouxeram até aqui.

Dedico esse trabalho ao meu irmão: se não fosse pela engenharia, você talvez teria se tornado um bom médico.

Também o dedico ao povo cubano, cuja paixão transborda em cada gesto de Revolução. Que estas páginas possam ser a voz de um povo há tanto tempo silenciado pela história.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso profunda gratidão a essa forma de energia transcendental, comumente designada como Deus. Minha incessante curiosidade frequentemente me conduziu a questionar a sua natureza, mas nunca a sua existência. ***Hoje, encontro sua presença em cada uma dessas pessoas mencionadas a seguir.***

À minha mãe, Cintia Vieira, que com ternura, é um exemplo de educadora. Desafiando as ideias de Winnicott e seu pensamento, você foi muito mais do que suficiente. ***Sou quem sou hoje porque você me incentivava a fazer a cama diariamente.***

Ao meu padrasto, Cleber Siqueira, ***que atualmente ultrapassa o título.*** Sua influência crucial em minha jornada acadêmica, aliada ao seu caráter exemplar e intelectualidade, desempenhou o papel de um verdadeiro Pai. Sou quem sou por conta das valiosas lições que você compartilhou ao puxar aquele rígido banquinho vermelho.

Ao meu irmão Pedro Henrique, exemplo de humanidade na área das exatas. Inúmeras vezes me dizia: “Sou um melhor amigo que você não teve chance de escolher”. ***Te escolheria infinitas vezes.***

À Vitória Decco, formalmente minha cunhada, mas nossa relação dispensa formalidades. ***Exímia arquiteta porque além de casas também traçou e arquitetou seu caminho ao meu coração.***

À minha irmã Nina, que me deu a oportunidade de ser o irmão mais velho protetor. Gostaria de dizer aos seus paqueras: “Se você tiver um problema com ela, também vai ter comigo”, mas nós dois sabemos que o que acontece é o contrário. ***Podemos não dividir o mesmo sangue, mas certamente o mesmo neurônio.***

Ao meu pai, Félix Francisco, ***sombra e luz na minha vida.***

Aos queridos avós, Maria Vieira e Pedro de Almeida, que sempre estiveram presentes nos almoços de domingo. Hoje, ***guardo com saudades mais uma de nossas conversas e controvérsias ideológicas.***

Ao meu “vovô postiço” Sidney Siqueira, que de muito fez pela minha formação crítica. Ainda me lembro de querer ir buscar picolé com você ***só pra te ouvir falar sobre política.*** Talvez você nem lembre, mas eu ainda não decidi a cor do tapete do meu casamento...

À Família Siqueira, por me mostrar diariamente que família extrapola qualquer relação sanguínea. ***Família é onde estão nossos afetos, e isso não nos falta.***

À restante Família Vieira, que sempre torceu por mim à distância.

Ao meu orientador Rafael Balardim, por me mostrar que *o saber se constrói na troca dialética, e a pesquisa, quando feita com afeto, se canoniza como arte*. Por acrescentar novas camadas ao meu entendimento sobre Cuba e sobre o fazer intelectual. Por ajudar a organizar meu projeto e ter enxergado forças e vulnerabilidades que antes eram ocultas nesta monografia. Anseio que um dia ainda veremos juntos uma América Latina e, em especial Cuba, libertas das entranhas capitalistas.

Ao meu parecerista Rafael Schimidt, pela aproximação com *ternura dentro e fora da sala de aula*. Ainda me recordo minha primeira entrevista para uma bolsa no Campus em 2022, claramente eu não era apto ao cargo, mas pela insistência de minha mãe, me inscrevi. Ainda não havia te conhecido, mas naquela entrevista, graças a você, me senti corajoso e hábil ao mais alto cargo de diplomacia. Agradeço pelo carinho.

Ao professor Fábio Régio Bento, por me introduzir Frei Betto e por me mostrar que dois mundos, outrora considerados inconciliáveis, compartilham uma essência comum – *a religião e o socialismo*.

Ao meu melhor amigo Lucas Alves, eterno companheiro de alma. Somos um para o outro aquilo que mais necessitamos em cada instante. Quando o medo me envolve, Lucas é a minha coragem. E quando a dúvida assola Lucas, sou a sua certeza. *É nessa contraste de opostos que nossas diferenças, em vez de nos distanciar, nos une ainda mais*. Agradeço por estar tão perto, mesmo quando 700 quilômetros nos separavam fisicamente.

À Julia Canarim, que me revelou a força do “ficar”. Quero expressar minha gratidão pelos almoços de domingo, tão saborosos, e pelos nossos cafés da tarde recheados de risadas, que se tornaram refúgio nas adversidades da vida. Sempre brincamos que desafiamos a famosa modernidade líquida de Bauman; hoje, enquanto escrevo, teorizo a Modernidade Sólida: aquela relação que traz canja de frango quando a saúde falta, que convida a um sorvete em domingos envoltos em melancolia, e que escolhe filmes terríveis para compartilhar. Não quero me alongar demais, mas o cerne de tudo isso, Juju, é que você ficou. *E não há nada mais belo e mágico do que o simples “permanecer”*. Obrigado por ter me escolhido como seu lugar.

À Liz Yumi, que tanto insistiu em mim, mesmo quando eu mesmo duvidava. Obrigado por seres um abrigo de pertencimento e originalidade. Quando ainda compartilhávamos o mesmo lar, frequentemente refletíamos sobre nossa “co-dependência”. Almoçávamos juntos, jantávamos juntos, estudávamos juntos. Ver você se formar trouxe aquele famoso gosto agriado — a alegria de te ver vencer mais uma vez, mas a tristeza de te perder em partes. Que imaturidade a minha, pois hoje sou capaz de te sentir em cada instante: no “Chevette”, na

minha leitura do Buzan, em qualquer discurso da ONU, em qualquer prédio de Nova York (sabemos qual é...). Te percebo ao dar play em HIMYM, ao maratonar *Casamento às Cegas*, ao imprimir meu ID Jovem, ao abrir meus Lattes (você gritou tantas vezes para que eu escrevesse um artigo que agora meu currículo brilha). A lista poderia se estender infinitamente, mas escolhi estes momentos, pois além de te enxergar na Demi Lovato, também te vejo nos pequenos detalhes do meu cotidiano. Ainda somos co-dependentes um do outro, Liz Yumi. E talvez essa tenha sido ***a maior razão pela qual eu nunca se quer cogitei desistir.***

Ao Vinícius Veanholi, meu querido parceiro de aventuras limítrofes e de simples pacotes de arroz. Viajei 1500 km para encontrar um amigo que, na verdade, morava ao meu lado — e ***viajaria quantos quilômetros fossem necessários!*** Agradeço por, além de concordar com minhas loucuras, agregar a elas. Não agradeço pelos arrozes queimados.

Ao Américo Cassini, que tanto debateu política comigo. ***Somos muito parecidos*** meu caro, só jogamos em times diferentes.

À Camila Lamberti, minha primeira luz nessa longa jornada acadêmica. Eu genuinamente não queria fazer aulas de meditação às quartas de manhã...só queria uma desculpa para conversarmos. Agradeço por materializar em minha vida a frase: ***“A distância entre duas pessoas é só o tamanho de um braço estendido.”*** Eu sou viciado em te ver sorrir, Ca.

Ao Pedro Gabriel e Paola Sinhoreli, cuja amizade se formou em nossa distância. Confesso que não imaginava ***sentir saudades*** das militâncias do Pedro e das reclamações da Paola.

Ao Renato Pando, ***por me tirar de casa.*** Acho que se não fosse pela nossa amizade, eu teria me tornado anti-social. Agradeço por todos os goles, seja eles numa esquina mal iluminada da cidade ou nas maiores festas de Santa Maria e Florianópolis.

Ao Guilherme Monteiro, que para além da imediata identificação, foi capaz de me mostrar uma versão de mim ***corajosa em essência.*** Também quero ser corajoso. Saudade é palavra pequena demais para expressar o que sinto ao avaliar um filme no Letterbox, ao me perder na dança de uma festa, ao receber um saque no vôlei ou ao ver um simples meme que, sem dúvida, te faria rir até as lágrimas – e então, lembrar de você. Ao teu lado, me sinto mais próximo de Deus, e isso resume a profundidade da nossa amizade.

À Nicole Marques, que pra sempre marcou minha vida: banana na comida é MUITO gostoso. Para além disso, espero que nunca esqueça o que aquele bolinho da bauducco significou para mim. ***É muito mais que um gesto – é afeto, e afeto é revolucionário.***

À Lara Araújo, *por estender meu mundo na famosa arte do viver*. Sabe aquele amigo que quando sai junto você não sabe se precisa levar passaporte ou só um Halls? Esse amigo é a Lara! Inúmeras vezes tive medo de ir parar na rodoviária...

À Maria Eloisa, Ana Luiza e Julia Fujita, *por muitas das vezes abrirem caminhos que eu nem sequer imaginava possíveis*, por me escutarem atentamente e, em especial, me enxergarem. Arrisco dizer que esses foram os três nomes que Deus mais ouviu em minhas orações.

À Kauany Carrion, por exercitar meus aprendizados acadêmicos. Sonho ainda em um dia trabalharmos na mesma empresa...*enquanto ainda cobro aquele nosso café de esquina holandês*.

Ao Murilo Takeshi, meu principal rival do Pôker. Agradeço pela originalidade no modo de viver e por aprofundar constantemente qualquer debate vigente. *Saudades do meu parceiro de pedal...*

Ao Rogério Bras, a razão pela qual estou escrevendo esta monografia. Sou grato por você enxergar e acreditar no meu potencial. De muito me interessa te ouvir, seja nos tópicos a respeito de drinks e licores, seja nos debates marxistas mais profundos que já tivemos. Agradeço imensamente por me desvelar as frustrações internas de um sistema frágil e burocrático, mas além disso, despertar em mim a coragem necessária de lutar contra este. Ou em suas palavras: “Ser radical na nossa própria bolha”. *Os Estudos Cubanos não apenas me brindaram com conhecimento, mas também me deram um grande amigo*.

Ao Mauro Altino, que entrou na minha vida como “namorado de uma amiga” e hoje se perpetua como uma grande amizade. *Agradeço por sempre tentar me entender, nesse processo, se identificar, e por fim, aconselhar*. Se amizade é sobre se inspirar, nossa relação não decepciona nesse quesito.

Ao Vitor Araújo, pela constante atenção e carinho. Somos uma dupla cinematográfica; Diretor e Ator; Sócrates e Platão; Vitorismo e Igorismo — o que mais podemos ser? Creio que nossa incessante filosofia sobre o amor surge da busca por compreender nossa própria relação. *Demorei a perceber que o que temos não se explica, apenas se vive*.

Ao Guilherme Setokushi, Lucas Lima, Bruno Iury e Iannic Coelho, por simplesmente serem quem são. Tenho muito a aprender com todos vocês, em especial sobre a vida. *Agradeço por me mostrarem que lar se constrói*.

Ao Giovani Leonam, vulgo “Goy”. Dizem que dividir a vida com amigos é mais gostoso. Acrescento que além da vida, *dividir a calçada também*.

À Anna Carolina Bordin, *por me mostrar pureza* em tempos de maldade.

À Luana Beatriz, cuja *simpatia me contagia diariamente*.

À Marina Flores, por dividir a mesa de café e *reflexões profundas*. Por ter sido refúgio emocional e literal muitas das vezes as quais acreditei que essa monografia não seria escrita. Passo a te amar cada vez mais quando o Vitor me conta da maneira que te enxerga.

Ao Murilo Zamora, por me mostrar que a distância *não muda coisa alguma*.

Ao Kaue Cervellini, Caio Santos e Matheus Silva, que além de compartilharmos a infância, também *compartilhamos risadas e pastéis*. Off topic: vocês precisam parar com a bet...

Ao Victor Haruo, que tanto torço de longe e anseio *torcer de perto*.

À Luiza de Castro e Josiane Azevedo, por me receberem e, mais do que isso, *me acolherem* em meus primeiros anos.

À Franciele Faleiro, por ter dividido comigo o mesmo teto e a amizade em um *momento importante deste ano*.

À Victoria Curbello, que foi capaz de me mostrar amor somente *com o piscar dos olhos*.

À minha querida analista Naomi, por *costurar* muito bem o meu sentir e *desenhar* muito bem o meu querer.

À Universidade Federal do Pampa, por ser meu refúgio e catalisadora de descobertas inquietantes na minha vida. *A ti, agradeço pela consciência de classe*.

À todos os servidores e terciários da Universidade Federal do Pampa, *por ajudarem a construir e pavimentar uma educação mais justa e de qualidade*.

À todos que direta ou indiretamente contribuíram para que essa monografia fosse escrita. Talvez eu tenha me estendido bastante nessa seção, mas *quanto mais grato eu sou, mais beleza eu enxergo*.

“Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida, que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo, e, por isso, insisto tanto na problematização do futuro e recuso sua inexorabilidade.” Paulo Freire

RESUMO

Este estudo se dedica a analisar o turismo como força motriz do desenvolvimento econômico-social em Cuba no período pós-Revolução, entre 1991 e 2023. Durante esses anos, o turismo internacional emergiu como uma estratégia vital para atenuar os danos econômicos do Período Especial e assegurar a resistência do sistema socialista. A pesquisa investiga como o turismo reconfigurou o tecido econômico da ilha, impulsionando a captação de divisas e preservando os direitos sociais conquistados. Para tal, o trabalho encontra-se calcado na seguinte pergunta: Como Cuba lida com os impactos negativos do turismo enquanto busca desenvolvimento econômico e social? A hipótese postula que, embora o Estado cubano busque mitigar tais impactos, a atividade turística enfrenta limitações intrínsecas ao não fomentar plenamente o desenvolvimento das forças produtivas, exigindo contínuos investimentos. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, ancorada no método Materialista Histórico-dialético, que desvela as contradições e desafios presentes na interação entre turismo e Revolução.

Palavras-Chave: Turismo; Revolução Cubana; Desenvolvimento;

RESUMEN

Este estudio se dedica a analizar el turismo como motor del desarrollo económico y social en la Cuba posrevolucionaria, desde 1991 hasta 2023. Durante estos años, el turismo internacional surgió como una estrategia vital para mitigar los daños económicos del Período Especial y asegurar la resiliencia del sistema socialista. La investigación explora cómo el turismo transformó el tejido económico de la isla, incrementando las ganancias de divisas y preservando los derechos sociales conquistados. La pregunta central radica en cómo Cuba equilibra los efectos adversos del turismo mientras busca el crecimiento económico y la justicia social. La hipótesis sugiere que, aunque el Estado cubano procura minimizar dichos impactos, el turismo enfrenta limitaciones inherentes para fomentar plenamente el desarrollo de las fuerzas productivas, lo que requiere inversiones continuas. Metodológicamente, se adopta un enfoque cualitativo, basado en el método dialéctico del Materialismo Histórico, para desvelar las contradicciones y desafíos en la interacción entre el turismo y la Revolución.

Palabras clave: Turismo; Revolución Cubana; Desarrollo.

ABSTRACT

This study is dedicated to analyzing tourism as a driving force behind economic and social development in post-Revolutionary Cuba, from 1991 to 2023. During these years, international tourism emerged as a vital strategy to mitigate the economic damages of the Special Period and ensure the resilience of the socialist system. The research explores how tourism reshaped the island's economic fabric, boosting foreign exchange earnings and preserving the social rights achieved. The central question lies in how Cuba balances the adverse effects of tourism while pursuing economic growth and social justice. The hypothesis suggests that, although the Cuban state seeks to minimize such impacts, tourism faces inherent limitations in fully fostering the development of productive forces, requiring continuous investments. Methodologically, a qualitative approach, grounded in the Historical Materialist dialectical method, is adopted to unveil the contradictions and challenges in the interaction between tourism and the Revolution.

Keywords: Tourism; Cuban Revolution; Development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCC - Banco Central de Cuba

CEEC - Centro de Estudios de la Economía Cubana

CIA - Central Intelligence Agency

CUP - Peso Cubano (moeda nacional de Cuba)

CUC - Peso Cubano Convertível (moeda usada em Cuba, equiparada ao dólar americano)

INTUR - Instituto Nacional de Turismo

MINSAP - Ministerio de Salud Pública

MINTUR - Ministerio del Turismo de Cuba

OMT - Organização Mundial do Turismo

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONEI - Oficina Nacional de Estadísticas e Información de Cuba

PCC - Partido Comunista de Cuba

TDM - Teoria da Dependência Marxista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS	22
3 OS PRIMEIROS TURISTAS: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO EM CUBA NO SÉCULO XX	36
3.1 ENTRE CASSINOS E BORDÉIS: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO (1902-1959)	36
3.2 A REVOLUÇÃO E O TURISMO: UM NOVO HORIZONTE (1959-1990)	44
4 À DERIVA: O PERÍODO ESPECIAL E A POLÍTICAS ESTATAIS DO TURISMO EM CUBA	54
4.1 ORGANIZAÇÃO E POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO EM CUBA A PARTIR DE 1990	54
4.2 DILEMAS E REPAROS: A CONTINUAÇÃO DAS POLÍTICAS NO SÉCULO XX	65
4.3 “ <i>LOCKDOWN</i> ”: A COVID-19 E O TURISMO CUBANO	73
5 TURISMO INTERNACIONAL: DE UMA ABORDAGEM TEMPORÁRIA A UMA ESTRATÉGIA SUSTENTÁVEL	78
5.1 EFEITOS NEGATIVOS DO TURISMO INTERNACIONAL NO TECIDO SOCIAL CUBANO CONTEMPORÂNEO	78
5.2 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA TURÍSTICA CUBANA	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

1 INTRODUÇÃO

“Ao invés de caluniado, não mereceria esse sofrido e generoso povo a dádiva de uma ajuda, um voto de confiança, de um jogo limpo, superior, respeitoso e ético?”
Jurema Finamour

A noção de história como um “passado objetivo” é inexistente, constituindo, na verdade, uma construção interpretativa e uma forma de presunção dos historiadores modernos (Lowenthal, 2015, p. 411). Ainda assim, adotar uma perspectiva retrospectiva é fundamental para compreender as trajetórias, processos e estruturas que conformam as dinâmicas do presente. Tal perspectiva é aplicável a condições socioeconômicas, políticas, estruturais de poder e ambientais. A análise histórica torna inteligíveis muitos dos fenômenos que caracterizam a Cuba contemporânea, revelando um tecido sociocultural complexo. Esse mosaico é produto direto de diversas influências, configurando padrões multifacetados, moldados sobretudo – embora não exclusivamente – por seu legado colonial e socialista.

A evolução do turismo em Cuba não é um fenômeno acidental, mas sim o resultado de escolhas políticas deliberadas e planejadas. Consequentemente, os impactos negativos e indesejáveis associados ao setor também resultam de decisões políticas específicas que, em grande parte, visavam a captação de capital para sustentar o projeto revolucionário. Embora tais efeitos colaterais não sejam intencionais, são amplamente tolerados em razão da importância econômica atribuída ao turismo (Völkening, 2024). Em termos estruturais, o turismo está inserido em redes de poder e na atuação de diferentes agentes. Assim, o turismo cubano não deve ser interpretado como mero desdobramento autônomo das dinâmicas de mercado, mas como produtos de ações deliberadas de atores que operam dentro de marcos políticos e discursivos específicos (Slater, 2017).

Nesse sentido, para mitigar a severidade da crise socioeconômica provocada pelo Período Especial e pelo bloqueio econômico, bem como preservar o sistema socialista cubano, o turismo internacional foi estabelecido como um dos pilares fundamentais da economia nacional da ilha. As divisas obtidas por meio do turismo são prioritariamente destinadas a financiar importações indispensáveis. Sob a ótica econômica e orçamentária, essa estratégia revelou-se amplamente eficaz. Entretanto, como evidencia Fidel Castro em um de seus discursos, esse êxito foi obtido “a contragosto”. A abertura do país ao turismo internacional tornou-se, em certa medida, uma necessidade inescapável, ainda que Cuba “não gostasse muito de turismo” (Castro, 1997).

Dessa forma, a escolha do turismo como um dos pilares da economia cubana deve-se ao expressivo potencial financeiro do turismo internacional, um setor descrito por Salinas

(2018) como a "principal economia do futuro". Essa visão também é apoiada pela Organização Mundial do Turismo (OMT), que considera o setor fundamental em uma perspectiva global (OMT, 2013, p. 2). Ademais, o crescimento do turismo em outras ilhas do Caribe, que se intensificou a partir da década de 1980 com o apoio do Banco Mundial como resposta às crises econômicas da década anterior (Robinson, 2008, p. 145), certamente impactou a percepção cubana sobre o valor estratégico dessa indústria.

Apesar de Fidel Castro ser frequentemente associado a declarações que sugerem uma posição crítica em relação ao turismo (Taylor Jr. & McGlynn 2009, p. 406), ele reconheceu a necessidade estratégica de gerar receitas em moeda estrangeira através do setor turístico para viabilizar a sustentabilidade econômica da Revolução, particularmente durante o Período Especial. Em 1990, na cerimônia de inauguração do Hotel Sol Palmeras em Varadero – o primeiro empreendimento turístico desenvolvido sob uma joint venture com capital estrangeiro –, Castro articulou suas percepções acerca do turismo e das parcerias internacionais no setor, revelando uma visão pragmática quanto à sua integração na economia nacional (Castro, 1990).

No es que no queramos; es que no sabemos cómo se administra un hotel, cómo se maneja el turismo y —caballeros, no sé si emplear la palabra o no— cómo se le saca más dinero al turismo, cómo se explota mejor el turismo. (Castro, 1990).

Nesse contexto, o restabelecimento do turismo internacional em Cuba tinha como principal objetivo a geração de moeda estrangeira, visando à manutenção da ordem social e política estabelecida (Jatar-Hausmann, 1999, p. 49). O turismo foi considerado meramente “um meio para sustentar o sistema” (Roland, 2010, p. 4). Para atingir essa meta, a expansão do setor turístico foi inicialmente concebida como uma medida temporária e geograficamente restrita durante o Período Especial (Salinas et al., 2018, p. 222). Em um discurso proferido em outubro de 1991, Fidel Castro enfatizou sua visão do turismo como uma ferramenta essencial para a preservação do modelo econômico e social cubano.

Haremos lo que haya que hacer; trabajaremos lo que haya que trabajar; resolveremos los problemas que esté en nuestras manos resolver; continuaremos en cualquier circunstancia nuestros programas; (...) **continuaremos desarrollando nuestro programa de turismo**; continuaremos desarrollando todos los programas económicos, buscaremos formas, inventaremos formas, buscaremos recursos (Castro Ruz, 1991, grifo nosso).

Dessa forma, o programa de turismo em Cuba demonstrou rapidamente sua eficácia. Até o final da década de 1990, o governo havia implementado a construção de 60 novos hotéis em todo o território nacional, apoiado por substanciais investimentos internacionais, resultando na posição da capacidade hoteleira cubana como a segunda mais significativa do Caribe, atrás apenas para República Dominicana (Castillo & Gaspar, 2002, p. 78).

Adicionalmente, a regulamentação das joint ventures e o subsequente aumento do capital de investimento global permitiram que o turismo internacional superasse o setor açucareiro no início dos anos 1990, tornando-se a principal fonte de receitas em moeda estrangeira do país (Jatar-Hausmann, 1999, p. 83).

Tendo isso em vista, o objetivo geral desta monografia é investigar o impacto do turismo cubano como mecanismo de desenvolvimento econômico-social para a Revolução no período de 1991 a 2023, analisando como essa indústria transformou a economia do país e contribuiu para a manutenção dos direitos sociais da ilha. E para que se chegue a ele, tem-se por objetivos específicos: 1) Analisar o contexto histórico e político que levou Cuba a priorizar o turismo como uma fonte de receita econômica após a perda dos seus principais parceiros comerciais. 2) Investigar as políticas estatais implementadas pelo governo cubano para promover o desenvolvimento do setor turístico e atrair investimentos estrangeiros. 3) Avaliar os impactos socioeconômicos do crescimento vertiginoso do turismo em Cuba, incluindo a geração de empregos, o aumento da renda e a melhoria das condições de vida da população local e 4) Demonstrar os desafios sociais e comunitários que o setor do turismo traz para a sociedade cubana.

Para tal, esse trabalho encontra-se calcado na seguinte pergunta: como Cuba lida com os impactos negativos do turismo enquanto busca desenvolvimento econômico e social? A hipótese dessa questão parte de que a experiência cubana no setor do turismo pavimenta um caminho de redução dos efeitos negativos dessa própria atividade e apresenta um Estado capaz de intervir e balizar esses efeitos com o menor prejuízo social possível. No entanto, aspectos essenciais da atividade turística endossam cada vez mais as condições de subdesenvolvimento, pois, apesar dos progressos sociais promovidos pela Revolução, a atividade turística detém pouca capacidade de desenvolvimento das forças produtivas: ela apresenta uma limitada competência de impulsionar os setores adjacentes à atividade, enquanto demanda contínuos investimento para sua modernização.

Em termos metodológicos, esse texto reconhece a importância de eleger o método Materialista Histórico-dialético como aporte do processo de investigação científica desta pesquisa. Considera-se esse método de análise o mais completo para compreensão, em sua totalidade, das contradições e concordâncias presentes na realidade social da América Latina e, em especial, de Cuba. Além disso, a pesquisa será desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, onde proporciona ao autor desta monografia uma maior gama de possibilidades para a investigação do objeto. Dessa forma, não limitando o trabalho somente aos dados estatísticos do Turismo em Cuba, tal abordagem garante melhores condições de realizar um

estudo de profundidade e, conseqüentemente, possibilita uma compreensão mais detalhada e dimensionada do setor.

Em segunda instância, a pesquisa apresenta caráter exploratório, onde oferece abertura para desenvolver o “conhecimento do pesquisador sobre os fatos, permitindo a formulação mais precisa de problemas, criar novas hipóteses e realizar novas pesquisas mais estruturadas” (Oliveira, 2011). Considera-se tal método valioso para esta pesquisa uma vez que nos auxilia a diagnosticar o desdobramento do setor turístico em Cuba, explorar novas alternativas e/ou descobrir novas ideias – contribuindo, assim, para possíveis pesquisas futuras. Ademais, as técnicas de coleta de dados utilizadas para execução dessa monografia se baseiam, em sua totalidade, em fontes bibliográficas, documentais e eletrônicas. De modo geral, são elas: livros, artigos científicos, documentos oficiais, relatórios, sites governamentais e notícias.

Por fim, considero de suma importância salientar que influenciaram fortemente a escolha do tema inquietudes pessoais que, com o decorrer de minha graduação, se tornaram preocupações pertinentes, e que com o desenvolvimento dessa monografia tento transformar em atuação.

É notório, na América Latina, inúmeros casos de desenvolvimento turístico pouco exitosos em curto e longo prazo, os quais deixam escassos ou quase nenhum benefício à população local. Ademais, esses desenvolvimentos se demonstram nocivos uma vez que, atrelados às políticas neoliberais que capilarizaram o continente, aprofundam cada vez mais as crises internas desses países. Dessa forma, não poupei esforços em escolher um tema que contribua com uma perspectiva de desenvolvimento mais justo e equitativo, no qual o Estado seja um protagonista dinâmico, necessário e imprescindível, e a comunidade local beneficiária desse desenvolvimento.

Embora existam trabalhos de pesquisa sobre a temática proposta, talvez devido a origem de seus autores – que em sua maioria são pesquisadores cubanos – tais trabalhos são de difícil acesso ou pouco divulgados. Isso se torna mais um motivo na escolha do tema. Esse trabalho e seu assunto abordado tenta contribuir para uma compilação, sistematização e análise da informação existente, objetivando divulgar e difundir as políticas turísticas estatais e os efeitos econômicos que elas geram dentro de um modo de produção socialista, que são escassamente divulgados em nosso país, e dos quais seria mais do que conveniente que tomássemos exemplo. É de vital importância que os brasileiros conheçam a verdade sobre Cuba e por essa verdade sejam guiados na formulação de sua atitude. Se para tanto contribuir este estudo, considero, só por isso, bem sucedido.

Por fim, Cuba resiste de maneira heroica a todo tipo de pressão orquestrada pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, a CIA, e demonstra ser o resultado de uma revolução popular e autônoma. A partir dessa perspectiva, torna-se imperioso o estudo de um dos setores mais importantes da ilha e sua contribuição para conservação do modelo revolucionário cubano. Visando estimular o debate e o pensamento crítico – em sintonia com aqueles que encontram em Cuba um tema de pesquisa essencial para o estudo das Relações Internacionais da América Latina – é fundamental nos distanciarmos das análises maniqueístas do turismo como “modelo” ou “contra modelo”, e sim sublinharmos os desafios e perspectivas que esse setor pode nos oferecer para o presente e o futuro.

Em consonância com a epígrafe deste primeiro capítulo e a título de reflexão, introduzo um simples questionamento: quem poderia se sentir ameaçado ou prejudicado pela felicidade de uma pequena nação insular que, após uma década de guerra contra a antiga Espanha, conquistou sua independência e soberania, apenas para vê-las usurpadas pelos norte-americanos por meio da Emenda Platt? Seria o imperialismo um sistema tão vulnerável e frágil, com uma estrutura tão insegura, a ponto de se abalar profundamente diante das concessões legítimas realizadas por um regime verdadeiramente democrático?

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Quando se erra na análise, também se erra na orientação política. (Palmiro Togliatti) [1935]1970, p. 11.

Primordialmente, vê-se necessária a tentativa de definição do conceito elementar para essa pesquisa: o turismo. Essa atividade se transformou em um fenômeno de notável relevância nas sociedades modernas. Ainda que em tempos de crise e recessão econômica, o turismo manteve um dinamismo significativo em comparação com outros setores da economia (Boullón, 2006).

Simultaneamente, as expectativas geradas a partir dessa atividade – em termos políticos, sociais e culturais – não se restringem apesar da eventual crise, mais ou menos prolongada, que um país pode experimentar. Dessa forma, o turismo deve ser considerado, em essência, como produto de uma cultura, no sentido mais amplo do termo (Boullón, 2006). Nesse sentido, as premissas no âmbito econômico que se empenham a compreender a importância do turismo são, evidentemente, insuficientes, embora significativas, pois não contemplam e nem equacionam as múltiplas dimensões desse setor (Molina, 1991).

Em um sentido mais estrito, o turismo é resultado de uma cultura universal, enquanto também transcende as culturas locais na qual o setor se manifesta (Molina, 1991). Essa complexidade estrutural do turismo é peça fundamental para qualquer planejamento que pretenda desempenhar um autêntico processo de desenvolvimento, seja da própria atividade, das empresas ou das comunidades locais na qual se relacionam de maneira direta ou indireta com o setor.

Os primeiros esforços para definir o turismo contemporâneo datam desde a década de 1930, onde o elemento central de definição se pautava no deslocamento, ou seja, as próprias viagens efetuadas pelos turistas (Molina, 1991). Em torno desses conceitos se estruturaram diferentes definições que apresentavam, em grande parte, escassas variantes sobre o fenômeno. Neste marco, Hunziker e Krapf elaboraram uma definição que atualmente encontra grande validação internacional:

Turismo es el conjunto de las relaciones y los fenómenos producidos por el desplazamiento y permanencia de personas fuera de su lugar de domicilio, en tanto que dichos desplazamientos y permanencia no estén motivados por una actividad lucrativa principal, permanente o temporal (Hunziker & Krapf, 1973 apud Molina, 1991).

Nesse mesmo raciocínio, a Organização Mundial do Turismo (OMT) elaborou um conceito de turismo bastante restrito somente à compreensão e utilização dos dados estatísticos desse setor. Entende-se por turismo, de acordo com a OMT,

O turismo é um fenômeno social, cultural e econômico que envolve o deslocamento de pessoas para países ou lugares fora de seu ambiente usual, seja por motivos pessoais ou de negócios/profissionais. Essas pessoas são chamadas de visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo diz respeito às suas atividades, algumas das quais envolvem despesas turísticas. (OMT, 2024, tradução nossa).

No entanto, esse conceito de nenhum modo engloba a complexidade do fenômeno turístico, pelo contrário, ele serve de suporte para elaboração de dados estatísticos dessa atividade e se limita a descrever e explicar apenas um dos demasiados aspectos do turismo.

Desde que o turismo adquiriu significativa relevância, seu entendimento analítico evoluiu de forma gradual, resultante de estudos e ensaios individuais, ao invés de uma pesquisa sistemática, o que tem impedido a formação de um corpo teórico consolidado. A ausência de integração teórica pode ser atribuída, em parte, à falta de confrontações e debates que possibilitem a identificação e a comparação das diversas ideias circulantes a respeito desse setor (Boullón, 2006).

Além disso, os distintos termos conceituais utilizados pelos especialistas corroboram para o distanciamento de uma concepção única para essa atividade. Cada especialista projeta sua própria visão e compreensão no campo do turismo, resultando em uma multiplicidade de interpretações. Nesse sentido, quando esses pesquisadores tentam conceituar o fenômeno turístico, surgem múltiplas versões e terminologias diversas para descrever um mesmo conceito.

Conseqüentemente, e a título de exemplo, um complexo turístico pode ser definido simultaneamente como uma estância, uma loja de artesanato, um hotel com jardins e quadras esportivas, um centro turístico, ou até mesmo um edifício de uma cooperativa de artesãos. De maneira semelhante, há uma confusão frequente entre as diferentes formas de turismo social, subsidiado, popular e de massa – uma distinção que não buscaremos esclarecer neste trabalho. Dessa maneira, uma explicação para essas anormalidades pode ser encontrada no fato de que

o turismo, por ser algo novo e ter crescido de forma inesperada, pressionado pelos problemas que o próprio crescimento descontrolado deixou sem resolver, ainda não encontrou tempo para criar seu próprio linguajar técnico minimamente aceitável. Por isso, a terminologia turística criada por essa atividade é mínima, utilizando-se, em seu lugar, conceitos tomados de outras disciplinas, sem que até hoje se tenha feito um balanço desses termos e muito menos se chegado a um acordo sobre o significado que assumem quando aplicados ao turismo. Há casos em que as palavras adotadas provêm de campos onde ainda persistem dificuldades semânticas, como ocorre, por exemplo, com o planejamento físico, o urbanismo e o design urbano; de modo que, ao serem incorporadas ao turismo, sua interpretação conceitual se agrava, ficando à mercê do uso que cada técnico, texto ou relatório deseja dar, causando múltiplas confusões e dificuldades de compreensão e comunicação (Boullón, 2006, p. 12).

Evidentemente, não se pretende esgotar aqui todas as conceituações desse fenômeno, mas sim compreender que o turismo, atualmente, tem adquirido distintas conotações, significados e consequências de uma grande complexidade, que perpassa e extrapola elementos meramente quantitativos e incrementais. Dessa forma, fica claro que apostar em uma classificação única e assertiva do turismo se demonstra pouco provável e prejudicial a esta pesquisa. No entanto, quem escreve assume, ao mesmo tempo, a responsabilidade de contribuir para a compreensão do fenômeno dentro do marco social-econômico que se dará, fundamentalmente, neste trabalho. Nesse sentido, parte-se da aproximação conceitual de que o turismo

en la actualidad es resultado de procesos sociales y culturales no completamente cuantificables, que resultan imprescindibles para comprenderlo y para llevar a cabo acciones que permitan obtener de él los mejores rendimientos globales, ya sean financieros y no financieros (Molina, 1991, p. 11).

Essa compreensão torna-se ainda mais relevante ao considerarmos o contexto latino-americano. Durante os últimos anos, grande parte da América Latina presenciou um processo de retirada paulatina do Estado e sua atuação em certas atividades econômicas, o que debilitava sua gestão em processos sociais como a educação, a saúde e a segurança pública – esse não foi o caso de Cuba. Efetivamente, o Estado cubano assumiu a tarefa de planejamento do turismo, e tem desempenhado um esforço de grande magnitude nesse setor. Mas como buscar desenvolvimento em um continente marcado por profunda exploração colonial?

A resposta dessa pergunta reside na forma específica que o povo cubano encontrou para resolver seus problemas – políticos, econômicos e sociais: uma revolução. A Revolução Cubana pode ser analisada sob duas perspectivas principais: como um processo de conquista do poder liderado por Fidel Castro e seus companheiros, que se engajaram na resistência insurrecional contra a ditadura cleptocrática vigente. Nesse contexto, a revolução caracterizou-se como um movimento guerrilheiro que mobilizou o descontentamento da população cubana frente às condições de pobreza, corrupção, falta de liberdade e dependência econômica dos Estados Unidos, resultando na instauração de um governo revolucionário nos primeiros dias de 1959 (Sader, 1985).

Em uma segunda acepção, a Revolução Cubana de 1959 pode ser interpretada como a continuação das frustradas lutas de independência iniciadas na segunda metade do século XIX. Essa revolução se distingue não apenas pela tomada do poder, mas pelo desenvolvimento de um processo de transformações radicais nas estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas, estabelecendo Cuba como o primeiro país socialista da

América Latina e do mundo ocidental (Fernandes, 2018). Dessa forma, ao compreender esse fenômeno como um processo heterodoxo, a revolução

é o conjunto de processos de mobilização, organização e luta do povo, em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes na sociedade (Sader, 1985, p. 5).

Com base nesse conceito, a revolução ocorrida em Cuba representa um dos poucos exemplos neste continente que verdadeiramente justifica o uso do termo "revolução", independentemente da avaliação de seu caráter. Ela não se caracteriza apenas como um produto histórico da mobilização popular, mas também pelo desenvolvimento de um programa abrangente de transformações democráticas, nacionais e socialistas, que alteraram fundamentalmente a sociedade cubana ao longo do século XX, desde a fuga de Batista até a consolidação do poder revolucionário em Havana.

Portanto, esta pesquisa pretende examinar a Revolução Cubana como um evento histórico autêntico, desprovido de dogmatismo e ortodoxias, com o objetivo de proporcionar uma compreensão aprofundada de sua relevância no presente – como uma história concreta de resistência, soberania e nacionalismo que afeta a todos nós.

Para tal, é imperativo delinear de forma precisa e crítica o conceito de dependência, uma condição que perpetua a vulnerabilidade e atrasa de maneira substancial o progresso socioeconômico do continente latino-americano e, especialmente, de Cuba. De antemão, faz-se necessário esclarecer aqui, que se busca utilizar tal conceito como categoria analítico-explicativa essencial para o entendimento da configuração social latino-americana e, a partir dela, procurar compreender o caráter condicionante das relações de dependência entre centro-hegemônico e países periféricos.

A série de estudos sobre as relações de dependência na América Latina, frequentemente denominada teoria da dependência devido à sua extensão, fundamentação teórica e empírica, e análise sistemática dessas relações, iniciou-se na década de 1960 com uma abordagem fundamentalmente crítica. Embora não seja necessário reiterar as análises previamente realizadas por outros estudiosos, é pertinente mencionar que o conceito de dependência empregado pelos marxistas e por aqueles alinhados com uma perspectiva de esquerda, mesmo sem serem estritamente marxistas, não surgiu de forma espontânea na América Latina.

Esses estudos se alicerçaram em uma rica tradição histórica e polêmica no contexto do pensamento marxista em sua evolução. Os antecedentes teóricos e políticos incluem as análises de Marx e Engels sobre a situação colonial; os debates entre os social-democratas

russos, especialmente Lênin; a teoria do imperialismo (1917) e suas implicações na situação colonial, desenvolvida por Hilferding (1985), Bujarin (1971) e Rosa Luxemburgo (1970); a controvérsia sobre a revolução colonial no II Congresso da Comintern, culminando nas teses sobre as questões nacional e colonial formuladas por Lenin; a aplicação inovadora do marxismo-leninismo por Mao Tse-tung em diversas de suas obras; e, por fim, a tentativa de Paul Baran na década de 1950 de aplicar o método de análise marxista para entender o fenômeno do "subdesenvolvimento".

À luz da Teoria da Dependência Marxista (TDM), deve-se caracterizar a dependência como uma situação condicionante, ou seja, “a dependência é uma situação na qual a economia de um grupo de países está condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia à qual se encontra submetida” (Santos, 1972, p. 28). Nesse sentido, considerando que uma situação de condicionamento determina os limites e possibilidades de ação e comportamento dos homens (Bambirra, 2013), chega-se a segunda esfera da dependência: aquela que “condiciona uma certa estrutura interna que a redefine em função das possibilidades estruturais das diferentes economias nacionais” (Santos, 1972, p. 28).

Dessa maneira, no contexto de Cuba, devido, primeiramente, ao domínio espanhol e, posteriormente, à dominação imperialista dos Estados Unidos, ambos conjugados com o sistema semifeudal de latifúndios, o avanço do capitalismo foi reprimido, incapaz de fomentar de maneira adequada os setores industrial e agrícola da ilha. Como resultado, emergiu uma economia atrasada e empobrecida, centrada em monoculturas, suscetível às flutuações mínimas nos preços e na demanda de um único produto, o açúcar, no mercado global, e carente tanto de indústrias básicas quanto de indústrias leves plenamente desenvolvidas (Péricas, 2018).

Antes de avançar na análise, é imprescindível sublinhar que um dos principais méritos decorrentes do estudo sobre a dependência consiste em evidenciar que o imperialismo não se configura apenas como um fenômeno externo ao capitalismo na América Latina, mas também como um elemento constitutivo intrínseco a este (Bambirra, 2013). A reflexão teórica central que se desprende desse estudo, e que ainda não foi tratada de forma sistemática, é a de que a dominação imperialista não se restringe às suas expressões mais visíveis, tais como a presença de capitais estrangeiros na produção, a transferência de mais-valia para os países imperialistas por meio de mecanismos mercantis e financeiros, e a subordinação tecnológica. Pelo contrário, a dominação manifesta-se na própria forma que o modo de produção capitalista assume na América Latina e nas particularidades que as leis que regem o seu desenvolvimento apresentam. De acordo com Bambirra,

O modo como se agudizam, no capitalismo dependente, as contradições inerentes ao ciclo do capital; o agravamento do caráter explorativo do sistema, que o leva a configurar um regime de superexploração do trabalho; os obstáculos criados à passagem da mais-valia extraordinária a mais-valia relativa, e seus efeitos perturbadores na formação da taxa média de lucro; a consequente extremação dos processos de concentração e centralização do capital – **é isto que constitui a essência da dependência, a qual não pode ser suprimida sem se eliminar o próprio sistema econômico que a engendra: o capitalismo** (1973, p. 21, grifo nosso).

Em outras palavras, não é viável conceber uma luta anti-imperialista dissociada da luta pela superação do capitalismo e, conseqüentemente, da luta pelo socialismo. Todavia, o socialismo transcende a mera configuração de um regime específico de organização da produção e distribuição de riqueza; não se trata apenas de um modelo econômico. O socialismo constitui, primordialmente, uma economia que expressa os interesses de uma classe – o proletariado – e se contrapõe, portanto, aos interesses da classe antagonista: a burguesia. Nesse sentido, compreende-se que a luta pelo socialismo se materializa por meio da revolução proletária, a qual antagoniza a classe trabalhadora e seus aliados à burguesia. Compreende-se, portanto, que esta última não possua “lugar no bloco histórico de forças a quem incumbe realizar a revolução latino-americana” (Bambirra, 1973, p. 21).

O caráter democrático da Revolução Cubana permaneceu predominante até a primeira metade de 1960. A partir desse período, observa-se o início de um processo qualitativamente novo, marcado pela transformação socialista da ilha. Nesse contexto, a economia cubana passa por um processo de socialização, e as relações de produção são profundamente revolucionadas, impactando de forma significativa a superestrutura política, jurídica e administrativa do país. Paralelamente a essa transformação, a base material da dominação capitalista, que havia persistido durante a fase inicial da revolução, é sistematicamente desmantelada, tanto em nível infraestrutural quanto superestrutural. Esse processo culmina na emergência de novas formas de estrutura de poder, organização social da produção e, conseqüentemente, na reconfiguração da cultura cubana (Bambirra, 1973). Para Marx,

Uma formação social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela comporta, e relações de produção superiores jamais aparecem antes que as condições materiais de sua existência tenham amadurecido no seio da própria velha sociedade (1983, p. 341)

Dessa forma, pode-se dizer que a fase democrática chega ao fim quando, na estrutura econômico-social de Cuba, todas as possibilidades de manutenção do modo de produção capitalista se esgotam, tornando inviável qualquer retrocesso por meio de uma contra-revolução. Por outro lado, de acordo com Vânia Bambirra,

as tarefas democráticas cumpridas revelam-se insuficientes e incapazes de resolver os problemas postos pelo desenvolvimento revolucionário do país. A única possibilidade de sobrevivência da revolução e de cumprimento das suas aspirações básicas – desenvolvimento econômico, justiça social, democracia política – era através da superação total dos quadros democráticos inicialmente fixados pelo programa do movimento revolucionário. A prática revolucionária avança muito mais do que as soluções preconizadas ao triunfar a revolução, e põe, de fato, na ordem do dia, a necessidade de enfrentar o cumprimento de tarefas superiores (1973, p. 252).

Em outros termos, pode-se afirmar que a revolução necessitava de um aprofundamento substancial e de uma redefinição abrangente de suas soluções. Com a destruição radical da antiga sociedade capitalista, tornou-se imperativo construir uma nova sociedade, essencialmente distinta, dotada de novos aparatos institucionais e fundamentada em uma nova concepção ideológica – exigia-se, portanto, a implementação do socialismo.

Em 19 de abril de 1961 – ano da invasão mercenária – Fidel Castro formaliza a adoção do socialismo por Cuba. Como salientado por Che Guevara esta “definição não precedeu, nem de longe, o fato real de que já existiam as bases econômicas estabelecidas para essa afirmação” (Guevara, 1964, p. 13, tradução nossa).¹ Essa realidade, no entanto, não emergiu de forma preexistente, mas foi conquistada e edificada por meio de um processo revolucionário que advogava pelo humanismo, pelo desenvolvimento econômico, pela justiça social e pela democracia política. Portanto, para se manter fiel aos seus postulados fundamentais, inicialmente moldados sob uma perspectiva democrática, “teve de romper com a democracia burguesa até às suas últimas conseqüências, teve de transformar-se em socialista” (Bambirra, 1973, p. 261).

Uma vez resolvida a questão teórico-conceitual, ainda que em um relativo grau de abstração, faz-se necessária a compreensão da Teoria da Dependência Marxista em um contexto de subordinação da economia cubana aos países capitalistas mundiais. Essa teoria emerge em meados da década de 1960, e pode ser considerada como um produto da evidente falha de análise e propostas da ala desenvolvimentista de tentar explicar as peculiaridades do desenvolvimento socioeconômico do continente. Em concordância com alguns autores (Furtado, 2007; Pericás, 2018), a Revolução Cubana foi um dos elementos históricos que serviu de exemplo para a Teoria da Dependência Marxista – seja atestando contra elementos reformistas do estruturalismo cepalino, seja pela postura de enfrentamento ao imperialismo norte-americano.

Na prática, a TDM elabora uma nova tentativa de compreender a reprodução do sistema capitalista em países periféricos, enquanto ele demonstra criar e intensificar

¹ Versão original: (...) definición que no precedió ni mucho menos, al hecho real de que ya existieran las bases económicas establecidas para esta aseveración (Guevara, 1964, p. 13).

desigualdades em âmbitos políticos, econômicos e sociais no continente latino-americano. Ou seja, em divergência com o desenvolvimentismo, a TDM não percebe o subdesenvolvimento e desenvolvimento como fases de um processo evolutivo, mas sim como conjunturas que – mesmo vinculadas pela mesma estrutura – apresentam distinções em sua essência. Nesse sentido, o subdesenvolvimento agora é compreendido como reflexo do avanço do modo de produção capitalista, superando dessa maneira a ideia de um subdesenvolvimento enquanto uma fase “pré-industrial” (Duarte; Gracioli, 2007). De acordo com Bamber,

[...] o “atraso” dos países dependentes foi uma *consequência* do desenvolvimento do capitalismo mundial e, ao mesmo tempo, a *condição* desse desenvolvimento nas grandes potências capitalistas mundiais. Os países capitalistas desenvolvidos e os países periféricos formam uma mesma unidade histórica, que tornou possível o desenvolvimento de alguns e o inexorável atraso de outros (2013, p. 44, tradução nossa).

A América Latina, dessa forma, se relaciona com as potências capitalistas por meio de uma arquitetura desenhada a partir de uma divisão internacional do trabalho, onde as relações de produção da periferia são delineadas e convertidas para assegurar a perpetuação e ampliação de sua dependência. Nesse sentido, é o comportamento do capitalismo mundial, que

[...] ao especializar as economias periféricas em produtos únicos, induz à sua modernização, gerando assim os elementos para a diversificação da produção por meio do desenvolvimento industrial, diversificação essa que, por sua vez, leva à superação da especialização e da divisão internacional do trabalho nos moldes existentes até então, reafirmando assim a lei do desenvolvimento desigual e combinado (Bamber, 2013, p. 44, tradução nossa).

Assim, a ilha foi submetida, durante toda sua história, a duas formas de dependência: a dependência colonial, marcada pela exploração e exportação de matérias-primas, onde o capital comercial e financeiro, atrelado a prática colonialista, orientava as relações econômicas entre metrópole e colônia (Santos, 2011, p. 7); e a dependência financeiro-industrial que, consolidada na virada do século XIX, se caracteriza pela plena dominação do grande capital nas hegemonias, onde sua expansão se dava a partir do incentivo à produção, nas colônias, de matérias-primas e insumos agropecuários. Isso gerou, especificamente na ilha, o desenvolvimento de uma estrutura produtiva interna especializada e monoprodutora (Fernandes, 2007). Dessa forma, “Cuba tinha aptidão para produzir um só produto, e os Estados Unidos, centenas ou milhares” (Furtado, 2007, p. 433).

O caso de Cuba pós-Revolução é o marco histórico de uma ruptura radical com essas condições de dependência e o nascer de um novo horizonte socialista para a América Latina. No entanto, Cuba é capaz de manter seu desenvolvimento econômico longe da intervenção capitalista norte-americana enquanto busca progresso social?

As mazelas decorrentes da dependência adquiriram diferentes magnitudes em cada país do continente latino-americano. A contínua procura por desenvolvimento mediante uma política discrepante com sua estrutura geográfica, cultural e socioeconômica – é correto dizer, uma política tecnocrata – denominada por “crescimento econômico”, seja ele natural ou planejado, tem gerado profundas desigualdades no Sul Global. É aqui que se torna conveniente analisar o conceito de *desenvolvimento* e o que é uma sociedade desenvolvida – sem o objetivo de apresentar uma fórmula que exclua qualquer outra, da mesma forma que não se pretende sugerir que outras definições não possam ser melhores para outros propósitos.

Os modelos comumente atrelados a esses dois termos são os Estados Unidos, países do continente europeu e os então chamados “Tigres Asiáticos” (Cingapura, Coréia do Sul, Taiwan e Hong Kong). Tem-se, assim, que é necessário “alcançar” esses estágios de desenvolvimento reproduzindo, historicamente, as experiências que esses países tiveram. Em linhas gerais, argumenta-se que seja possível reduzir o termo desenvolvimento a um modelo formal, cujo conteúdo estaria sujeito a uma pequena variação histórica (Santos, 1972). Por exemplo, se supõe que o desenvolvimento exija um agente impulsionador, que pode ser tanto o empresariado (em países capitalistas) ou o Estado (em países socialistas).

A diferença entre os dois regimes são reduzidas a este único ponto e, dessa forma, a simples questões de variáveis distintas, mas que cumprem a mesma função. Todavia, essas premissas aparentam serem reducionistas e pouco fundamentadas na realidade histórica. Em palavras de Teotônio dos Santos,

no existe posibilidad alguna de que veamos constituirse sociedades que alcancen el mismo estadio de desarrollo de las actuales sociedades desarrolladas. El tiempo histórico no es lineal; es imposible que una sociedad avance hacia etapas anteriores a las sociedades existentes. Todas las sociedades se mueven juntas y paralelamente hacia el futuro y hacia una forma de sociedad moderna. Las sociedades capitalistas desarrolladas corresponden a una experiencia histórica completamente superada, ya sea por sus fuentes básicas de capitalización privada, fundada en la explotación del comercio mundial, ya sea por la incorporación a la producción industrial de importantes masas de trabajadores, ya sea por la importancia del desarrollo tecnológico interno de esos países. Todas esas condiciones históricamente específicas no pueden repetirse hoy (1972, p. 4).

Nesse sentido, os moldes utilizados pelos países desenvolvidos não se podem repetir atualmente, da mesma maneira que os modelos de “sociedade desenvolvida” não devem se constituir em, meramente, objetivos a serem alcançados. O desenvolvimento dos países subdesenvolvidos deve ser analisado como uma experiência específica a ser cristalizada, abarcando suas condições históricas que, por sua vez, condicionam esse processo. De acordo com Santos,

La ciencia del desarrollo (sociología o economía) sólo es ciencia cuando abandona la premisa de un objetivo formal a lograr y, en consecuencia, de um camino tendiente a lograrlo, y trata de comprender el desarrollo en cuanto proceso histórico (1972, p. 5).

Ou seja, deve-se compreender desenvolvimento e, em especial o cubano, a partir de uma perspectiva que admita suas contradições e atritos no processo de organização de sua economia, que reconheça suas dificuldades de garantir novas fontes de abastecimento essenciais, bem como de firmar novos mercados para as exportações do país. Tudo isso em grande parte devido ao anacrônico bloqueio e sabotagem do império norte-americano e obstrução, internamente, de parte da antiga classe dominante. Dessa forma, o horizonte de superação dessas dificuldades é condicionado por múltiplos fatores político-econômicos em âmbito interno e externo, de modo que o turismo, em certa medida, amenize essa conjuntura.

Paul Baran (1984), economista marxista, define o desenvolvimento econômico nacional em termos de aumento da produção de bens de consumo e de capital. Assim, o crescimento econômico não necessariamente levaria ao desenvolvimento. Para estimular esse fenômeno, é necessário antes impulsionar atividades econômicas produtivas, não somente aumentar o Produto Interno Bruto. As atividades produtivas são as que, por meio da organização do trabalho, dos recursos naturais e do capital, geram bens destinados ao consumo daquela população, a elaboração de outros bens ou ao seu intercâmbio (Baran, 1984). Nesse sentido, de acordo com Molina,

no se puede alcanzar un desarrollo económico mediante el impulso de actividades improductivas (terciarias), porque no se incrementa la reserva de bienes de consumo y de capital, es decir, no se genera acumulación. El turismo como actividad no productiva, puede únicamente cumplir funciones complementarias, en términos económicos, pero no genera desarrollo nacional, ni regional, ni local (1991, p. 20).

Esse não é o caso do setor em Cuba. Apesar da desastrosa conjuntura que a ilha experienciava – devido ao Período Especial – se concentraram os escassos recursos disponíveis e se desempenhou ativamente, superando as adversidades, o maior e mais dinâmico processo de desenvolvimento turístico experimentado pelo Caribe. O caso atípico de Cuba pode ser explicado por Baran, no sentido de que

nenhum planejamento digno desse nome é possível numa sociedade em que os meios de produção permanecem sob controle dos interesses privados, que os administram visando ao lucro máximo do proprietário (ou a segurança, ou qualquer outra vantagem particular). Faz parte da essência mesma do planejamento geral para o desenvolvimento econômico — o que o torna, na verdade, indispensável — o fato de que o padrão de distribuição e utilização de recursos que deve impor, se quiser atingir seus objetivos, é necessariamente diferente do padrão predominante sob o status quo (1984, p. 24).

Assim, em linhas gerais, a forma como o processo de planejamento é adotado em um país está diretamente relacionado ao tipo de projeto nacional de desenvolvimento que ele promove e ao sistema econômico que o sustenta. Nesse sentido,

para que o aumento do produto global do país atinja a magnitude de, digamos, 8 ou 10% ao ano, se, para realizá-lo, o modo de utilização dos recursos humanos e materiais da nação deve modificar-se radicalmente, abandonando-se certas linhas de atividade econômica menos produtivas e adotando-se outras mais compensadoras, então somente a planificação deliberada, a longo prazo, pode proporcionar a consecução desses objetivos (Baran, 1984, p. 24).

A discussão promovida por Che Guevara em defesa da planificação socialista e em oposição à utilização dos instrumentos de mercado, considerados por ele como prejudiciais, apresenta-se como altamente impactante e persuasiva. Todavia, Péricas (2018) ressalta uma deficiência considerável no discurso de Guevara, ao afirmar que “suas ideias sobre a relação entre democracia e planificação foram insuficientes” (Péricas, 2018, p. 8). Em outras palavras, ao destacar o esforço significativo em defender a importância crítica da planificação, especialmente em um contexto em que a ideologia neoliberal predomina, é preciso reconhecer que há lacunas substanciais no que diz respeito às políticas fundamentais envolvidas nessa questão. Em palavras de Péricas,

Quem realiza a planificação? Quem determina as opções principais do plano econômico? Quem prioriza a produção e o consumo? Sem uma democracia genuína – isto é, sem a) pluralismo político, b) uma discussão aberta das prioridades e c) a liberdade da população para escolher entre as distintas propostas e plataformas econômicas em debate –, a planificação se transforma, inevitavelmente, em um sistema burocrático e autoritário de “ditadura sobre as necessidades” (como demonstra amplamente a história da antiga União Soviética) (2018, p. 9).

Ou seja, quando abordamos planificação econômica, elementos de grande relevância incluem o grau de socialização dos meios de produção; a natureza das políticas sociais e de bem-estar; o mecanismo predominante de alocação de recursos; o nível de abertura ao mercado externo e o tratamento dado ao capital estrangeiro (Ilpes, 1988). Assim, para um desenvolvimento vertiginoso e igualitário, é essencial que a planificação

se transforme no grito de guerra de um amplo movimento popular, seja defendida contra a oposição dos beneficiários do ancien regime e transformada no princípio orgânico básico da economia por uma revolução social vitoriosa, que derrube a antiga classe dominante com a propriedade privada dos meios de produção de que ela dependia (Baran, 1984, p. 25).

Elaborando o entendimento de planificação, a intervenção direta do Estado nas relações econômicas busca regular aspectos da reprodução, ordenando, influenciando ou substituindo a autorregulação mercantil (Villanueva, 2013). Na história de todas as tentativas de construção socialista que se adequaram ao modelo soviético, aparece com constância o alto grau de centralização que a intervenção estatal adotou. No entanto, essa noção de planificação

– difundida como princípio sistemático desde a ortodoxia marxista – é severamente passiva de crítica e inconsistência, devido à sua falta de flexibilidade (Villanueva, 2013). Para o modelo cubano atual, compreende-se que

el sistema de planificación socialista continuará siendo la vía principal para la dirección de la economía nacional, y debe transformarse en sus aspectos metodológicos, organizativos y de control, (...) tendrá en cuenta el mercado influyendo sobre el mismo y considerando sus características (PCC, 2011, p. 11).

Ou seja, é dizer que se mantém um Modelo econômico centralizado, mas como uma participação ativa de diferentes formas de propriedade além das estatais (empresas mistas, cooperativas e o *cuentapropismo*), onde sua centralização se justifica a partir da necessária proteção das conquistas do sistema social cubano, como a saúde, educação, segurança e justiça social. Em uma perspectiva de longo prazo, o Partido Comunista Cubano esclarece,

El modelo excesivamente centralizado que caracteriza actualmente nuestra economía deberá transitar, con orden y disciplina y con la participación de los trabajadores, hacia un sistema descentralizado, en el que primará la planificación, como rasgo socialista de dirección, pero no ignorará las tendencias presentes en el mercado, lo que contribuirá a la flexibilidad y permanente actualización del plan (2011, p. 11).

Dessa forma, em virtude de múltiplas pressões externas e com vistas à otimização da eficiência econômica interna, os dirigentes cubanos passaram a considerar, a partir de 1959, a viabilidade da implementação de um sistema de economia planificada. Este movimento, de certa forma, delineava uma trajetória rumo ao socialismo, especialmente no que concerne aos grupos que estariam no comando desse mecanismo e à configuração desta nova estrutura. Ganhou crescente influência ideológica e política o Partido Socialista Popular (PSP), que defendia enfaticamente a introdução do planejamento econômico na ilha. De acordo com Blas Roca,

Hace falta en cuarto lugar que toda la producción y todo el desarrollo económico se realice conforme a un plan trazado con vistas a satisfacer las necesidades de la sociedad, a incrementar la riqueza social y a elevar la productividad del esfuerzo social. Este plan es vital en el desarrollo del socialismo, pues sin él la sociedad no puede dominar a las fuerzas económicas sino que son las fuerzas económicas las que dominan a la sociedad; sin él se impone la anarquía de la producción y el despilfarro de las fuerzas y los recursos sociales (1961, p. 221).

Em outras palavras, é argumentar que somente a economia planificada tem a capacidade de, por um lado, mitigar ou erradicar a escassez de determinados produtos e, por outro, evitar o excesso de produção de outros, sem os inconvenientes e as crises que frequentemente acompanham a produção descoordenada e não planejada pelos agentes privados capitalistas. A partir dessas premissas, se começam a realizar mudanças na política econômica externa cubana, onde houve a abertura gradual ao investimento estrangeiro e a reestruturação do comércio exterior, diversificando-o, dessa forma, tanto geográfica quanto

comercialmente (Villanueva, 2013). Isso implica dizer uma abertura considerável do setor turístico.

Dessa forma, a atividade turística em Cuba tem sido uma importante fonte de emprego, sobretudo para a população jovem e feminina e seu desenvolvimento tem beneficiado, com o aumento de renda, aproximadamente 11% da população cubana (Villanueva, 2013). Ademais, o setor tem promovido “desarrollo intersectorial a nivel regional, lo que origina un efecto multiplicador sobre las diferentes ramas productivas que funcionan en los territorios” (Villanueva, 2013, p. 246). Assim, torna-se evidente que o estabelecimento de uma economia socialista planificada é condição essencial – e mesmo indispensável – para que os países subdesenvolvidos atinjam o progresso econômico e social.

Entretanto, o progresso desse setor traz efeitos negativos que destoam dos princípios revolucionários, são eles: mercado interno de drogas, prostituição, e dependência única dessa atividade. Nesse sentido, de acordo com Emanuel Kadt (1979), “a medida que a política em relação a qualquer setor, como o turismo, reflete a situação socioeconômica existente, é provável que o desenvolvimento do mesmo setor reforce os padrões sociais existentes (Kadt, 1979, p. 9, tradução nossa). Assim, compreender essa relação nos permitirá analisar e entender a complexidade do impacto socioeconômico do turismo, e as possibilidades de desenvolvimento desse setor na ilha.

Os países subdesenvolvidos sabem, agora, que o progresso socioeconômico pode ser arquitetado, se houver vontade, resiliência e coragem para declarar guerra ao subdesenvolvimento e se houver uma inquebrável resolução de enfrentar essa guerra, frente à mais impiedosa resistência dos países imperialistas. Em conclusão, a realidade dominante dos dias de hoje é a de que a instituição da propriedade privada dos meios de produção se encontra hoje em radical incompatibilidade com o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade historicamente oprimida. Dessa forma, fica evidente que

as noções de “desenvolvimento” e de “crescimento” sugerem uma transição para algo novo, a partir de algo velho que se tornou obsoleto. Essa transição só pode ser efetuada por meio da luta constante contra as forças retrógradas e conservadoras, por meio da mudança da estrutura econômica, política e social de uma sociedade atrasada e estacionária (Baran, 1984, p. 44).

Assim, o desenvolvimento e o progresso somente serão atingidos se todos os esforços e capacidades de um povo, que foi subjugado econômica, política e socialmente sob o antigo sistema, são projetados no combate contra as estruturas desse mesmo sistema. Em outras palavras, trata-se de enfrentar de forma sistemática os ataques imperialistas provenientes da potência do norte, enquanto se constrói um caminho sólido de soberania nacional para o povo

cubano e seu Estado. Ao empreender tais esforços, a atuação de Cuba no âmbito turístico deve ser interpretada como um indicador revelador de múltiplas mutações políticas e socioeconômicas.

Essas transformações afetam tanto as relações individuais e coletivas com a Revolução quanto o significado atribuído a ela. Embora o turismo doméstico e internacional não sejam as únicas formas de observar essas mudanças, eles se tornam exemplos marcantes das transformações em curso. Assim, a apropriação desta atividade pelo governo revolucionário de Cuba assinala um rompimento com paradigmas passados, reconfigurando os padrões de interação com esse notável recurso sociocultural e, por conseguinte, delineando o destino e a perenidade da Revolução.

3 OS PRIMEIROS TURISTAS: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO EM CUBA NO SÉCULO XX

Cristóbal Colón, si no fue el primer turista que llegó a Cuba, al menos fue su primer promotor cuando – ante sus costas orientales – exclamó aquella mañana de 27 de octubre de 1492, “esta es la tierra más hermosa que ojos humanos han visto” (Villanueva).

Para compreender a evolução histórica do setor turístico em Cuba é de suma importância uma análise multifacetada e que extrapole questões meramente econômicas. Dessa forma, a respeito de seu progresso no século passado, é possível estabelecer distintos estágios de desenvolvimento. Salinas (2019) distingue esse setor em cinco etapas, considerando que “el surgimiento del turismo en Cuba y su evolución están en correspondencia con la historia económica y político-social del país” (Salinas, 2019, p. 26).

Considerando tal critério analítico, esta monografia optou por dividi-lo em dois grandes períodos que também serão os subcapítulos: o Pré-Revolucionário, no qual o desenvolvimento turístico na ilha encontrava forte vínculo com os Estados Unidos e o Pós-Revolucionário, onde, em seus primeiros anos, se concentraram esforços em exercer múltiplas reformas políticas e econômicas.

3.1 ENTRE CASSINOS E BORDÉIS: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO (1902-1959)

A vitória incontestável dos Estados Unidos na Guerra Hispano-Americana após apenas três meses foi o estopim para o fim da presença espanhola em Cuba. No fim do conflito, os Estados Unidos adquiriram as Filipinas, Porto Rico e Cuba da Espanha por um total de 20 milhões de dólares (Chadwick, 1911). Posteriormente, em 20 de Maio de 1902, a ilha declarou sua independência formal dos Estados Unidos e emergiu como a República de Cuba.

Contudo, antes que o controle dos Estados Unidos se tornasse viável, foi imperativo estabelecer as condições econômicas necessárias para a dominação. A Espanha havia logrado erguer as estruturas para o controle econômico e político da colônia cubana. No entanto, o mercado cubano estava não apenas vinculado a uma única potência capitalista, mas, de maneira geral, integrado a um sistema cujas relações econômicas eram determinadas por um grupo de nações que detinham um peso decisivo na formulação das leis de troca e apropriação (Ruffin, 1990).

Com a crescente dependência cubana do mercado norte-americano, veio também o controle sobre as leis que regulam as relações comerciais, e gradualmente os norte-americanos começaram a fornecer equipamentos e outros materiais para garantir o desenvolvimento do país (Chadwick, 1911). Assim, a capacidade de Cuba em desenvolver-se autonomamente foi prejudicada pela sua inserção no modo de produção capitalista.

Além disso, a partir de 1901, os Estados Unidos buscaram ativamente submeter Cuba ao seu controle direto, marcando o início da era imperialista americana. Os investimentos diretos dos Estados Unidos na indústria açucareira cubana substituíram os investimentos indiretos, com o açúcar se tornando o principal foco desses investimentos. Na metade da primeira década do século XX, 29 usinas de açúcar estavam sob propriedade de empresários dos Estados Unidos (Ruffin, 1990, p. 50).

As transformações econômicas e políticas que influenciaram essa economia insular foram resultado das flutuações características do desenvolvimento capitalista em escala global. O ingresso dos Estados Unidos no sistema político-econômico de Cuba contribuiu para a dependência e o subdesenvolvimento da ilha. O desenvolvimento das diferentes classes sociais em Cuba e das instituições políticas, econômicas e sociais correspondentes coincidiu com as crescentes exigências da reprodução do capital. O âmbito do turismo não foi exceção: a presença de visitantes norte-americanos serviu como uma teia sutil a tecer os laços do imperialismo estadunidense sobre a ilha caribenha.

Foi então durante esse período que Havana se converteu no maior destino receptivo do Caribe, que foi influenciado, segundo Salinas (2019), por três fatores. 1) A rota comercial de aviação norte-americana ainda não se encontrava desenvolvida, dessa forma, a proximidade da ilha com a costa Leste dos Estados Unidos permitiu que os turistas ingressassem em Havana por barco; 2) Cuba apresentava um relativo grau de salubridade, quando comparado a outros países do Caribe; 3) Em Cuba não se imperava a “Lei de Proibição”, mais comumente designada de “Lei Seca”, vigente nos Estados Unidos e que proibia a venda e consumo de bebidas alcoólicas em território nacional (Salinas, 2019). Assim, Cuba se estabeleceu firmemente como “Quintal norte-americano no Caribe” (Henthorne, 2018).

No final dos anos 20, os ingressos turísticos haviam se convertido na terceira fonte de divisas do país, atrás apenas do açúcar e do tabaco (Henthorne, 2018). Nesse sentido, “ron, ruletas y carreras de caballos formaban en esos tiempos, una fascinante combinación para los turistas norteamericanos en Cuba” (Villanueva, 2013, p. 209). No entanto, um estudo organizado em meados de 1934 pela Foreign Policy Association reconheceu, a pedido do governo Cubano, a potencialidade do turismo na ilha mas recomendava mudanças nessa

atividade, orientando o setor em direção a natureza, praias e outras zonas (Villanueva, 2013). Ou seja, é mudar o padrão até então predominante no turismo, afastando este cada vez mais de seus vícios, e direcionar a atividade aos recursos naturais presentes na ilha.

Na época, o próprio presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, aconselhou uma delegação de homens de negócios cubanos e americanos,

(...) la corriente de turismo norteamericano puede constituir para Cuba el mejor complemento de compenetración entre ambos pueblos y de resultados económicos efectivos, pelo para ello no debería tratarse de atraerlo sobre la base de carreras de caballos, juegos y espectáculos análogos, sino procurando llevar familias que permanezcan en la isla por las atracciones naturales del país, tales como la playa de Varadero, los lugares en que hallan aguas termales, además, de los deportes (la caza, el golf, etc.) para todo lo cual deben construirse grandes y cómodos hoteles.²

Notoriamente, a história desse setor na primeira metade do século XX demonstra que foi empregado tímidos esforços ao conselho do até então presidente. A política externa norte-americana imperialista e a estrutura de caráter neocolonial que a ilha presenciava inibiam demasiadamente o desenvolvimento autônomo e soberano de Cuba.

Dessa forma, a ampla promoção de Cuba como um destino para os norte-americanos foi, fundamentalmente, matizada pelo interesse de tornar a ilha dependente não somente nas áreas político-econômicas, mas também cultural deste país (Villalba, 1993, p.44). Entretanto, não se nega aqui o grande impulso turístico que a ilha sofreu. É válido destacar que, segundo estatísticas do Banco Nacional de Cuba, a média de turistas anuais, durante o período de 1934-1941, foi de 134.271 (Lozano, 2020). Nesse sentido, com uma estadia média de 8 dias e um gasto por visitante de US\$100,00, o setor retornava rendimentos anuais superiores a 12 milhões de dólares como média (Lozano, 2020).

Não obstante, até meados dessa década ainda havia um déficit na balança turística, reflexo da disparidade entre os gastos da burguesia interna com o exterior e os gastos dos estrangeiros no país (Pazó et al., 2000). Cuba vivia portanto um turismo de cidade, com grandes hotéis, jogos, prostituição e drogas, assim como a forte presença de uma máfia alinhada ao governo corrupto de Fulgêncio Batista³, que controlava significativamente o setor. É válido sublinhar que, do ponto de vista socioeconômico, a ilha desenvolvia um capitalismo com grande dependência dos Estados Unidos, enquanto gerava alarmantes desigualdades sociais, com grande maioria da população vivendo na pobreza (Ayerbe, 2004).

² Declaração aos membros da União Social e Econômica de Cuba durante sua visita ao Presidente dos Estados Unidos, 13 de agosto de 1935, em Villanueva: Cuba: la ruta necesaria del cambio económico, 2013, p. 210.

³ A propósito de relevância histórica, é válido ressaltar que o governo de Fulgêncio Batista chegou ao poder por meio de um golpe militar em 1952 e deu abertura significativa para Máfia em Cuba.

O advento da Segunda Guerra Mundial ocasionou o declínio do turismo no mundo todo e, especialmente, em Cuba. Pouquíssimos novos hotéis foram construídos durante as décadas de trinta e quarenta e a infraestrutura dessa atividade se concentrava majoritariamente em Havana (Villanueva, 2013). O fim do conflito bélico produziu um crescimento progressivo da demanda turística e com a próspera e pujante economia americana pós-guerra,

Os conceitos de lazer e tempo de férias mudaram rapidamente. O surgimento de voos baratos e ofertas de hotéis irresistivelmente acessíveis tornaram o destino uma vez exclusivo acessível às novas massas de viajantes americanos. Por menos de US\$100, o equivalente a cerca de US\$1.400 hoje, os turistas podiam comprar um bilhete de ida e volta de Miami para Havana, incluindo hotel, alimentação e entretenimento. Esse conceito de 'um preço cobre tudo' provou ser um grande sucesso, e as chegadas de turistas internacionais a Cuba aumentaram rapidamente de 114.885 em 1946 para mais de 272.000 até 1957 - um aumento notável de 130% (Henthorne, 2018, p. 19, tradução nossa).⁴

Ou seja, de meados dos anos 1940 até a década de 1950, uma notável combinação de tendências e eventos estabeleceu o domínio de Cuba no comércio turístico no Caribe, inaugurou a era moderna do “turismo de massa” na região e, em certa medida, serviu como modelo de desenvolvimento desse setor (Salinas, 2019). É de suma importância enfatizar que a ilha seguia sendo o “quintal norte-americano no Caribe”, onde os grandes cassinos, clubes noturnos e hotéis foram construídos e operados por uma elite criminoso que lucrava em detrimento do bem-estar social do povo cubano (Salinas, 2019).

De acordo com Villalba (1993, p. 63), Havana havia se tornado um importante palco para a Máfia internacional que “controlaba el juego y otras actividades, y se convirtió en la fuente más destacada de explotación para el consorcio de vicios que operaba protegido, promovido y asociado con el gobierno de la clase burguesa”. Essa infraestrutura turística, voltada ao conforto e proveito somente dos norte-americanos, emblemava todo o corrupto, decadente e sangrento governo ditatorial de Batista.

Naquele momento, o desenvolvimento turístico aparentava ser contingente e descontrolado, o que levou a uma notória lacuna entre oferta hoteleira e demanda turística (Villanueva, 2013). Embora o número de ingressos de turistas tenha aumentado 64% de 1946 (114.885) para 1951 (188.519), o número de acomodações apenas aumentou 12,5% (Villalba, 1993). Ainda assim, apesar das ineficiências e desastrosa gestão dessa atividade, o turismo em

⁴ Versão original: “the concepts of leisure and vacation time changed rapidly. The advent of cheap flights and enticingly affordable hotel deals made the once-exclusive hotspot accessible to the new masses of American travelers. For less than US\$ 100 the equivalent of around US\$ 1,400 today tourists could purchase a round-trip ticket from Miami to Havana, including hotel, food, and entertainment. This ‘one price covers all’ concept proved such a big success that international tourist arrivals to Cuba rose rapidly from 114,885 in 1946 to more than 272,000 by 1957 - a remarkable 130% increase (Henthorne, 2018, p. 19).

Cuba capitalista logrou um crescimento contínuo até 1957, quando atingiu seu auge com 272, 265 turistas, sendo 86% deles norte-americanos (Rohr, 1997).

Apesar do alto grau de turistas na ilha, seu efeito econômico não foi tão positivo como o esperado. Durante o período pré-revolucionário, muitos cubanos que se tornaram ricos através do turismo e da Lei de Proibição imposta pelos Estados Unidos, gastaram uma substancial porção de seus lucros em viagens para Flórida (Rohr, 1997). Isso resultou em uma excessiva quantidade de moeda estrangeira sendo redirecionada de volta aos EUA, gerando um déficit no balanço turístico da ilha (Villanueva, 2013).

De acordo com Hall (1992), o impacto experienciado do turismo em Cuba levou a elite interna da ilha a aspirar aos estilos de vida americanos – “The American Way of Life” – estimulando a importação de bens “americanos” e o desejo de viajar aos EUA. Economistas estadunidenses sugeriram que Cuba ampliasse sua indústria turística a fim de superar o déficit, sem considerar, no entanto, que a maioria das empresas desse setor eram de propriedade internacional, ou seja, dos próprios americanos (Villalba, 1993).

O turismo naquela época foi apelidado de “segunda safra de açúcar” de Cuba, no entanto, logo ficou nítido que a atividade favorecia mais os EUA do que beneficiava a ilha (Rohr, 1997). Na realidade, “el balance turístico no estaba a favor de Cuba. De los 12 años anteriores al triunfo de la Revolución, solo en tres el balance estuvo a favor de Cuba. En dos de cada tres años durante este período, Cuba perdía más de \$10 millones anualmente (Villalba, 1993, p. 106).

De acordo com Hall,

A economia política pré-revolucionária de Cuba continha os ingredientes essenciais da dependência clássica: a economia dependia das circunstâncias econômicas e políticas internacionais, os excedentes econômicos eram em grande parte direcionados para países desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos, enquanto uma elite econômica e social desfrutava da maioria dos benefícios domésticos da economia dependente cubana (1992, p. 197, tradução nossa).⁵

É inegável que os aspectos econômicos não podem ser analisados de forma isolada, sem vinculá-los ao contexto político. Fatores internos, tais como a situação social, o panorama partidário e as diretrizes técnico-administrativas, assim como fatores externos, especialmente no âmbito das relações internacionais e do comércio, inter-relacionam-se e sobrepõem-se, constituindo elementos essenciais para uma compreensão mais aprofundada da dinâmica político-econômica de qualquer nação. No caso de Cuba, verificou-se um cenário propício à

⁵ Versão original: “Cuba's pre-Revolutionary political economy contained the essential ingredients of classic dependency: the economy was dependent upon international economic and political circumstances, economic surpluses were largely directed to developed countries, particularly the United States, while an economic and social elite enjoyed most of the domestic benefits of the Cuban dependent economy (Hall, 1997, p. 197).

acumulação e expansão do capital norte-americano por intermédio das atividades turísticas, majoritariamente associadas a empresas estadunidenses.

Tal dinâmica, contudo, apenas perpetuou a condição geral da “nação”, mantendo-a inalterada e imersa em sua própria estagnação (Pélicas, 2018). Portanto, ao longo desse período, foi possível constatar uma significativa deterioração de diversos indicadores sociais, com ênfase nas regiões rurais, além de uma eficiência econômica global notavelmente limitada, beirando a insignificância (Pélicas, 2018).

Dessa maneira, a economia cubana e, em especial sua atividade turística tinham se tornado a mais plena manifestação das injustiças sociais e corrupções que caracterizavam a ditadura de Batista. É dizer que, no âmbito social, o governo cubano deliberadamente negligenciava as mazelas advindas do turismo enquanto rendia sua economia ao capital estrangeiro, intensificando, dessa forma, cada vez mais sua condição de dependência. De acordo com Villalba (1993), esse período

estuvo sujeto a la anarquía y desidia de un sistema capitalista de subordinación al extranjero y latrocinio en la esfera pública que se tradujo en la falta de previsión en la dirección y administración, bajos ingresos por turista, estadias cortas y una pobre oferta basada esencialmente en el juego, el vicio y la prostitución (Villalba, 1993, p. 103-104).

A presença da Máfia e sua associação com jogatinas e vícios começaram a dominar o turismo em Cuba. De acordo com Villalba, as organizações responsáveis pela promoção turística na ilha

no guiaron la industria turística en torno a una base de atracciones naturales, sitios históricos, arquitectura, folklore, deportes, actividades culturales o salud, sino que demostraron a los visitantes los aspectos negativos de una sociedad dominada por la corrupción y el afán de lucro... Las drogas, el juego y la prostitución acabaron siendo la combinación más explotada de motivaciones turísticas presentadas a la clientela estadounidense (1993, p. 57-8).

Ou seja, é dizer que o turismo em Cuba e a presença norte-americana haviam substituído a Emenda Platt como a mais danosa intervenção estadunidense na vida dos cubanos. Nesse contexto, a natureza política do turismo gerou grande indignação no povo cubano. Um sentimento que se desenvolveu a partir dos efeitos negativos e incontroláveis do setor sob suas vidas. Havana havia se tornado a “Las Vegas do Caribe” (Henthorne, 2018), onde a população local não se vislumbrava e muito menos usufruía do estilo de vida norte-americano. Em palavras de Henthorne (2018, p. 30), “Cuba estava rapidamente se tornando um país de contrastes marcantes, dividido entre os que “têm e não têm”.

As cidades – principalmente Havana – em comparação com as áreas rurais do país evidenciavam claramente esses contrastes. Enquanto 87% das residências urbanas tinham

eletricidade, somente 9% dos lares rurais a possuíam; Enquanto 80% das casas na cidade tinham água corrente, apenas 15% da população rural tinha (Gjelten, 2008). A maioria da população cubana era impossibilitada de acessar as praias, com restrições e discriminações raciais e de classe (Villalba, 1997). Esse contexto de segregação e marginalização de um povo é elucidado por um norte-americano em 1958:

Eu estava encantado com Havana e horrorizado pela maneira que esta cidade encantadora foi degradada em um grande cassino e bordel para empresários americanos vindo de Miami. Meus compatriotas andavam pelas ruas, pegando meninas cubanas de 14 anos de idade e jogando moedas para que homens escorregassem na sarjeta. E ainda se perguntam como qualquer cubano, com base nesta evidência, poderia considerar os Estados Unidos com qualquer coisa, a não ser o ódio (Pérez, 2006, p. 231, tradução nossa).⁶

O povo cubano via diante de seus olhos o abandono e a degradação total de sua cultura, dignidade e história pelos norte-americanos. A luta por mudança não era mais utopia, mas sim necessidade. O turismo em Cuba havia criado um gigantesco abismo socioeconômico entre elite e população, e agora, o que antes era usufruto de uma parcela muito pequena do país, passou a ser um dos maiores mecanismos de indignação de uma sociedade inteira. Turner e Ash afirmam,

O caráter inicial de Castro foi moldado por sua experiência com o imperialismo americano no estilo antigo, na forma da United Fruit, que dominava a área onde ele nasceu. Pelo menos parte do apoio popular à sua luta contra Batista originou-se da repulsa contra os excessos da indústria turística - esta última, uma forma muito mais sombria de imperialismo (1975, p. 103, tradução nossa).⁷

Dada a lógica dessa afirmação, Fidel e seus rebeldes tiveram como primeira atitude a quebra total das máquinas de caça-níqueis e das mesas de roletas (Turner e Ash, 1975). Na manhã de 1 de Janeiro de 1959, Cuba estava nas mãos dos revolucionários. Se colocava fim a sanguinária ditadura de Batista. Era o emergir de um novo horizonte para o setor turístico e, em especial, para Cuba.

3.2 A REVOLUÇÃO E O TURISMO: UM NOVO HORIZONTE (1959-1990)

Os anos de frustração sobre a regência de Batista havia acabado. A ilha que antes era vista como “Quintal caribenho dos EUA”, se tornou o maior “calcanhar de Aquiles” do mesmo império. Dentro de semanas, Fidel aboliu todas as formas de jogatina dentro do país

⁶ Versão original: “I was enchanted by Havana and appalled by the way that this lovely city was debased into a great casino and brothel for American businessmen over for a big weekend from Miami. My fellow counttymen reeled through the streets, picking up fourteen-year old Cuban girls and tossing coins to rnake men scramble in the gutter. One wondered how any Cuban on the basis on this evidence could regard the United States with anything but hatred” (Pérez, 2006, p. 231).

⁷ Versão original: “Castro’s early character was formed by his experience with old-style American imperialism. in the form of United Fruit. which dominated the area where he was born. at least part of the popular support for his struggle against Batista steemed from revulsion against the excesses of the tourist industry - this latter-day, far more shadowy form of imperialism” (Turner e Ash, 1975, p. 103).

(Rohr, 1997). Dessa forma, pondo fim aos \$50 milhões de dólares por ano que a indústria turística desvia para o exterior (Hinch, 1990). O governo estadunidense crescia cada vez mais em desconfiança e preocupação sobre o alinhamento político de Fidel. Embora inicialmente a revolução não possuía caráter socialista, logo se tornou evidente que o rumo econômico de Cuba havia sido drasticamente alterado (Henthorne, 2018).

Florestan Fernandes (1979), ao analisar a revolução socialista cubana em seu estudo “Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana”, introduz um conceito crucial referente ao socialismo que deve ser desenvolvido nos países subdesenvolvidos, tanto industrial quanto economicamente, onde emerge um processo revolucionário propondo uma nova ordem e um novo modo de produção. Segundo Fernandes (1979), em países como Rússia, China e Cuba, a revolução buscou construir o comunismo sobre bases capitalistas ainda não desenvolvidas.

Assim, a tarefa do socialismo – entendido por Fernandes como a fase de transição do capitalismo para a sociedade comunista – foi atribuída à classe trabalhadora desses países. Esta classe teve a árdua responsabilidade de realizar a acumulação primitiva de capital necessária para viabilizar a industrialização e o crescimento econômico dessas nações insurgentes contra o sistema capitalista (Fernandes, 1979).

Para “vencer o subdesenvolvimento pelo socialismo” (p. 7), um processo complexo e desafiador precisava ocorrer simultaneamente ao desenvolvimento de uma nova civilização comunista. Este desenvolvimento envolvia o estabelecimento de novas formas de propriedade, novas relações de produção e, essencialmente, um novo modo de produção. Fernandes discute essas ideias detalhadamente em seu estudo, destacando a necessidade de tais transformações para a consolidação de um sistema socialista nos contextos subdesenvolvidos. Conforme sublinha o sociólogo:

Ora, na cadeia dos elos mais frágeis, pela qual surgiu e se expandiu o “socialismo difícil” (ou socialismo de acumulação), Cuba foi o país no qual as condições difíceis se mostraram de modo mais difícil [...] [onde] não é a “herança positiva do capitalismo” que dá vida ao crescimento gradual e complicado de formas socialistas de organização da economia, da sociedade e do estado – é a sua inexistência, a necessidade amarga de partir de um ponto zero, de uma “pré-transição”, que infunde à irrupção do socialismo uma força construtiva tão grande (Fernandes, 1979, p. 6 e 10).

Na citação subsequente, Florestan Fernandes (1979) aborda sucintamente a complexa herança socioeconômica deixada à Cuba revolucionária pelos séculos de domínio colonial espanhol e décadas de influência neocolonialista estadunidense. O sociólogo brasileiro também destaca a magnitude do desafio enfrentado pelos cubanos que se aventuraram na criação de uma nova ordem social, fundamentada em um modelo de produção distinto, a partir de uma infraestrutura material fragilizada. Fernandes (1979, p. 97) argumenta que

apenas por meio da implementação simultânea de diversos processos revolucionários de desenvolvimento, abrangendo aspectos industriais, econômicos, culturais e políticos, é possível vislumbrar uma expansão anticapitalista complexa e multidimensional, capaz de dar suporte a uma transformação histórica tão significativa.

Com a vitória de sua revolução de liberação nacional, Cuba conquistou a liberdade de chegar ao socialismo. O grande problema que teve de enfrentar, nas décadas de 1960 e 1970, consistiu naturalmente em como passar de uma acumulação capitalista neocolonial e ultrapredatória para uma acumulação socialista originária. [...] Como construir as bases materiais e sociais da transição para o socialismo num país que se vira reduzido, do modo mais completo e com todas as deformações imagináveis, a uma economia de um só produto e de um só mercado? Apesar do desenvolvimento alcançado pelo capitalismo, por sua natureza neocolonial ele não deixou uma herança que servisse, mesmo precariamente, de ponte para essa passagem. Cuba teria de enfrentar várias revoluções interdependentes e sucessivas para abrir seu caminho (Fernandes, 1979, p. 97).

No contexto da Guerra Fria, caracterizado pela bipolaridade entre os blocos antagônicos, a opção de Cuba pela soberania nacional e por um desenvolvimento socioeconômico autônomo só poderia encontrar respaldo ideológico e apoio no comunismo soviético. Nesse sentido, é pertinente ressaltar que, mais do que por uma suposta tradição marxista-leninista, ausente entre os guerrilheiros do Exército Rebelde e do Movimento 26 de Julho liderados por Fidel Castro, Cuba viu-se compelida, dadas as circunstâncias históricas da época da revolução, a se vincular ideologicamente ao espectro comunista russo. Tal alinhamento era visto como imperativo para a realização dos ideais revolucionários de independência efetiva e de desenvolvimento soberano do país. De acordo com Bandeira,

no caso de Cuba, o nacionalismo, em meio à Guerra Fria, evoluiu para o comunismo, de modo que Fidel Castro pudesse defender a soberania nacional e preservar as mudanças econômicas e sociais que afetaram os interesses norte-americanos. (2009, p. 36)

Nesse sentido, dadas as circunstâncias daquele período, a Revolução Cubana emerge como um acontecimento marcante no continente latino-americano, no qual seu nacionalismo, que anteriormente havia adotado tendências predominantemente nazifascistas durante as décadas de 1930 e 1940, “gradualmente evoluiu em direção à esquerda e, em certos casos, associou-se ao comunismo, como ocorreu em Cuba, em virtude da contradição entre os dois polos do poder internacional durante a Guerra Fria” (Bandeira, 2009, p. 35).

Dessa forma, adotar a designação comunista – ao afirmar o caráter socialista da Revolução Cubana em 1961 – primordialmente implicava uma afirmação de independência e anti-imperialismo, em detrimento de uma adesão necessária aos princípios e práticas específicas de uma sociedade comunista, tal como concebida por Marx, Engels e Lênin, na qual indivíduos livremente associados organizam de forma consciente a reprodução social e a

vida comunitária. O comunismo e o socialismo (em seu sentido estrito) passaram a ocupar predominantemente um espaço retórico na narrativa revolucionária, servindo como instrumentos de delimitação e definição ideológica das aspirações da revolução cubana, que emergiu e se desenvolveu em uma proximidade geográfica singular, a menos de cem milhas da maior potência militar mundial.

A maior ilha do Caribe retomou sua antiga função de produtora de açúcar para exportação, trocando essa commodity por praticamente todos os bens manufaturados necessários para a vida da população da época. Apesar dos grandes projetos e sonhos no início da Revolução, esses bens continuaram a ser importados de uma grande potência estrangeira. A respeito disso, Moniz Bandeira comentou,

E este completo isolamento não deu ao governo revolucionário alternativa senão depender mais e mais da União Soviética, com a qual Castro firmara em janeiro [de 1964] um acordo comercial, que sepultou definitivamente a possibilidade de promover a rápida industrialização do país, considerada por Che Guevara necessária à emancipação da economia nacional, objetivo estratégico da Revolução Cubana. [...] Este acordo, a ratificar os entendimentos de abril de 1963, definiu o destino de Cuba, dentro da divisão internacional do trabalho do Bloco Socialista, na condição de monoprodutora de açúcar e importadora de bens de consumo, como sempre fora, transferindo apenas sua condição de dependência dos Estados Unidos para a União Soviética, que fez um excelente negócio, pois teria de gastar duas vezes mais a fim de obter a mesma quantidade daquele produto, a partir da beterraba (2009, p. 559).

Fica claro portanto, que Cuba acabou, nessa relação, mais favorecendo financeiramente o regime soviético do que o contrário. Ao fomentar a monocultura do açúcar como maneira de desenvolvimento econômico da ilha, a União Soviética pareceu pouco capaz de compreender a realidade e o contexto de seu novo parceiro comercial, assim como uma restrita e limitada perspectiva à respeito da teoria econômica do desenvolvimento.

Em uma nota de 31 de dezembro de 1922 sobre a questão das nacionalidades na URSS, Lênin (1979) já destacava que, para uma nação verdadeiramente internacionalista, era crucial adotar uma postura solidária em relação aos países menores. Isso implicava que a nação mais poderosa deveria estabelecer relações econômicas e políticas desiguais com o intuito de beneficiar a nação mais frágil.

Portanto, o internacionalismo por parte da nação opressora, ou assim chamada “grande” [...] deve consistir, não apenas com relação à igualdade formal das nações, mas também numa desigualdade que compense, por parte da nação opressora, da grande nação, a desigualdade que se manifesta praticamente na vida. (Lênin, 1979, p. 59).

Dessa forma,

Eis aqui porque, no caso considerado, o interesse fundamental da solidariedade proletária e, portanto, da luta de classe proletária, exige que não observemos jamais uma atitude puramente formal com relação ao problema nacional, mas que tenhamos sempre em conta a diferença obrigatória na atitude do proletário de uma nação oprimida (ou pequena) para com a nação opressora (ou grande) (Lênin, 1979, p. 60).

Observa-se, assim, que a teoria de Lênin contrasta significativamente com a relação de dependência econômica que se estabeleceu entre a União Soviética e a Cuba recém-revolucionária. Em vez de receber o apoio técnico e financeiro necessário para promover seu desenvolvimento, alcançar autonomia e plena soberania, a ilha caribenha foi relegada a um papel subordinado como simples produtora e fornecedora de açúcar. Essa dinâmica refletia a divisão internacional do trabalho predominante entre os membros do bloco socialista liderado pela União Soviética (Bandeira, 2009).

A chegada da União Soviética na ilha caribenha em 1960 serviu para solidificar a transformação cubana de uma ilha dependente de viajantes norte-americanos para um país do bloco Comunista que agora percebia o turismo de maneira diferente – “*Turismo para la gente!*” (Henthorne, 2018). Evidentemente, os Estados Unidos romperam as relações bilaterais com a ilha e implementaram medidas para isolar o país do resto do mundo, medidas estas que estão vigentes há meio século. Os contínuos alertas e recomendações aos seus cidadãos para não visitarem Cuba – devido a um suposto de “Estado de violência” existente na ilha – foram seguidos também de medidas administrativas a partir de 1961. De acordo com Villanueva, essas normas

inhabilitada el pasaporte corriente de los Estados Unidos para estos viajes, el requerimiento de un pasaporte especial y la correspondiente licencia de viaje. Posteriormente, se prohibió a los ciudadanos estadounidenses hacer algún tipo de gasto en Cuba. No era posible sustituir al turismo estadounidense con otros mercados (2013, p. 215).

Dessa forma, com o emergir revolucionário na ilha e, conseqüentemente, o anacrônico bloqueio⁸ imposto pelo império norte-americano, o desenvolvimento da atividade turística em Cuba tomou um rumo totalmente diferente. Se desapareceu repentinamente o turismo internacional, “se priorizó el fomento del turismo nacional y se redujo considerablemente la emisión turística” (Villanueva, 2013, p. 215).

Por conta do turismo ainda ser percebido e intimamente associado aos “males capitalistas” da prostituição, drogas, vícios e crime organizado, sua dimensão internacional não foi adotada como veículo de desenvolvimento socio-econômico nos primórdios da Revolução (Rohr, 1997). De acordo com Villalba (1993, p. 123), o governo revolucionário desejava desenvolver o turismo de uma forma que “respetara los valores culturales, históricos

⁸ Na literatura acadêmica cubana existe um forte esforço para mostrar a diferença entre embargo econômico (termo utilizado pelos EUA) e bloqueio econômico. Entre outros ver BRAVO, Olga Miranda. Cuba/USA: nacionalizaciones y bloqueo. 2ª ed. La Habana: Instituto Cubano del Libro, Editorial de Ciencias Sociales, 2003 e DIÉGUEZ, Andrés Zaldívar. Bloqueo: el asedio económico más prolongado de la historia. La Habana: Editorial Capitan San Luis, 2004.

y sociales del país". Essa nova maneira de se pensar o setor se baseava, essencialmente, em aumentar o turismo doméstico e abrir as portas para turistas que vinham a ilha a partir de uma “sã” motivação, ou seja, uma perspectiva limpa, saudável e sustentável do turismo.

Segundo Villanueva (2013), em abril de 1960, o governo revolucionário criou o *Departamento de Playas para el Pueblo* e estabeleceu o livre acesso sem distinção de pessoas a todas as praias e áreas litorâneas, as quais haviam sido parcialmente privatizadas. Em novembro do mesmo ano, esse departamento foi combinado com outras agências para se formar o Instituto Nacional da Indústria Turística (INIT), com caráter autônomo e personalidade jurídica própria (Villanueva, 2013). Fidel Castro — primeiro presidente do Instituto — ficou encarregado de fomentar o turismo, executar planos de desenvolvimento desse setor e proteger o patrimônio natural e cultural da nação cubana (Chávez et al. 2019). Sobre a função desse organismo, Villanueva ressalta,

además de su significación económica, como divulgación organizada de los atractivos del escenario natural y la cultura nacional, debía cumplir también la doble función de enseñar a conocer y disfrutar mejor lo propio y mostrar esta tierra privilegiada y este pueblo a los demás pueblos, para estrechar con ellos vínculos de solidaridad (2013, p. 216-7).

A nova autoridade turística no entanto não dissuadiu deliberadamente o turismo internacional, mas sim especificou o desejo de “ofrecer al viajero, extranjero o nacional, instalaciones completas, comodidades y atracciones” (Villalba, 1993, p. 126). Sob a administração do INIT, o mais famoso e luxuoso hotel de Cuba – Varadero International Hotel – agora oferecia taxas de acomodação de apenas 15 pesos por dia, comparado com taxas internacionais de 50 pesos (Henthorne, 2018). Incluía-se nos planos de desenvolvimento do INIT a construção de novas acomodações no Varadero para usufruto dos trabalhadores e suas famílias em temporada de férias (Henthorne, 2018). O planejamento era ambicioso e idealista. De acordo com Irving Pflaum,

Abraham Macigues y Macigues, o jovem encarregado deste trabalho para o INIT [...] prevê um novo tipo de Praia de Varadero, cheia de pessoas pobres e de classe média baixa de Cuba que nunca antes puderam pagar os aluguéis procurados durante as férias de verão. “Pequenas casas e apartamentos têm sido alugados aqui por 250 pesos por mês e mais durante junho, julho e agosto”, disse ele, “e nem mesmo havia o suficiente disponível a esse preço! O INIT acredita que milhares de trabalhadores que vivem a poucas horas de Varadero agora poderão usar a praia.” (1960, p. 4 tradução nossa).⁹

⁹ Versão original: “Abraham Macigues y Macigues, the young man in charge of this work for INIT [...] foresees a new kind of Varadero Beach, filled with the poor and lower middle class of Cuba who never before could afford the rentals sought during the summer vacation. “Small houses and apartments have rented here for 250 pesos a month and up in June, July, and August,” he said, “and there were not enough available even at that price! INIT believes the thousands of workers living within a few hours of Varadero will now be able to use the beach.” (Pflaum, 1960, p. 4).

Em essência, é dizer que um grupo antes privilegiado (turistas americanos), agora tinha sido substituído por outro novo grupo privilegiado (trabalhadores leais dedicados aos princípios da Revolução). Como parte desse esforço de demonstrar ao povo cubano que a Revolução lhes havia concedido a liberdade de aproveitar as belezas naturais de seu país, praias públicas foram construídas juntamente com centros de caça e pesca, parques nacionais, centros turísticos, entre outros (Rohr, 1997).

Os novos ideais socialistas do governo cubano também forneceram ímpeto para a mudança em direção ao turismo doméstico. As primeiras proclamações de Fidel sobre a importância do lazer são consistentes com o reconhecimento por parte de seu governo de que essa atividade deveria de se tornar um direito social (Hinch, 1990). Em conjunto com essa ideia, Fidel também se conformou com a visão marxista de que lazer é “um pré-requisito do desenvolvimento universal do indivíduo” (Kaspar, 1981).

No entanto, o turismo doméstico nesse ínterim não cresceu significativamente, apesar de iniciativas¹⁰ do INIT para fomentá-lo e o fato dos cubanos agora terem mais renda disponível por conta das novas medidas impostas pelo governo, que providenciavam educação e saúde gratuita e aluguéis mais baratos (Rohr, 1997). A maioria dos cubanos que viviam no interior tinha uma reservada timidez em relação a Havana, e sentiam que não pertenciam naquele local (Villalba, 1993). Como forma de combater essa hesitação, o Instituto começou a divulgar viagens através dos sindicatos. Os slogans diziam: “La ciudad es para todos los Cubanos”, “Este fin de semana, ven y recorre tu La Habana!”, y “Ahora los hoteles son para el trabajador!” (Villalba, 1993, p. 156).

Dessa forma, o turismo nos primeiros anos da Revolução se tornou um instrumento de consolidação do apoio popular pelo Governo socialista durante o esforço mais acentuado para se dar gênese ao “desenvolvimento rápido” (Baran, 1969). Em palavras do econômico marxista Paul Baran,

as massas que acabam de passar por uma revolução, que lutaram e sofreram em combates amargos contra seus inimigos de classe e seus exploradores, internos e externos, buscam, e sentem-se no direito a, uma melhoria imediata na vida diária, na cidade e no campo (1969, p. 28-9).

Nessa lógica, Cuba utilizou da atividade turística para conservar a legitimidade revolucionária e sustentar as esperanças dos trabalhadores sobre as benesses da Revolução. Apesar do caráter econômico do INIT, o lucro nunca foi o objetivo primordial da política de turismo nacional de Castro (Henthorne, 2018).

¹⁰ Foi desenvolvido um programa que permitia aos cubanos pagar por suas viagens, que já eram subsidiadas, ao longo de um período de 12 meses (Villanueva, 2013).

Nenhuma outra região ou país viu seus laços turísticos com Cuba crescerem vertiginosamente durante a década de 60-70 do que a União Soviética (Henthorne, 2018). Embora a União Soviética jamais fosse capaz de substituir o mercado estadunidense ou dominar o comércio turístico da ilha na maneira que os americanos tinham, o íntimo vínculo forjado pelos soviéticos e os países do Bloco Comunista levou a um substancial acréscimo nos números de visitantes da ilha (Henthorne, 2018). No entanto,

(...) esses novos e crescentes relacionamentos com os soviéticos pouco contribuíram para reconstruir a indústria turística da ilha em algo semelhante ao que existia na era pré-revolucionária. Afinal, em 1968, menos de 3.000 turistas haviam visitado o país e nem todos eram de países do Bloco Soviético (Henthorne, 2018, p. 46, tradução nossa).¹¹

Não obstante, é válido sublinhar que, em grau algum, Cuba tinha o objetivo de desenvolver sua indústria turística aos moldes da ilha pré-revolucionária. De acordo com Villanueva (2013, p. 217), “el turismo internacional ha tenido (...) una composición y una calidad muy distinta a la del pasado”. Nesse contexto, foi o ano de 1972 que caracterizou o retorno do turismo internacional em Cuba (Villanueva, 2013). A conjuntura internacional tinha se tornado mais favorável, a Revolução havia sobrevivido sua primeira década e o criminoso bloqueio econômico imposto pelos EUA não tinha servido seu propósito. No *Informe Central al Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba*, em dezembro de 1975, se elucida:

El turismo internacional, después de una casi total desaparición, ha tenido un ligero incremento en estos últimos años (...) Así tendrán que ser los turistas que nos visiten en el futuro, integrantes de una corriente sana de visitantes que venga en busca de los atractivos de nuestra naturaleza o a conocer los cambios sociales que han ocurrido en nuestra patria. Se estima que más de medio millón de turistas nos visitará en el próximo quinquenio, principalmente en las temporadas de invierno (Villanueva, 2013, p. 217).

Dessa maneira, o governo cubano não poupou esforços em tornar a experiência turística da ilha em um ambiente de entretenimento e hospitalidade. As jogatinas foram criminalizadas e os cassinos que não experimentaram sua completa destruição se viram, no mínimo, fechados e vazios (Henthorne, 2018). Em novembro de 1976, como resultado da reestruturação administrativa do país, toda a atividade turística se concentrou e se criou, sobretudo, no Instituto Nacional de Turismo (INTUR), exercendo funções de planejamento e execução de uma política que desenvolvesse o setor (Villanueva, 2013).

¹¹ Versão original: “(...) these new and growing relationships with the Soviets did little to help rebuild the island’s tourism industry into anything resembling what had existed in the prerevolutionary era. After all, in 1968, less than 3,000 tourists had visited the country and not all were from Soviet Bloc countries (Henthorne, 2018, p. 46).

Pequenas unidades hoteleiras, gastronômicas e de lazer passaram a ser administradas por órgão municipais e provinciais, ficando sob administração do INTUR unidades de perfil nacional e internacional. Seu enfoque fundamental era impulsionar o turismo no exterior sem prejudicar a atividade interna, participando fortemente do processo de comercialização. Nesse sentido, era possível garantir a formação, capacitação e desenvolvimento dos recursos humanos a fim de elevar as qualidades dos serviços turísticos (Mintur, 2023). De acordo com Villanueva,

En su estructura y funcionamiento el INTUR reflejaba ya la nueva orientación en la aproximación al turismo, pues paulatinamente se fue dividiendo en partes iguales la atención y los recursos para el turismo nacional y el internacional. Este último había ganado en importancia económica como fuente de divisas (2013, p. 219).

Dessa forma, era de suma importância explicar a população – que havia desfrutado durante duas décadas de um desenvolvimento turístico orientado em grande medida ao turismo nacional – a necessidade de criar novas capacidades e dedicar parte das já existentes para atender o crescente turismo internacional, e a capacitação implícita de divisas (Villanueva, 2013). Essa política foi exposta de maneira clara pelo Comandante Fidel Castro em 1988,

Las exportaciones son difíciles, hay que competir duro también en el campo del turismo. Ahora, el campo del turismo puede ser fuente de empleo para decenas de miles de compatriotas, que tienen que ser trabajadores bien preparados, que tienen que saber atender al turista como debe atenderse. Con mucho realismo y sentido común desarrollamos los planes de turismo, porque debemos convertir el turismo en una de las fuentes de ingreso en divisas para el país (Castro, 1988).

Isto significa que, em linhas gerais, o governo revolucionário cubano retornou para o turismo internacional principalmente devido à extrema urgência de diversificar sua economia, reduzindo assim a dependência monoexportadora de sua indústria açucareira. É aqui, ainda que incipiente, onde Cuba pela primeira vez percebe o setor – em seu âmbito internacional – como mecanismo de obter substanciais quantias de “moedas fortes”, as quais poderiam ser utilizadas para financiar futuro desenvolvimento socioeconômico. Como Hinch (1990, p. 218) descreve, “o objetivo de Cuba para essa nova fase do turismo internacional foi de internalizar os benefícios e mitigar os altos custos sociais anteriormente associados ao turismo”.¹²

Em outubro de 1991 no *Informe Central al IV Congreso del Partido* se explicava as medidas tomadas e dentre destas, se elucidava:

(...) Estamos construyendo miles y miles de habitaciones todo los años para el turismo internacional. Baste decir que el turismo este año ingresa alrededor de 400 millones de dólares, entre ingresos directos e indirectos de otras instituciones, y **esperamos para el año 1992 alcanzar alrededor de 600 millones de dólares**. Es

¹² Versão original: “the Cuban goal for this new phase of international tourism [was] to internalize the benefits and mitigate tourism's formerly high social costs” (Hinch, 1990, p. 218).

notable el crecimiento de los ingresos por el turismo, y es muy importante que se comprenda la necesidad que tiene para el país el turismo, aunque implique algunos sacrificios para nosotros (Castro, 1991, grifo nosso).

Cuba não previa, contudo, a dolorosa e chocante queda de seu maior parceiro econômico: a União Soviética. Entre 1975 e 1984, o bloco soviético somou 75% das exportações de açúcar da ilha caribenha (Henthorne, 2018). Em retorno, a potência socialista providenciou, essencialmente, tudo que Cuba precisava. Os soviéticos queriam a vantajosa posição geoestratégica da ilha, próxima aos Estados Unidos, e os cubanos queriam os produtos produzidos pelos soviéticos – até certa instância, um acordo proveitoso para ambas as partes.

O favorável arranjo de trocas comerciais que foi criado entre Cuba e a URSS permitiu que a ilha exportasse seu açúcar a um preço artificialmente alto (cinco vezes mais que o preço mundial) (Cervico & Cubillo, 2005). Simultaneamente, os soviéticos enviavam por volta de 13 milhões de toneladas de petróleo por ano para Cuba – 3 milhões a mais do que a ilha precisava (Henthorne, 2018). Ao vender o excedente do óleo no mercado mundial, o governo de Fidel Castro foi capaz de arrecadar mais de US\$ 500 milhões de moeda forte por ano (Villanueva, 2013). De acordo com Henthorne (2018, p. 51), os países socialistas

também financiaram e construíram usinas siderúrgicas, refinarias de petróleo, fábricas de fertilizantes e plantas de níquel em Cuba, além de fornecerem à ilha a maior parte de seus bens manufaturados e metade de seu suprimento de alimentos. O comércio era realizado em termos altamente favoráveis, e o povo cubano pôde desfrutar de um padrão de vida relativamente alto. *La vida era Buena* [...]. A vida era boa (Henthorne, 2018, p. 51, tradução nossa).¹³

E então, em 1991, o futuro de Fidel Castro e de Cuba foram drasticamente alterados. De forma repentina, a robusta máquina socialista havia caído e Cuba se encontrava á deriva. O soviético Mikhail Gorbachev denunciou as convicções marxistas-leninistas e, de coração aberto, abraçou os princípios capitalistas do livre-mercado (Vizentini, 2021). Conseqüentemente, a ajuda soviética a Cuba foi reestruturada do que antes era subsídios para o que agora se tornava empréstimos (Henthorne, 2018). Conforme os ideais de livre-mercado se capilarizavam ao redor dos países que antes compunham a antiga União Soviética, os novos e recentes governos começaram a cancelar os vtuosos acordos de subsídio com Cuba e, dali, estabeleceram que a ilha deveria pagar agora valor de mercado por bens recebidos (Gjelten, 2008). De acordo com Gjelten, no prazo de meses,

¹³ Versão original: “Socialist countries also financed and built steel mills, oil refineries, fertilizer factories, and nickel plants in Cuba and provided the island with most of its manufactured goods and one-half of its food supply. Trade was conducted on highly favorable terms, and the Cuban people were able to enjoy a relatively high standard of living. *La vida era Buena* [...]. Life was good” (Henthorne, 2018, p. 51).

nuevos gobiernos democráticos tomaron el poder en toda la región y comenzaron a cancelar los acuerdos comerciales de los que Cuba dependía. Con la disolución de la Unión Soviética a fines de 1991, toda su ayuda a Cuba — tanto militar como económica— fue eliminada. Rusia y otros antiguos países socialistas continuaron comerciando con Cuba, pero sólo sobre la base de los precios del mercado internacional (2008, p. 470).

Para a economia cubana, o efeito dessa nova política foi assombroso. Em 1989, o país recebeu cerca de seis bilhões de dólares em ajudas e subsídios de aliados socialistas; em 1992 obteve zero (Gjelten, 2008). A Revolução na ilha caribenha aparentava ter levado um sério nocaute. Muitos pesquisadores alegavam que o governo de Fidel se colapsaria sob a pressão, tão certo quanto repentinamente caíram os governos do leste europeu (Henthorne, 2018). No entanto, o líder revolucionário aparentava dar boas-vindas a crise, tal como havia enfrentado em momentos anteriores de vida ou morte para sua Revolução. Enfrentado com o colapso da União Soviética, Fidel altera sua antiga proclamação de “Patria o muerte” com uma nova: “Socialismo o muerte”.

Iníciase, portanto, o denominado “Período Especial”. Um trágico momento histórico e certamente memorável na vida do povo cubano. O Período Especial serviu para demarcar a vida de uma geração, persistindo daqui em diante como o ponto de referência pelo qual as pessoas frequentemente fazem aquelas distinções profundamente pessoais sobre suas vidas como "antes" e "depois". Não foi diferente com o turismo. Apenas dois meses depois, Fidel Castro resume em palavras simples: “El programa para el desarrollo del turismo es esencial.” (Villanueva, 2013). Embora para o governo cubano essa atividade era delineada somente como uma solução temporária para o problema criado com a queda do bloco soviético, o tempo rapidamente se encarregaria de desmentir essa ingênua suposição.

4 À DERIVA: O PERÍODO ESPECIAL E A POLÍTICAS ESTATAIS DO TURISMO EM CUBA

For those who lived through it, Cuba's Special Period—roughly, the decade of the 1990s, immediately following the country's loss of Soviet trade and support—was without a doubt one of those defining periods. Across the board, its invocation brings up memories of deprivation and hopelessness; of hunger and heat; of wheeling and dealing, of dreams of a life elsewhere (Ariana Hernandez, 2009).

Neste capítulo, serão explorados diversos aspectos fundamentais para entender o desenvolvimento do turismo em Cuba após a década de 1990, em resposta às crises econômicas severas resultantes da dissolução da União Soviética. Inicialmente, será abordada a organização e implementação de políticas de desenvolvimento turístico, detalhando as estratégias governamentais que transformaram o turismo em um pilar econômico essencial para o país. Em seguida, será discutida a infraestrutura construída para suportar esse crescimento, incluindo a edificação de hotéis, aeroportos e outras instalações necessárias para atender ao aumento do fluxo turístico internacional. Também será analisada a resposta do governo cubano às pressões econômicas e sociais decorrentes da expansão do turismo, enfatizando as medidas adotadas para mitigar os impactos negativos e maximizar os benefícios socioeconômicos.

Adicionalmente, o capítulo também examinará as implicações sociais e ambientais do desenvolvimento acelerado do turismo em Cuba. Será feita uma análise crítica das disparidades regionais e socioeconômicas emergentes, bem como das migrações internas incentivadas pelas oportunidades de emprego no setor turístico. Por fim, no terceiro subtítulo, o foco será nas consequências drásticas da pandemia de coronavírus sobre a indústria turística de Cuba. A análise começará detalhando as medidas de contenção adotadas pelo governo cubano, incluindo o fechamento das fronteiras em março de 2020 e a implementação de rígidos protocolos de saúde e segurança. Essas ações, embora essenciais para conter a propagação do vírus, exacerbaram a crise econômica já existente devido ao bloqueio americano, criando um cenário de grandes desafios para a economia dependente do turismo.

4.1 ORGANIZAÇÃO E POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO EM CUBA A PARTIR DE 1990

Em 1989, o Muro de Berlim desmoronou e o governo cubano se viu confrontado com uma conjuntura que esperava nunca mais enfrentar – a súbita perda de seus principais parceiros comerciais. Se há três décadas foram os Estados Unidos que romperam laços com Havana, desta vez foram os soviéticos. Após três décadas de significativos subsídios da

URSS, Cuba agora praticamente não possuía uma economia de importação ou exportação ativa, e, conseqüentemente, nenhuma fonte de moeda forte. De 1990 a 1993, Cuba perdeu 80% de seu mercado exportador e suas importações caíram praticamente do dia pra noite – de US\$ 8 bilhões para US\$ 1,7 bilhão (Henthorne, 2018). De acordo com Pérez,

Pela segunda vez em trinta anos, Cuba experimentou desastrosas deslocalizações associadas ao desligamento de seus principais parceiros comerciais. Os efeitos foram imediatos e de grande alcance, e, de fato, tiveram conseqüências muito mais graves na segunda vez, pois, nesta ocasião, Cuba não conseguiu garantir fontes alternativas de ajuda e assistência. As escassezes aumentaram e as faltas de quase todos os tipos tornaram-se comuns. Bens e serviços anteriormente abundantes tornaram-se escassos; o que antes era escasso desapareceu completamente (2006, p. 293, tradução nossa).¹⁴

O país inteiro estava em choque. As colheitas nas gigantescas fazenda estatais decaíram por volta de 75% após exportações de suprimentos como combustível, fertilizante e pesticidas da União Soviética terem sido rompidos (Henthorne, 2018). Conforme essas importações vitais da ilha desabaram, o governo se encontrou incapaz de produzir comida suficiente nas grandes fazendas estatais e inapto de, eficientemente, distribuir para as cidades quaisquer alimentos produzidos (Pérez, 2006). De acordo com Henthorne (2018, p. 54), como resultado disso, “(...) frutas e legumes cultivados frequentemente apodreciam nos campos ou nos armazéns. A produção doméstica de carne, leite e ovos foi interrompida e seriamente prejudicada pela falta de ração animal importada”.¹⁵

A resposta da ilha para tal conjuntura foi familiar e imediata. Um novo ciclo de racionalização foi imposto e a sociedade como um todo foi convocada mais uma vez para mobilizar e se preparar para novos tempos e medidas de austeridade (Henthorne, 2018). Foi então no verão de 1990 que o governo anunciou a implementação do comumente chamado “Período Especial”, uma série de planos contingentes elaborados originalmente como uma resposta as condições de guerra (Pérez, 2006).

O Período Especial estabeleceu um quadro dentro do qual se implementou uma nova série de medidas de austeridade e novos programas de racionamento para enfrentar as condições econômicas em deterioração (Villanueva, 2013). Grandes engenhosidades foram aplicadas simplesmente para atender às necessidades ordinárias e comuns – *resolver* e

¹⁴ Versão original: For the second time in thirty years, Cuba experienced calamitous dislocations associated with disengagement from its principal trading partners. The effects were immediate and far-reaching, and in fact had far more dire consequences the second time, for on this occasion Cuba was unable to secure alternative sources of aid and assistance. Scarcities increased and shortages of almost every kind became commonplace. Goods and services previously plentiful became scarce; what had earlier been scarce disappeared altogether (Pérez, 2006, p. 293).

¹⁵ Versão original: (...) farmed fruits and vegetables often simply rotted in the fields or in warehouses. Domestic production of meat, milk, and eggs was disrupted and seriously hampered by the lack of imported animal feed (Henthorne, 2018, p. 54).

inventar tornaram-se os verbos operativos de um povo buscando maneiras de se virar e sobreviver.

Fidel Castro, em setembro de 1990, enquanto discursava na comemoração do trigésimo aniversário dos Comitês de Defesa da Revolução no Teatro Karl Marx em Havana, introduziu e discutiu as potenciais ramificações desse “Período Especial”. Em suas palavras,

De repente, en un período de tiempo extremadamente breve, el campo socialista desapareció [...]. El período especial del que estamos hablando ahora ha surgido como un concepto para enfrentar estos problemas que he mencionado, los problemas que han ocurrido en Europa del Este, en la URSS. Ha surgido el concepto del Período Especial en tiempos de paz. Y, sin duda, ya estamos entrando en este período especial [...]. Y es inevitable que entremos en este período especial con toda su dureza [...]. Es una batalla que solo puede ser ganada con el pueblo y con la participación del pueblo (Castro, 1990).

De repente, tudo havia se tornado objeto de racionamento. Transporte, comida e até remédios se tornaram escassos. Mesmo assim, muitas vezes as cotas não eram entregues nos centros de racionamento, ou eram entregues em quantidades substancialmente menores do que as requeridas pelas alocações (Alvarez, 2004). Os suprimentos variavam regionalmente e a carne era um insumo raro e, em anos posteriores, estava disponível apenas anualmente ou semestralmente. Medicamentos essenciais desapareceram das prateleiras das farmácias (Alvarez, 2004). Uma frase que resumia em linhas gerais os sentimentos da população era comumente exclamada nas ruas: “La revolución tiene nada mas tres problemas: desayuno, almuerzo y cena” (Limia et al, 1995, p. 27).

O governo de Fidel Castro estava enfrentando uma catástrofe jamais experimentada. A crise havia extrapolado meramente suas dimensões econômicas e passou a ser uma questão humanitária. O país estava rapidamente parando, a economia estava debilitada e a sociedade se desmantelando nos seus níveis mais básicos – “pessoas estavam com fome, literalmente famintas nas ruas” (Henthorne, 2018, p. 60, tradução nossa). Uma nova abordagem era necessária. Dessa forma, o que mais importava para o governo cubano era aquilo que traria mais resultados em menor tempo possível. Nesse sentido, o desenvolvimento do turismo internacional – antes percebido pelo governo como imoral, predatório e capitalista – agora adentrou os holofotes e passou a ser visto como o meio mais promissor de gerar divisas estrangeiras, tão necessárias.

A primeira manifestação de se utilizar o setor turístico como mecanismo de desenvolvimento nesse *estado de exceção* conjulgado pela queda do bloco soviético foi em 1990, quando Fidel, no mesmo congresso de comemoração dos CDR’s, elucida as três áreas de desenvolvimento previstas para resolver os problemas econômicos do Estado cubano:

Nuestros esfuerzos de desarrollo durante el Período Especial se basan en tres pilares: el programa alimentario, que tiene que estar entre las primeras prioridades [...], el programa de turismo, que se está desarrollando bien [...], el programa de biotecnología [...] El programa de turismo es una fuente de empleo en el país. Esto es especialmente cierto en regiones que están intactas. Vamos a desarrollarlas. Esta actividad va a ser una fuente de empleo para miles de personas (Castro, 1990).

Agora não mais o turismo era visto como uma mera estratégia de diversificação econômica, mas sim de sobrevivência. Em um dos desenvolvimentos mais notáveis surgidos da crise econômica cubana durante a década de 1990, e com implicações de grande alcance, o governo cubano imediatamente começou a investir quantias maciças de dinheiro na construção de hotéis, aeroportos e outras infraestruturas básicas voltadas para o turismo (Henthorne, 2018).

A esperança de que o setor pudesse fornecer uma fonte de divisas estrangeiras tão necessárias não foram equivocadas. Turistas de fato visitaram Cuba, e em número recorde. De acordo com Pérez (2008), o número de visitantes na ilha passou de 350,000 em 1990 para mais de 500,000 em 1992 e 620,000 em 1994 para no fim, em 1995, lograr um número recorde de 740,000 turistas por ano (Pérez, 2008, p. 309). Em termos de ganhos econômicos, Pérez sublinha que os ganhos brutos com o turismo

(...) quase dobraram, passando de \$530 milhões em 1993 para mais de \$1 bilhão em 1995, e aumentaram novamente para \$1,3 bilhão em 1996 e \$1,8 bilhão em 1998. Em 2003, estima-se que 1,9 milhão de turistas visitaram Cuba, gerando \$2,1 bilhões em ganhos. No final de 2004, o número de turistas ultrapassou a marca de 2 milhões; as receitas do turismo representaram 50% dos ganhos em divisas estrangeiras de Cuba, gerando aproximadamente 100.000 empregos diretos no setor de turismo (2008, p. 309, tradução nossa).¹⁶

Essa conjuntura propiciou que o governo cubano começasse a planejar políticas ativas de fomento ao setor turístico, o qual possibilitaria uma dupla tarefa: atenuar os efeitos da crise econômica que perdurava no país, e redesenhar as estratégias de desenvolvimento econômico nacional. Naquele momento, o turismo exerceu o papel de atividade dinamizadora da economia, que refletia para Cuba uma forte reviravolta econômica, e a reestruturação do aparato produtivo estatal. Essa reviravolta é explicitada na Resolução Econômica aprovada pelo Congresso do Partido em 1991, da onde se designou a denominada “Missão de Desenvolvimento para o Turismo Internacional”, que expressava:

El turismo es el sector más dinámico y de mayor efecto multiplicador de la economía cubana, que contribuye al desarrollo del país a través de la eficiente comercialización con elevadas utilidades, de un producto turístico autóctono,

¹⁶ Versão original: (...) almost doubled from \$530 million in 1993 to more than \$1 billion in 1995 and increased again to \$1.3 billion in 1996 and \$1.8 billion in 1998. In 2003, an estimated 1.9 million tourists had visited Cuba, generating \$2.1 billion in earnings. By the end of 2004, the number of tourists had surpassed the 2 million mark; tourism receipts accounted for 50 percent of Cuban foreign exchange earnings, generating an estimated 100,000 direct tourism jobs (Pérez, 2008, p. 309).

sustentable, competitivo internacionalmente y que se fundamenta en la realidad social e identidad cultural de la nación, los extraordinarios valores de su pueblo, la belleza de la naturaleza, la seguridad, la sanidad y la profesionalidad en los servicios de alta calidad que brindan sus trabajadores, en un clima de alto sentido de pertenencia y elevada moral revolucionaria (Pérez; León. 2021).

Para dar marco legal a essa atividade, a Assembleia do Poder Popular aprovou em 1995 o aumento da porcentagem de investimentos estrangeiros em diferentes ramos da economia, entre elas, o turismo. No que concerne aos investimentos estatais durante a década de 90, o governo destinou o montante à expansão da estrutura hoteleira do país, assim entre 1990 e 1999, um quinto dos investimentos do país se concentrou no setor do turismo internacional (Cepal, 1999). As palavras de Fidel Castro refletem a crescente importância desse setor para a Revolução,

Quem teria pensado que nós [...] que lutamos contra o investimento estrangeiro, um dia veríamos o investimento estrangeiro como uma necessidade urgente? [...] O turismo é uma fonte extremamente importante de moeda conversível, que chega ao povo de muitas formas (1993, tradução nossa).¹⁷

Nesse mesmo período, o número de quartos destinados ao turismo triplicou de 12.900 em 1990 a 40 mil no ano de 2003. Ademais, grandes reformas infraestruturais foram postas em práticas, como a ampliação e criação de aeroportos, redes rodoviárias, serviços de eletricidade e saneamento e novas lojas provedoras de insumos para turistas. No entanto, para gerar um desenvolvimento contínuo desse setor, foi necessária a reestruturação dos organismos estatais vinculados a essa atividade, de modo que uma nova estrutura permitisse esse extraordinário progresso.

Nessa conjuntura, o órgão estatal centralizado que a ilha possuía (o Instituto Nacional de Turismo) muitas vezes não era capaz de prover soluções rápidas, em nível local, para as múltiplas questões que surgiam como consequência do acelerado crescimento que a atividade começava a demonstrar. Nesse sentido, em um esforço de facilitar a divulgação desse setor, em 1994, se criou o Ministério de Turismo (MINTUR), cujos objetivos são efetivar as funções do governo e direção política, regular e controlar o próprio setor e a atividade empresarial presente nele (Rohr, 1997).

Desde então, e até a atualidade, o MINTUR é a administração estatal governante do Sistema Turístico, do qual também participam outras entidades do país. Assim, adotando uma estrutura leve, plana e flexível, o Ministério fica responsável por elaborar toda política

¹⁷ Versão original: “Who would have thought that we [...] who fought foreign investment, would one day view foreign investment as an urgent need? [...] Tourism is an extremely important source of convertible currency, which reaches the people in many forms” (Castro, 1993).

turística do país, controlando sua aplicação nas mais diversas associações cubanas e diferentes atividades do setor.

No entanto, o sucesso do turismo em Cuba não foi uma benção absoluta. Este era um turismo dolarizado em uma economia de *pesos*. A chegada de dezenas de milhares de turistas estrangeiros nesse período de crise econômica serviu para elucidar a grande discrepância entre os padrões de vida nacionais em deterioração e os turistas afluentes. Em linhas gerais, isso significa que na ilha havia bens e serviços disponíveis para os estrangeiros que muitas vezes não estavam acessíveis para a maioria da população cubana (Villanueva, 2013). A expansão do setor turístico como uma estratégia geradora de divisas estrangeiras criou cada vez mais hotéis, resorts, boates e restaurantes fora do alcance da grande maioria dos cubanos, que careciam do acesso ao dólar e que, até meados de 1993, “nem sequer podiam possuir dólares legalmente” (Pérez, 2008, p. 309).

Essa conjuntura só serviu para aprofundar o descontentamento e o ressentimento do povo cubano perante seu governo. Para muitos que vivenciaram os tempos pré-revolucionários, o novo turismo revivia memórias desagradáveis do antigo setor, quando os cubanos eram rotineiramente impedidos de acessar praias, resorts e hotéis. A demanda de "*Cuba para los cubanos*" que havia sido presente no início dos anos 1960 soava vazia no início dos anos 1990. Muitos se irritavam ao ver estrangeiros com acesso a alimentos, roupas, gasolina, restaurantes e bens de consumo que estavam fora do alcance da maioria dos cubanos (Pérez, 2008). Medicamentos frequentemente indisponíveis para os cubanos que possuíam pesos eram obtidos por estrangeiros em dólares (Henthorne, 2018). Entretanto, as consequências negativas do turismo nessa época ainda eram imprevisíveis.

Além dos centenas de milhões de dólares coletados oficialmente na forma de receitas e rendimentos, milhões a mais nunca foram coletados e passaram diretamente para a posse da população em geral (Gjelten, 2008). Juntamente com grandes quantias em dinheiro na forma de remessas de cubanos que vivem no exterior, os dólares turísticos circulavam clandestinamente no mercado negro (Pérez, 2008). A entrada maciça de dólares teve consequências devastadoras para economia cubana. Quase imediatamente, o valor do peso foi atrelado ao dólar. De acordo com Pérez (2008, p. 310, tradução nossa), “entre 1992 e 1993, a taxa de câmbio no mercado negro disparou de 10 pesos para um dólar para mais de 100 pesos”.¹⁸

¹⁸ Versão original: “Between 1992 and 1993, the black market exchange rate increased from 10 pesos to the dollar to more than 100 pesos” (Pérez, 2008, p. 310).

Além disso, reemergiram sintomas de decadência social previamente considerados superados: o mercado negro, que prosperou desde os anos 1980, a prostituição (ilegal em todo o território nacional, porém amplamente tolerada pelo governo), o roubo de propriedade estatal (exemplificado em hotéis e lojas), a mendicância infantil, a violência doméstica e os pequenos crimes voltaram a níveis não observados em Cuba desde os anos do regime de Batista na década de 1950 (Uriarte, 2002, p. 29-30).

Volkening (2024, p. 206) argumenta que essas práticas podem ser justificadas pelas adversidades enfrentadas durante o Período Especial, ao mesmo tempo em que alerta para o grande risco que elas representam ao desenvolvimento saudável da sociedade cubana. Em contrapartida, Rodríguez Rivera (2007, p. 61) sugere que a utilização de métodos ilegais para assegurar a própria sobrevivência faz parte da identidade cubana há séculos.

Mesmo nos bairros e nas famílias, o Período Especial e as medidas estatais para enfrentá-lo tiveram um impacto profundo. Nesse contexto, Uriarte (2002) examinaram os efeitos do Período Especial nas famílias cubanas. Além dos evidentes problemas econômicos, ele identificou uma redução no tempo dedicado à convivência familiar, à medida que muitos adultos passaram a assumir múltiplos empregos para garantir a obtenção de alimentos e provisões para suas famílias. Consequentemente, os relacionamentos e as redes familiares ficaram sob grande pressão. Durante décadas, a família e os parentes foram o principal apoio socioeconômico dos cubanos, mas a migração em níveis nacional e internacional, bem como as precárias condições de moradia, exerceram pressão adicional sobre as relações sociais. Gold (2014, p. 50) comenta sobre a ansiedade de separação e as "frustrações que um estado constante de luta – uma Revolução permanente – impõe"¹⁹, prevalentes em Cuba.

Dessa maneira, era de se esperar um desfecho bastante semelhante àquele experienciado nos países do Leste Europeu, que também apresentavam economias planificadas. Evidentemente, estava em risco a própria sobrevivência da experiência socialista do povo cubano. No entanto, o governo e o Banco Central de Cuba constituíram um processo parcialmente eficaz, apesar de complexo e ambíguo: foi implementado um sistema em que duas moedas nacionais oficiais circulam simultaneamente. A partir de 1994, além da antiga moeda nacional – o clássico peso cubano (CUP) – passou a circular uma nova moeda emitida pelo Banco Central de Cuba, o chamado peso conversível (CUC), cujo poder de compra era equiparado ao do dólar americano²⁰

¹⁹ Versão original: “frustrations that a constant state of struggle—a permanent Revolution—demands” (Gold, 2014, p. 50).

²⁰ É válido ressaltar que novos desafios surgiram dentro das famílias cubanas. Muitos pais permaneceram em seus empregos estatais remunerados em CUP, enquanto seus filhos adolescentes conseguiam ganhar, em uma

A proposta essencial consistia em autorizar formalmente a entrada de moeda estrangeira por indivíduos e entidades jurídicas no território cubano, uma função até então exclusiva do Banco Central, mantendo, contudo, o controle estatal sobre as limitadas reservas cambiais disponíveis (Hidalgo, 2008). Permitiria-se que os turistas que trouxessem dólares ao país mantivessem seu poder de compra equivalente a um dólar, sem possuírem a moeda em si, que seria convertida em unidades de peso conversível (CUC). O Banco Central de Cuba, e, na prática, o governo, utilizaria esses dólares para adquirir no mercado internacional bens essenciais para a população. Esse arranjo foi denominado como "dolarização parcial institucionalizada", visto que não se permitiu a completa substituição da moeda nacional pela estrangeira, caracterizando a parcialidade da dolarização, e simultaneamente se evitou a implementação de uma dolarização fora do controle das autoridades monetárias, caracterizando sua institucionalização (Iramina, 2017).

A estratégia envolvia, por um lado, incentivar a entrada de dólares em um país que apresentava uma crônica crise econômica, e por outro, assegurar que esses dólares fossem utilizados para atender às necessidades sociais coletivas, e não apenas dos indivíduos que tivessem acesso à moeda estrangeira (Hidalgo, 2008).

Embora essa solução criativa tenha mantido a capacidade do governo de garantir serviços públicos de proteção social, como saúde, educação, previdência e assistência social, ela também introduziu algum grau de desigualdade na população cubana. O poder de compra da moeda estrangeira, mesmo quando convertido em CUC, continuava sendo muito superior ao da moeda nacional (CUP), resultando em um menor acesso a bens e serviços para aqueles sem acesso às divisas (Iramina, 2017). Ou seja, é dizer que pouquíssimos cubanos de fato viviam inteiramente de seus salários mensais em CUP, uma vez que um grande número da população se envolvia, querendo ou não, em transações econômicas clandestinas como única forma de sobrevivência.

A extrema urgência associada com a necessária aquisição de dólares contribuiu significativamente para o desenvolvimento de outras mazelas na ilha. A prostituição cresceu, especialmente em áreas próximas a onde estrangeiros realizavam suas transações monetárias: perto de hotéis, resorts, baladas e restaurantes (Pérez, 2008). Uma vez considerada eliminada – e de fato uma das conquistas mais notáveis da revolução – a prostituição estava mais uma vez em ascensão, se não com aprovação oficial, certamente com diferentes graus de tolerância

tarde, o equivalente ao rendimento mensal de seus pais, simplesmente acompanhando turistas por Habana Vieja ou outros pontos turísticos. Como resultado, muitos pais relataram uma perda de autoridade sobre seus filhos, que ganhavam mais dinheiro e se sentiam cada vez mais pressionados a adquirir produtos de consumo caros (como telefones celulares e roupas de marca) (Uriarte, 2002).

por parte do governo. “Corrupção, suborno e tráfico” (Henthorne, 2018), se tornaram endêmicos frente a crise da década de 90. Um residente de Havana descreve,

Todos os dias, quase todos os cubanos que conheço fazem algo ilegal apenas para sobreviver. Eles podem comprar café ou sapatos no mercado negro para seus filhos, ligar para o trabalho fingindo estar doentes para ter tempo de fazer compras de alimentos, pegar suprimentos do escritório para usar em casa ou chamar um encanador que trabalha ilegalmente para consertar o banheiro. Eles podem ser membros do Partido Comunista ou fervorosos apoiadores da revolução, mas quebram a lei como uma questão de rotina. E como todos veem todos os outros fazendo isso, isso se torna parte do jogo (Pérez, 2008, p. 311, tradução nossa).²¹

Isso gerou uma expansão favorosa de uma economia informal. A distinção entre o que era propriamente “legal” e o que claramente era “ilegal” ficou turva e perdeu significado. Era a época de se debater se o país deveria ou não adotar mecanismos de mercado – o que de certa forma acontecia, mas de maneira incipiente. Enquanto o Estado virtualmente falhava em entregar bens e serviços de forma adequada para seu povo, surgia um novo setor não estatal do mercado de trabalho que parecia suprir essa necessidade: o *cuentapropismo*²².

Durante esse período, os líderes cubanos começaram a relaxar as regulamentações que proibiam os cidadãos de se envolverem em empreendimentos privados de pequena escala, para se tornarem *cuentapropistas* (proprietários de pequenos negócios autônomos) (Henthorne, 2018). Pela primeira vez desde a Revolução, cubanos passaram a ter a possibilidade de possuir e administrar – ainda que de maneira bastante limitada – negócios privados. A maior parte desses pequenos negócios estava diretamente vinculada ao turismo, e permitia aos proprietários interagir com viajantes estrangeiros e terem a oportunidade de ganhar dólares americanos. Até mesmo um lucro modesto de um negócio privado individual poderia superar em muito o salário irrisório pago pelo Estado (Pérez, 2008). Consequentemente, milhares de cubanos abandonaram seus empregos mal remunerados pelo governo para se dedicarem a negócios privados.

²¹ Versão original: “Every day, almost every Cuban I know does something illegal just to get by. They may buy black market coffee or shoes for their kids, call in sick at work so they can have time to shop for food, swipe supplies from the office to use at home, or get their toilet fixed by a plumber working illegally. They might be members of the Communist Party or staunch supporters of the revolution, but they break the law as a matter of course. And since everyone sees everyone else doing it, it becomes part of the game” (Pérez, 2008, p. 311).

²² Entende-se por *cuentapropismo* como “novo setor privado cubano que triplicou na última década, alcançando cerca de quinhentas mil pessoas, instaladas predominantemente nos serviços de restaurantes e habitação turística. A palavra vem de “trabalho por conta própria”. Para ser um *cuentapropista*, isto é, conduzir negócios privados na ilha, é necessário pedir permissão ao Estado e cumprir leis que delimitam a escala, o setor e os tributos do empreendimento. Alguns consideram que a palavra *cuentapropista* é inadequada porque acobertaria diferenças entre os proprietários de um negócio e seus funcionários, ambos chamados da mesma forma. Sabe-se que os *cuentapropistas* representam diferentes níveis de poder econômico: alguns contratam dezenas de funcionários e outros, nenhum; alguns acessam a moeda forte da ilha (cuc) e outros se mantêm na moeda fraca (cup)” (Paschoal, 2017, p. 236).

De acordo com Henthorne (2018, p. 62, tradução nossa), “cubanos estavam dirigindo táxis, servindo bebidas, tocando música nas ruas, vendendo obras de arte locais ou outros itens, alugando quartos ou abrindo restaurantes”.²³ O cuentapropismo era fortemente vinculado a satisfação turística da ilha, *Paladares* (pequenos restaurantes privados dentro de uma casa) e *casas particulares* (casas privadas com quartos para alugar; uma espécie de precursor do hoje onipresente Airbnb) tornaram-se empreendimentos particularmente populares, pois os retornos monetários potenciais poderiam superar de longe a maioria dos outros negócios legalizados.

Nesse contexto, a carência de empregos estatais em favor do cuentapropismo gerou um impacto significativo no desenvolvimento socioeconômico de Cuba. Por um lado, promoveu uma maior eficiência econômica, diversificação do mercado e melhorias no padrão de vida de muitos cidadãos. Por outro, destacou e, em alguns casos, ampliou as desigualdades sociais existentes, demonstrando valores individualistas e menos solidários dentro dos empreendimentos. Nesse sentido, deve-se pensar o cuentapropismo, portanto, no contexto da atualização do socialismo na ilha e identificar as possíveis consequências que o crescimento dessa atividade trará para a ordem social cubana, apresentando novos desafios para o governo no equilíbrio entre crescimento econômico e equidade social.

Em linhas gerais, com a crescente presença do turismo internacional e a sua conturbada gestão, Cuba revolucionária parecia capaz de sobreviver ao tão temeroso “Período Especial”. O setor turístico se tornou uma fonte crucial de empregos, apresentando um efeito multiplicador que beneficiou diversos segmentos da economia. Estima-se que para cada 100 empregos criados no turismo, outros 53 foram gerados na manufatura, 36 da construção, 14 na agricultura e sicultura, 29 no transporte e 2 na comunicação (Potter, 2005).

Ainda nessa esteira, o setor turístico também experimentou benefícios da participação de empresas estrangeiras de forma menos direta. A indústria do turismo, enquanto atividade econômica, depende de uma gama diversificada de insumos, desde a eletricidade que ilumina os hotéis até os produtos alimentícios consumidos pelos turistas. O grau em que esses insumos são provenientes da produção local está grandemente condicionado ao nível de diversificação da produção no país em questão (Jensen, 2003).

A necessidade de importar uma porcentagem substancial desses insumos é uma das principais fragilidades dessa estratégia de desenvolvimento em muitos países do Sul Global, como Cuba. As autoridades da ilha se empenharam em abordar essa fragilidade, fazendo uso

²³ Versão original: “Cubans were driving taxis, pouring drinks, playing music on the streets, selling locally produced artwork or other items, renting rooms, or opening restaurants” (Henthorne, 2018, p. 62).

de investimentos nacionais e estrangeiros para fortalecer e oxigenar a indústria local, a agricultura e outras atividades econômicas associadas ao turismo (Jensen, 2003). A participação de empresas estrangeiras introduziu níveis mais avançados de tecnologia no processo produtivo, assegurou a qualidade dos produtos e proporcionou um grande volume de capital.

A introdução da participação de empresas estrangeiras na economia cubana, sobretudo no setor turístico, coincidiu com a descentralização da gestão nessa mesma atividade. Seja através de associações com capital estrangeiro ou de corporações turísticas totalmente cubanas, as entidades econômicas alcançaram um nível de autonomia sem precedentes desde a década de 1960 (Enríquez, 2010). Essa autonomia se manifestou no processo de planejamento, nas modalidades de aquisição de insumos, entre outras áreas.

A liberdade de adaptação era vista como uma condição essencial para conferir competitividade internacional ao setor turístico. Portanto, tanto a existência desse setor quanto as mudanças de política que o acompanharam representaram alterações de considerável magnitude para a economia e o modelo de governança que predominava desde os primórdios do período socialista (Jensen, 2003). Como resultado, os rendimentos anuais provenientes do turismo internacional registraram um notável crescimento durante a década de 1990. De acordo com Enríquez,

de \$243 milhões (US) em 1990 para \$1.9 bilhão (US) até o ano 2000. O turismo, assim, propiciou significativos influxos de capital estrangeiro (seja como investimento direto ou como receitas) e conhecimento especializado para a economia cubana, extremamente abalada. Ao fazê-lo, alcançou os objetivos desejados pelos formuladores de políticas: estimular uma rápida recuperação econômica e abrir caminho para uma maior diversificação econômica (2010, p. 99, tradução nossa).²⁴

No entanto, apesar dos benefícios econômicos, o crescimento do turismo em Cuba no Período Especial gerou desequilíbrios regionais e socioeconômicos. O desenvolvimento de áreas turísticas costeiras criou, especialmente em Havana, uma “cidade dual”, com disparidades socioeconômicas marcantes entre diferentes bairros (Villanueva, 2013). Simultaneamente, a atratividade do setor turístico – que via de regra oferecia melhores salários e condição de trabalho – levou à migração interna para Havana, particularmente de mulheres em busca de emprego. Isso resultou em uma drenagem de recursos humanos de setores cruciais como saúde e educação, tradicionalmente valorizados pela Revolução Cubana

²⁴ Versão original: “(...) increasing from \$243 million (US) in 1990 to \$1.9 billion (US) by 2000 (Table II). As such, tourism brought major infusions of foreign exchange (as direct investment and as earnings) and expertise into Cuba’s extremely depressed economy. In so doing, it produced the outcomes policy makers sought: to stimulate a rapid economic recovery and to open the way for greater diversification of the economy” (Enríquez, 2010, p. 99).

(Potter, 2005). No entanto, o apoio popular à Revolução parece ter permanecido relativamente elevado durante o Período Especial. Miller e Henthorne, por exemplo, apontam que

Os cubanos reconhecem os ganhos reais alcançados pela Revolução, diante de uma oposição determinada e implacável dos Estados Unidos: educação, alfabetização, cuidados de saúde, vacinas, equidade social, condições de trabalho, orgulho nacionalista, e até mesmo sorvete de boa qualidade (1997, p. 83, tradução nossa).²⁵

Dessa forma, a Revolução Cubana constituiu um marco significativo ao ampliar o acesso ao ensino superior, fomentar oportunidades de emprego e proporcionar melhorias nas condições de acesso a restaurantes e às praias mais renomadas para a população negra e mulata do país. Nesse contexto, Fidel Castro consolidou-se como uma figura paternal, exercendo um status de respeito e reconhecimento que perdura na memória coletiva da sociedade cubana.

4.2 DILEMAS E REPAROS: A CONTINUAÇÃO DAS POLÍTICAS NO SÉCULO XX

Os esforços que Fidel colocou no turismo internacional como mecanismo de alívio econômico para Cuba não foram em vão. Cuba havia se tornado o destino mais dinâmico no Caribe. Mesmo diante dos impactantes ataques terroristas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 e da subsequente recessão econômica, Cuba não foi submetida a um impacto completamente debilitante. O setor turístico em toda região do Caribe sofreu consideravelmente, à medida que a preocupação e a insegurança cresceram entre os turistas (Henthorne, 2018).

Paralelamente aos demais países caribenhos, Cuba também testemunhou uma queda substancial na chegada de visitantes, com a diminuição do interesse em viagens aéreas e internacionais. De acordo com Pérez (2008, p. 321, tradução nossa), o impacto no turismo internacional após os ataques de 11 de setembro, “resultou em uma queda estimada de 20% nas receitas turísticas em Cuba. O crescimento econômico estagnou em 2,5% em 2001 e permaneceu posteriormente em 1,1% em 2002 e 1,5% em 2003”.²⁶

²⁵ Versão original: “Os cubanos reconhecem os ganhos reais alcançados pela Revolução, diante de uma oposição determinada e implacável dos Estados Unidos: educação, alfabetização, cuidados de saúde, vacinas, equidade social, condições de trabalho, orgulho nacionalista, e até mesmo sorvete de boa qualidade. Foi a Revolução que abriu oportunidades de ensino superior, avançou oportunidades de emprego, restaurantes e as melhores praias para a população negra e mulata de Cuba. Castro mantém amplamente um status respeitado, como uma figura paterna” (Miller & Henthorne, 1997, p. 83).

²⁶ Versão original: “The impact on international tourism after the September 11, 2001, al-Qaeda attacks against the United States resulted in an estimated 20 percent decline in tourist receipts in Cuba. Economic growth stagnated at 2.5 percent in 2001 and remained thereafter at 1.1 percent in 2002 and 1.5 percent for 2003” (Pérez, 2008, p. 321).

Nesse sentido, embora Cuba tenha previsto uma marca recorde de dois milhões de visitantes para o ano de 2001, observou-se no período de 2000 a 2002, uma redução de 7% no fluxo de visitantes, passando de 1.774.000 em 2000 para 1.656.000 em 2002 (Bandeira, 2009). Apesar de ter sido menos acentuada quando em comparação a outros destinos caribenhos, essa queda ainda logrou um impacto substancial.

Entretanto, até o ano de 2003, as chegadas quase alcançaram a marca de dois milhões, apresentando um notável incremento de aproximadamente vinte por cento em relação ao ano anterior (Pérez, 2008). Cuba adaptou-se rapidamente e procedeu a um substancial aumento nas tarifas hoteleiras. Mesmo assim, houve uma persistente demanda por hospedagem em solo cubano. Destaca-se que a participação cubana no mercado caribenho global experimentou uma aceleração significativa, passando de apenas 3% em 1989 para cerca de 10% em 2003 (Bandeira, 2009). Sobre esse período, Moniz Bandeira resume,

Os atentados de 11 de setembro, agravando a recessão da economia mundial, concorreram efetivamente para a redução das viagens internacionais e para a diminuição das remessas de dólares feitas pelos cubanos no exterior para suas famílias na ilha. Ao mesmo tempo, os preços do níquel caíram 40% no mercado mundial, os do açúcar também, e as exportações de charutos declinaram. E, entre estes e outros fatores, tais como o furacão Michelle e o fechamento da base de vigilância em Lourdes, pela qual a Rússia pagava uma taxa anual de US\$ 200 milhões, os investimentos diretos estrangeiros despencaram 91% e a Venezuela, onde a crise econômica e política se agravou, suspendeu os fornecimentos de petróleo (2009, p. 743).

Apesar da conturbada conjuntura externa, o crescimento do turismo internacional continuou vertiginoso, ultrapassando pela primeira vez a marca de dois milhões em 2004. Em 2005, Cuba estabeleceu outro recorde de chegadas internacionais, totalizando 2.319.340 hóspedes, provenientes, em sua maioria, do Canadá, Espanha, Itália, Alemanha e França (Salinas, 2018). Por fim, o Período Especial foi superado e o turismo cubano prosseguiu em sua trajetória ascendente.

Então, em 31 de julho de 2006, o líder Fidel Castro anunciou que transferiria provisoriamente o controle do governo da ilha para seu irmão mais novo, Raúl. Com essa transição, Raúl passaria a exercer controle sobre as forças armadas e a liderança do Partido Comunista. Embora fosse amplamente reconhecido que Fidel, em estado de saúde fragilizado, não mais conduzia as atividades cotidianas do líder partidário, ele jamais formalmente renunciara ao cargo. Após quase cinquenta anos como líder preponderante de Cuba, Fidel Castro deixava de ser o chefe formal do país. O anúncio de Castro foi feito por meio de uma declaração oficial publicada no jornal Granma, órgão do Partido Comunista:

Para meus queridos compatriotas, que me concederam o imenso honor nos últimos dias de me elegerem como membro do parlamento [...]. Comunico-lhes que não

aspirarei nem aceitarei repito, não aspirarei nem aceitarei os cargos de presidente do Conselho de Estado e Comandante-em-Chefe (Reuters, 2008, tradução nossa).²⁷

De acordo com Salinas (2018), O estágio do turismo em Cuba no século XXI é caracterizado por três eventos-chave que influenciaram significativamente o desenvolvimento do setor. O primeiro ocorreu em 31 de março de 2008, quando as restrições de viagens domésticas, vigentes por mais de uma década e que proibiam os cubanos de usufruir das instalações turísticas operadas com moeda estrangeira, foram revogadas. Desde então, o número de turistas cubanos hospedando-se em estabelecimentos turísticos aumentou para mais de 816.000 em 2014. O mercado doméstico testemunhou um crescimento acelerado, tanto em volume quanto em receita proveniente de acomodações, aluguel de carros e compra de excursões locais, tornando-se o segundo maior em termos de ocupação hoteleira, superado apenas pelos turistas canadenses (Perelló, 2013).

O segundo evento relevante foi a autorização, em 2009, das casas particulares, como parte de uma estratégia para promover o autoemprego e expandir as opções de hospedagem tanto para turistas locais quanto estrangeiros (Fernández, 2011). Em 2011, já havia 5.207 quartos disponíveis em casas particulares, juntamente com 1.608 restaurantes caseiros (os já então citados *paladares*), a maioria oferecendo produtos de alta qualidade e competitivos (Salinas, 2018). O terceiro acontecimento de destaque foi o pronunciamento conjunto em 17 de dezembro de 2014 pelos presidentes Barack Obama e Raúl Castro, anunciando a retomada das relações diplomáticas entre os Estados Unidos e Cuba, que haviam sido interrompidas por mais de meio século.

Desde 1959, a dinâmica entre os Estados Unidos e Cuba tem sido caracterizada por um cenário de desconfiança e antagonismo, um contexto que teve início com a ascensão de Fidel Castro ao derrubar o regime pró-EUA de Fulgencio Batista em Havana, estabelecendo um estado socialista alinhado à União Soviética. Ao longo do subsequente meio século, diferentes administrações norte-americanas adotaram políticas com o propósito de isolar e enfraquecer Cuba tanto em termos econômicos quanto diplomáticos. Estima-se que as restrições comerciais impostas pelos Estados Unidos tenham gerado um prejuízo de 126 bilhões de dólares para a economia cubana desde o início do bloqueio (Felter & Renwick, 2018).

Foi então que, durante o período eleitoral nos Estados Unidos, o candidato Barack Obama propôs uma revisão na abordagem diplomática em relação a Cuba. Ele se comprometeu a realizar uma reunião pessoal com o presidente cubano Raúl Castro, caso fosse

²⁷ Versão original: To my dear compatriots, who gave me the immense honor in recent days of electing me a member of parliament [...]. I communicate to you that I will not aspire to or accept I repeat not aspire to or accept the positions of president of the Council of State and Commander-in-Chief (Reuters, 2008).

eleito presidente dos EUA, visando reestruturar as relações entre os dois países (Feinberg, 2012). Raúl Castro, por sua vez, já há alguns anos antes de assumir a liderança, expressava publicamente o desejo por uma normalização das relações com os Estados Unidos.

Adicionalmente, Raúl tinha um incentivo suplementar para buscar uma melhoria nas relações bilaterais, dado o impasse enfrentado pelas estratégias econômicas internacionais de Cuba e a urgente necessidade de mais divisas estrangeiras para a economia da ilha. O atual líder via um aumento no turismo proveniente dos EUA como uma oportunidade para uma rápida injeção de moeda estrangeira na debilitada economia cubana (Fienberg, 2012). De acordo com Salinas,

Isso abriu novas possibilidades para viagens a Cuba por cidadãos americanos, expandindo as categorias para a concessão de permissões para viajar para o país. Embora esses avanços diplomáticos já tenham sido reduzidos durante a administração do presidente Trump, as discussões sobre possibilidades emergiram rapidamente e alguns negócios turísticos, como hotéis, linhas de cruzeiro e operadores turísticos, aproveitaram o novo mercado (2018, p. 9, tradução nossa).²⁸

Essa mudança na política do governo dos EUA, implementada em janeiro de 2015, incluiu a ampliação das licenças para viagens a Cuba, além da retirada de Cuba da lista de países que apoiam o terrorismo e a reabertura das embaixadas de ambos os países (Henthorne, 2018). O clima renovado entre as nações impulsionou um aumento nas visitas a Cuba por parte de turistas de diversas nacionalidades, uma vez que este crescimento não se deve apenas à chegada dos americanos em si, “mas devido ao efeito de impulso originado em todo o mundo pelo restabelecimento das relações com os EUA. Hoje, não é mais um pecado para ninguém vir a Cuba” (Salinas, 2018, p. 9, tradução nossa).²⁹

Como resultado da aplicação abrangente de medidas para aliviar as sanções econômicas dos Estados Unidos, as viagens dos cidadãos americanos para Cuba aumentaram significativamente em 2015. O governo cubano registrou um crescimento do PIB dobrando sua taxa para 4% e, embora não estivesse ao alcance de Barack Obama eliminar o bloqueio econômico dos Estados Unidos sobre Cuba, suas ações executivas sugeriam uma mudança substancial no cenário das relações entre os dois países (Henthorne, 2018).

É de extrema importância sublinhar que o abrandamento de Obama sobre o anacrônico bloqueio representa uma tentativa de perseguir os mesmos antigos objetivos de seus

²⁸ Versão original: “This opened up new possibilities for trips to Cuba by US citizens, expanding categories for the granting of permits to travel to the country. Though these diplomatic gains have already experienced curtailing under the administration of President Trump, the discussions of possibilities emerged quickly and some tourism businesses such as hotels, cruise lines, and tour operators, capitalizing on the new market” (Salinas, 2018, p. 9).

²⁹ Versão original: “This growth is not due to the arrival of Americans in itself, but due to the push effect originated around the world by the resumption of relations with the U.S. Today it is no longer a sin for anyone to come to Cuba” (Salinas, 2018, p. 9).

antecessores – derrotar a revolução – por diferentes meios – expansão imperialista do capitalismo. Em palavras de Barack Obama,

Não serve aos interesses dos Estados Unidos, nem ao povo cubano, tentar empurrar Cuba para o colapso. Mesmo que isso funcionasse - e não funcionou por 50 anos - sabemos por experiência arduamente adquirida que os países são mais propensos a uma transformação duradoura se seu povo não for submetido ao caos. (...) Não devemos permitir que as sanções dos EUA aumentem o fardo dos cidadãos cubanos que buscamos ajudar. O compromisso dos EUA é apoiar o setor privado emergente em Cuba (...) Muitos mais desses empreendedores estão surgindo, sendo capazes de prosperar e expandir, tornando-se agentes de mudança dentro de Cuba (Pérez, 2015, tradução nossa).³⁰

Ou seja, é dizer que, embora carregado de uma retórica aparentemente altruísta e progressista, Obama esconde a continuidade do bloqueio e do controle imperialista sobre a ilha. Ao promover a abertura gradual do setor privado em Cuba, o ex-presidente sugeriu uma transformação “de dentro para fora”, que, na prática, visou minar a base socialista do país e expandir a influência capitalista dos EUA sobre a economia cubana. Sob essa ótica, as significativas transformações socioeconômicas decorrentes do "influxo" de turistas americanos, do aumento súbito das importações, dos investimentos diretos e da crescente influência dos cubanos exilados constituíam uma combinação explosiva que poderia desestabilizar o governo cubano (Volkening, 2024). Embora Obama aparentemente tenha ajustado as medidas, os objetivos fundamentais da política dos EUA em relação a Cuba permaneceram essencialmente os mesmos.

A influência americana em Cuba passaria então a ser estabelecida não por meio de uma abordagem coercitiva, mas sim de forma subliminar, por meio do capital de investimento, do turismo e dos laços econômicos crescentes entre os dois países (De Bhal 2018). A arena internacional é caracterizada pela hostilidade implacável da elite dominante dos Estados Unidos em relação às revoluções políticas e sociais, independentemente de sua posição geográfica ou política. Os Estados Unidos, como o mais poderoso império no mundo contemporâneo, oferecem apoio econômico, militar e moral a qualquer regime, por mais corrupto, negligente ou cruel que seja, desde que demonstre fidelidade à aliança anti-socialista.

Em contrapartida, nenhum governo popular ou socialista, mesmo que democraticamente eleito e comprometido com o progresso de seu povo, pode estar seguro de

³⁰ Versão original: “It does not serve America’s interests, or the Cuban people, to try to push Cuba toward collapse. Even if that worked—and it hasn’t for 50 years—we know from hard-earned experience that countries are more likely to enjoy lasting transformation if their people are not subjected to chaos...We should not allow U.S. sanctions to add to the burden of Cuban citizens that we seek to help. The U.S. commitment is to support the emerging private sector in Cuba. Many more of these entrepreneurs are emerging, being able to prosper and expand, and becoming agents of change within Cuba.” (Pérez, 2015).

não sofrer intervenções por parte daqueles que fomentam, de forma contraditória, uma dedicação ao progresso social e democrático. A agressividade indomável das potências imperialistas, grandes e pequenas, obstrui de maneira significativa o progresso econômico e social dos países que optam pelo caminho da construção socialista³¹. No entanto, o setor turístico demonstrou forte capacidade de adaptação e pareceu ser capaz de sustentar sua esfera na esquerda radical.

No final de 2008, a situação em Cuba apresentava sinais de melhoria em relação à década anterior, que foi caracterizada pela queda do Bloco Socialista e pela dissolução da União Soviética. Essa relativa recuperação foi, essencialmente, possibilitada pela abertura da economia cubana ao investimento estrangeiro, principalmente no setor hoteleiro, o que resultou em um aumento notável no fluxo turístico. Além disso, a alteração significativa no panorama político da América Latina após a ascensão de Hugo Chávez ao poder na Venezuela, em fevereiro de 1999, desempenhou um papel crucial nesse processo (Bandeira, 2009).

Nesse contexto, Ayala-Castro (2016) evidencia que o avanço quantitativo de visitantes e turistas a Cuba no período de 2010-2014 foi expressivo, corroborando para uma estabilidade e desenvolvimento progressivo do turismo na ilha. Em contrapartida, no que concerne à renda agregada ao turismo internacional, os resultados quantitativos foram ínfimos durante o mesmo período (Ayala, 2016). Em concordância com o mesmo autor, o montante total de visitantes da ilha nessas primeiras décadas do século XXI se mostrou positivo se levarmos em consideração dois fatores. O primeiro sendo Cuba não possuir acesso a mercados de suma importância no cenário externo, justamente devido ao bloqueio econômico; e o segundo, a conjuntura internacional que na época refletiu em crises políticas (11 de setembro), econômicas (alta no preço do petróleo) e ambientais (aumento de desastres naturais na região do Caribe), afetando diretamente o turismo da ilha.

É notório que o turismo carrega grande capacidade de gerar impactos em diversos setores do país, sendo eles positivos ou negativos. No campo econômico, o setor contribui para geração de empregos, desenvolvimento da infraestrutura e fomento à atividade empresarial, no entanto, a atividade também requer um maior número de importações, limita o investimento público e aumenta a especulação imobiliária (Araújo, 2023).

No campo social, os impactos se traduzem de diversas formas. Em suas mazelas estão presentes a reforma da estrutura demográfica, alteração de costumes e valores convencionais e

³¹ Os severos danos infligidos ao notável esforço revolucionário do povo cubano pela estratégia de "fome" imposta pelo imperialismo americano constituem o exemplo mais claro e lamentável desse contexto.

marginalização de uma parcela da sociedade. Entretanto, o aumento da rentabilidade e do emprego corrobora para o bem-estar social de seus cidadãos e a presença amistosa de estrangeiros traz um intercâmbio de conhecimentos técnico-científicos que promovem a qualificação e novas perspectivas para uma cultura como um todo (Araújo, 2023). No cenário político,

novos grupos de poder surgem e incorporam o mercado turístico, influenciando nas formas de organização e desenvolvimento do mesmo setor. Em relação às questões ambientais, a atividade – se não monitorada com um projeto de desenvolvimento social – resulta em poluição e contaminação de ecossistemas, emissão de gases poluentes na atmosfera e degradação do meio-ambiente (Araújo, 2023, p. 185).

Dessa forma, considerando seus benefícios e malefícios, Cuba foi capaz de se consolidar em 2017 como um grande destino internacional, logrando a chegada de mais de 4.700.000 visitantes. Esse número representou um incremento de 6,4% em comparação aos dados do fim de 2016 (Mintur, 2018).

Em 19 de abril de 2018, o Presidente Raul Castro renunciou e a Assembleia Nacional elegeu por unanimidade o primeiro vice-presidente de cinquenta e sete anos, Miguel Diaz-Canel, sucessor escolhido por Castro, como presidente de Cuba (Corte, 2021). Simultaneamente, Cuba reconheceu oficialmente que não alcançou a marca dos 5 milhões de turistas previstos para o ano de 2018, e atribuiu a diminuição fundamentalmente às medidas restritivas impostas pelos Estados Unidos após a chegada de Donald Trump à presidência (Cubamet, 2018).

Apesar da ilha ter apresentado uma conjuntura propícia ao desenvolvimento, a eleição de Trump como novo presidente norte-americano e suas novas declarações representou um retrocesso em relação aos últimos anos de vínculos comerciais entre ambos os países. Não obstante, as medidas administrativas tomadas pelo presidente Trump, e aprovadas no Congresso, limitaram as viagens e influenciaram no ritmo de crescimento deste mercado. Em palavras do próprio presidente republicano, “*we will enforce the ban on tourism. We will enforce the embargo*” (Theater, 2017).

Incontestavelmente, o governo em Havana sentiu os impactos das políticas adotadas por Trump. Ao direcionar suas medidas para as remessas, a administração Trump ameaçou interromper uma fonte de receita anual superior a \$3.6 bilhões (Ferrer, 2021). Ao restringir as oportunidades de viagem, privou o governo cubano de bilhões em receitas. No entanto, o governo cubano dispunha de opções para mitigar, ao menos parcialmente, os desafios apresentados pelo endurecimento do bloqueio por parte de Trump. Nesse contexto, Rússia e Venezuela continuaram fornecendo importações de petróleo, conseguindo contornar as

sanções e pressões dos EUA e novos investimentos chineses posicionaram esse país como o segundo maior parceiro comercial de Cuba, logo após o Canadá (Henthorne, 2018).

No entanto, a maioria dos cubanos não dispunha de meios para enfrentar a situação. Aqueles que haviam estabelecido pequenos empreendimentos na esperança de capitalizar com o aumento do turismo dos Estados Unidos fecharam suas portas e cessaram suas atividades (Ferrer, 2021). A queda nas viagens e remessas implicou que as pessoas não podiam mais contar com o apoio financeiro de familiares e amigos no exterior. “A redução no fornecimento de petróleo dificultou o transporte; os suprimentos de alimentos começaram a escassear, as filas se alongaram e os preços se elevaram” (Ferrer, 2021, p. 516, tradução nossa).³² Em concordância com o mesmo autor,

As pessoas passaram a despertar às 5 da manhã para aguardar na fila por frango; o preço do pão aumentou em 20%; as tarifas de eletricidade triplicaram. Em todos os lugares, as conversas passaram a girar em torno de outro "Período Especial", semelhante ao que ocorreu após a dissolução da União Soviética. Alguns argumentaram que a nova crise era ainda mais severa (Ferrer, 2021, p. 516, tradução nossa).³³

Somado a política isolacionista de D. Trump, a pandemia de Covid-19 e uma longa história de produtividade interna deficiente e planejamento central ineficiente também desempenharam papéis relevantes. Após um longo adiamento, o governo finalmente iniciou uma política para eliminar seu sistema de moeda dual e unificá-la, um processo altamente penoso, particularmente para aqueles sem acesso a moeda forte, um grupo que cresceu durante a presidência de Trump. Conforme expresso por um professor cubano em 2020: "*Trump wanted to bury us alive*" (Ferrer, 2021, p. 516). Ofegante, Cuba não antevia que se encontraria diante do iminente confinamento. A nação que anseia pela afluência de turistas se deparou abruptamente com o lema: "Fique em casa!", colocando em xeque assim sua principal fonte de divisas e progresso socioeconômico – o turismo.

4.3 “LOCKDOWN”: A COVID-19 E O TURISMO CUBANO

A pandemia do coronavírus colocou à prova o mundo como um todo, mas em nenhum lugar destacou mais a resiliência da humanidade do que na pequena ilha caribenha de Cuba. A COVID-19 expôs as fraquezas de Cuba, mas também demonstrou a força do sistema de saúde

³² Versão original: “Reductions in oil supply made transportation more difficult. Food supplies dwindled, lines grew longer, prices climbed higher” (Ferrer, 2021, p. 516).

³³ Versão original: “People woke up at 5 a.m. to get in line for chicken; bread prices increased by 20 percent; electricity rates tripled. Everywhere people began to talk about another Special Period, like the one that had followed the fall of the Soviet Union. The new crisis, said some, was even worse than that” (Ferrer, 2021, p. 516).

cubano e seu internacionalismo médico. A economia de Cuba depende em grande parte do turismo e a decisão do governo de fechar suas fronteiras em 24 de março de 2020 exacerbou os problemas econômicos de Cuba já existentes devido ao recente endurecimento do cerco imperialista.

No entanto, apesar de enfrentar uma das recessões econômicas mais devastadoras em décadas, a resposta de Cuba à pandemia oferece lições importantes para o manejo mundial de surtos de doenças e a administração de sistemas de saúde. Embora a resposta de Cuba à pandemia seja abrangente e multidimensional, este subtópico buscará ilustrar em particular como o sistema de saúde cubano e a diplomacia médica iluminaram Cuba durante a crise. Não apenas a resposta de Cuba à pandemia foi amplamente louvada, mas também permitiu a reabertura do turismo em Cuba e possivelmente mitigou a crise econômica intensificada pela pandemia.

Até o dia 1º de junho de 2020, o número global de indivíduos afetados pelo Covid-19 ultrapassava os 6,2 milhões, com 1,15 milhão de casos na China e 2,95 milhões nos Estados Unidos (Ecdc, 2023). No entanto, até o dia 24 de junho, esse número global havia aumentado para 9,2 milhões de casos. No contexto cubano, os registros indicavam apenas 2.092 casos, dos quais uma parcela significativa envolvia turistas internacionais ou cidadãos cubanos que regressavam de áreas onde a pandemia já estava mais disseminada, como a Itália (Minsap, 2024).

A resposta de Cuba à pandemia global transcendeu as fronteiras domésticas, adquirindo uma dimensão internacional significativa. Mais de 2.000 médicos e enfermeiros cubanos foram enviados para mais de 23 países, abrangendo nações como Itália, Venezuela, Santa Lúcia, Angola e Nicarágua, com o propósito de auxiliar em regiões afetadas por surtos internacionais em decorrência da situação do COVID-19 (Gorry, 2020).

Nessa esteira, é válido mencionar que os indicadores de saúde em Cuba apresentam-se notáveis tanto em comparação com outros Estados de Produto Interno Bruto similar quanto quando colocados ao lado de nações significativamente mais ricas, incluindo os Estados Unidos. Por exemplo, a expectativa de vida ao nascer em Cuba, no ano de 2018, é de 79 anos, superando a de outros estados na região, como a República Dominicana e as Bahamas, onde é de 74 anos (Banco Mundial, 2024). Além disso, a expectativa de vida em Cuba equivale à dos Estados Unidos. As estatísticas recentes de mortalidade infantil também se mostram impressionantes (4 por 1.000 nascidos vivos); equivalentes às do Reino Unido e do Canadá e melhores do que a taxa nos Estados Unidos, que é de 6 por 1.000 (Banco Mundial, 2024).

Além disso, Cuba também é capaz de oferecer um sistema de saúde universal e gratuito, com uma ênfase na acessibilidade aos profissionais médicos e na promoção da medicina preventiva (Madureira, 2010). Com uma proporção de 84 médicos para cada 10.000 habitantes, Cuba detém a maior densidade médica do mundo. Esta disparidade é particularmente notável quando comparada aos Estados Unidos, onde a proporção é de apenas 26 médicos para cada 10.000 pessoas (OMS, 2024).

Além da quantidade de profissionais de saúde, a abordagem singular adotada na prestação desses serviços também contribui para os impressionantes indicadores de saúde em Cuba. O cerne do sistema de saúde cubano reside nas comunidades locais, onde cada bairro, composto por aproximadamente 1.000 pessoas, é atendido por um médico de família e uma enfermeira. Esses profissionais não apenas oferecem cuidados diretos à população local, mas também enfatizam a importância da educação em saúde preventiva (Domínguez, 2011).

É importante sublinhar que Cuba sempre teve uma considerável presença de profissionais de saúde trabalhando em diversos países ao redor do mundo, contabilizando até 50.000 em 67 nações, o que se revelou uma fonte substancial de receita para o governo cubano, com uma arrecadação anual estimada em quase US\$ 11 bilhões, representando assim a principal forma de ingresso de recursos financeiros internacionais para o país em tempos de pandemia (Nugent, 2018).

O modelo de saúde de Cuba, já amplamente reconhecido por sua inovação, tem sido aclamado por sua resposta à pandemia. Um artigo do *Journal of the Royal Society of Medicine* afirmou,

Com um sistema de saúde baseado na saúde pública e nos cuidados primários, o país investe fortemente na formação de trabalhadores da saúde que são principalmente treinados para atuar na comunidade, [...] Seus esforços com a COVID-19 têm sido excepcionais (Ashton, 2020, p. 282, tradução nossa).³⁴

De maneira similar, um artigo da *Medic Review* (2020) destacou que "a base do sistema de saúde pública universal de Cuba também sustenta sua resposta à pandemia do Coronavírus" (Aguilar-Guerra & Reed, 2020, p. 53, tradução nossa).³⁵ Nesse sentido, autoridades de saúde pública de outros países deveriam observar o modelo de Cuba e seu êxito, não apenas em controlar a disseminação da COVID-19, mas também nos efeitos positivos das medidas preventivas de saúde e da medicina comunitária na saúde geral da população.

³⁴ Versão original: "With a health system grounded in public health and primary care, the country invests heavily in producing health workers who are primarily trained to work in the community, [...] Their efforts with COVID-19 have been outstanding" (Ashton, 2020, p. 282)

³⁵ Versão original: "(...) the backbone of Cuba's universal public health system is also the backbone of its response to the Coronavirus pandemic" (Aguilar-Guerra & Reed, 2020, p. 53).

Esse fácil acesso da população ao tratamento médico foi um fator chave na habilidade da ilha de gerenciar a pandemia e dar as boas-vindas à atividade turística novamente. O governo iniciou uma fase de reabertura logo no começo de junho de 2020, permitindo a retomada do turismo doméstico, seguida de uma abertura parcial de viagens internacionais no mês seguinte.

Dando continuidade às políticas de contenção do vírus, Cuba viu uma maneira de proteger o turismo por meio do programa “Turismo + Higienico y Seguro”, no qual regula e monitora instalações turísticas com protocolos de prevenção de doenças (Kucheran, 2020). Ademais, hotéis turísticos na época foram aparelhados com uma equipe de médicos, enfermeiros e epidemiologistas (Harris, 2020). Como explicou o economista cubano Ricardo Torres:

A estratégia muito bem-sucedida de Cuba no controle da epidemia também é uma vantagem quando se trata de reabertura, [...] porque os turistas nos próximos meses estarão procurando destinos seguros do ponto de vista da saúde (CGNT, 2020, tradução nossa).³⁶

Essa estratégia também se fundamenta na renomada reputação de Cuba como um destino de turismo de saúde devido à sua excelência na prestação de serviços médicos e na qualidade de suas instalações de saúde. Nessa esteira, em entrevista no Palácio da Revolução, o atual presidente de Cuba Miguel Diaz-Canel afirma:

mas o conceito que mais engloba o que fizemos e o aprendizado é a visão do general-de-exército, que disse: preparar uma estratégia, preparar um programa, preparar um plano para enfrentar a doença. Em segundo lugar, a cooperação internacional. Enviamos imediatamente brigadas médicas cubanas para mais de 46 países, onde, na época, em alguns deles, estava o epicentro da doença. Na Itália, por exemplo, na Lombardia. Isso nos permitiu apoiar essas pessoas, ajudar, cooperar. Mas também aprendemos, aprendemos! Lembro que tínhamos a prática de, sempre que uma brigada retornava, nos reunirmos com ela e ela nos trazia todas as experiências, e incorporávamos todas essas experiências ao plano (Granma, 2024).

Em continuidade, o presidente cubano esclarece as lições extraídas a partir da experiência com a COVID-19 e o modelo de gestão adotado por Cuba em resposta à pandemia viral. Nesse cenário, o líder cubano ressalta a eficácia demonstrada na identificação precoce de potenciais crises e o caráter proativo e resolutivo dos atores cubanos em lidar com tais desafios.

O que aprendemos com a Covid-19? Uma primeira lição tem a ver com as lições que aprendemos com o general-de-exército Raúl Castro. A Covid-19 estava correndo o mundo, as primeiras notícias da Covid-19 já estavam começando a sair, ainda não havia nenhum caso em Cuba – estamos falando de janeiro de 2020 – e o general-de-exército nos disse: temos que estudar imediatamente o que está

³⁶ Versão original: “Cuba’s very successful strategy in controlling the epidemic is also an asset when it comes to opening up, [...] because the tourists in the coming months will be looking for safe destinations from a health perspective” (CGTN, 2020).

acontecendo no mundo e preparar um plano nacional para enfrentar a epidemia. Em outras palavras, aprendemos que tínhamos de ter a capacidade de elaborar um programa de trabalho abrangente ou uma estratégia para enfrentar a Covid-19 que envolvesse todas as instituições do Estado, as instituições sociais, o setor não-estatal da economia, para que, como país, pudéssemos assumir um plano/país que nos permitisse avançar e preparar as condições para enfrentar essa situação. Essa é a primeira lição, porque foi por meio desse plano, por meio dessa estratégia, que conseguimos nos antecipar à situação (Granma, 2024).

Nesse sentido, a eficaz administração do governo cubano diante do desafio representado pelo vírus da COVID-19 resultou em um impulso significativo na promoção e desenvolvimento do setor turístico cubano. Dessa forma, logo no início de 2022, o Ministro do Turismo Juan Carlos García explicita o esperado para o ano:

Cuba está confiante de manter o seu objetivo de receber 2.5 milhões de turistas até o fim de 2022, depois de quadruplicar a chegada de turistas estrangeiros em janeiro e apesar das possíveis repercussões da guerra na Ucrânia (Mintur, 2022).

As autoridades cubanas demonstraram entusiasmo com o aumento do turismo russo na ilha. Contudo, o conflito no Oriente resultou em uma queda de 3,5% em 2022. Conforme mencionado anteriormente, a meta oficial de visitantes em Cuba era de 2,5 milhões, mas até o final de novembro, apenas 1.377.191 turistas haviam chegado à ilha, levando o governo a reconhecer que a meta não seria atingida (Intur, 2022). O pico da receita bruta do setor turístico foi alcançado em 2017, com US\$3,1 bilhões, mas houve uma queda de 87% em 2021, totalizando apenas US\$404 milhões (Araújo, 2023).

Conforme reportado pela Oficina Nacional de Estatísticas e Informações Cubanas (ONEI), o ano de 2022 registrou a chegada de 1,6 milhão de visitantes à ilha, resultando em um lucro bruto de US\$1,8 bilhão e um lucro líquido de US\$726 milhões. Este cenário impõe a necessidade de uma reavaliação do ritmo de construção de novos hotéis, os quais em 2022 absorveram 24% do total de investimentos no país. É imperativo considerar a importância de assegurar uma taxa de recuperação de investimento adequada para sustentar o crescimento econômico e a viabilidade do setor turístico (Rodríguez, 2022).

Dessa forma, os impactos negativos do turismo durante períodos de pandemia são multifacetados, sendo o deslocamento dos turistas dentro da ilha um dos principais fatores a considerar, devido a rápida capacidade de disseminação do vírus. No entanto, Cuba demonstrou uma capacidade notável de gerenciar esses efeitos controversos, fazendo uso dos mecanismos que seu sistema socialista oferece, notadamente – seu avançado sistema de saúde pública. Diante da crescente preocupação com a segurança sanitária durante a pandemia, os turistas passaram a buscar destinos que oferecessem cuidados de saúde de alta qualidade e

rigorosos protocolos de segurança. Nesse contexto, Cuba emergiu como uma opção particularmente atraente, dada sua reputação consolidada nesse âmbito.

Por fim, é de suma importância destacar uma dimensão um pouco quanto subjetiva quando se concerne a construção do socialismo e, a partir desta, a hábil capacidade do governo cubano em lidar com as crises emergentes. Caminhar em direção ao comunismo – e aqui não se procura discutir se os anseios e projetos de Cuba pavimentam esse caminho – implica o propósito de construir uma nova dinâmica social, caracterizada por relações e aspirações desvinculadas do domínio capitalista. No cenário cubano, a revolução socialista a partir de uma nação subdesenvolvida necessitou um constante reforço dos valores humanistas, solidários e anti-imperialistas, de modo a envolver toda a população cubana em todas as esferas de suas vidas em prol da defesa e construção dessa nova sociedade.

Dessa maneira, o desempenho da atividade produtiva sob uma nova realidade material, especialmente no que tange à apropriação coletiva e social dos meios de vida e produção, promove uma transformação radical na perspectiva do trabalhador (Silva, 2021). Ou seja, é dizer que este passa a estabelecer novas relações de produção e a desenvolver formas distintas de interação com sua comunidade, todas elas decorrentes do novo papel que o trabalho assume na estrutura da sociedade socialista. De acordo com Fernandes,

[...] com o socialismo, a própria matriz das atitudes, comportamentos e valores altera-se estruturalmente [...] A propriedade coletiva, por exemplo, modifica a compreensão da produção, da produtividade, do controle do trabalho, da economia de materiais, de “remuneração”, de **solidariedade**, etc., dos trabalhadores. (1979, p. 214, grifo nosso).

Nesse sentido, a promoção de um novo tipo de indivíduo, marcado pela moral solidária e pelo voluntarismo, desempenhou um papel crucial, mesmo diante das adversidades enfrentadas pelo socialismo em um país subdesenvolvido e diante das pressões provenientes da ofensiva norte-americana. Em uma sociedade onde não há distinção de classes ou privilégios, não existe a ilusão de que uma classe será poupada da pandemia às custas do sofrimento da outra (Silva, 2021). Assim, é possível encarar a doença como um desafio comum e combatê-la com unidade. É somente por meio desses fundamentos e com a participação desses sujeitos que se torna possível compreender o engajamento da população na luta contra a pandemia.

5 TURISMO INTERNACIONAL: DE UMA ABORDAGEM TEMPORÁRIA A UMA ESTRATÉGIA SUSTENTÁVEL

La revolución es una lucha a muerte entre el futuro y el pasado. Fidel Castro Ruz.

Este capítulo procura examinar os impactos do turismo internacional sobre o tecido social cubano, considerando tanto os benefícios quanto os desafios impostos por esse fenômeno à sociedade contemporânea. Primeiramente, discute-se como o turismo, apesar de impulsionar o crescimento econômico e criar novas oportunidades de emprego, tem provocado profundas disparidades socioeconômicas, em contradição com os princípios socialistas da Revolução Cubana. As transformações comportamentais, o incremento do consumismo e a influência de culturas estrangeiras são analisados como fatores que comprometem os valores e as práticas comunitárias da população cubana.

Além disso, o capítulo sublinha as consequências das reformas na infraestrutura turística e os esforços empreendidos pelo governo cubano para mitigar os efeitos negativos por meio da implementação de leis e programas voltados à preservação dos ideais revolucionários. No entanto, tais iniciativas mostram-se insuficientes diante do crescente descontentamento social, resultante da desigualdade na distribuição de renda e dos impactos do turismo sobre o aumento dos preços e o acesso desigual a bens e serviços. A análise reflete sobre como esses efeitos, embora economicamente benéficos, impactam negativamente o tecido social cubano, estabelecendo uma hierarquia transnacional que favorece os turistas em detrimento do povo cubano.

5.1 EFEITOS NEGATIVOS DO TURISMO INTERNACIONAL NO TECIDO SOCIAL CUBANO CONTEMPORÂNEO

Apesar das criminosas políticas dos EUA durante a era Trump, o turismo pode ser amplamente reconhecido como um êxito econômico para o Estado cubano; contudo, essa promoção trouxe consigo um custo considerável. O turismo, com suas vantagens e desvantagens, não é uma questão exclusiva de Cuba, mas sim uma característica intrínseca ao fenômeno turístico em si (Hall, 2014, p. 114). Embora esse setor proporcione benefícios econômicos e oportunidades de emprego, diversos estudos têm evidenciado seus impactos negativos tanto nos ecossistemas cubanos quanto na sociedade. Portanto, o foco principal deste primeiro subcapítulo reside na análise dos impactos sociais do turismo para a ilha hodiernamente.

Conforme mencionado por Taylor e McGlynn (2009, p. 6), "a implementação de uma infraestrutura turística, associada ao aumento do fluxo de turistas, representou um ataque direto à cultura cubana" (tradução nossa)³⁷. As disparidades sociais e os impactos pessoais resultantes do turismo internacional contrastam de maneira acentuada com o ideal socialista do *hombre nuevo*. Ademais, a distribuição desigual das oportunidades de renda adicional compromete os pilares fundamentais da sociedade revolucionária: a igualdade social, o coletivismo, a interconexão e a justiça recíproca, bem como a distribuição equitativa da riqueza.

Nesse sentido, com o objetivo de mitigar os efeitos adversos da crescente turistificação, o governo implementou diversas leis e iniciou programas comparáveis à *Batalla de Ideas*³⁸, que ressaltam os ideais da Revolução. Contudo, essas medidas mostraram-se insuficientes para erradicar completamente o descontentamento gerado pelos desejos não satisfeitos de muitos cubanos, exacerbados pela promoção do consumo impulsionada pelo turismo e por uma ordem social centrada em posses e riqueza (Taylor & McGlynn 2009). Vale destacar que o materialismo e a obsessão pelo consumo não são uniformemente prevalentes entre todos os cubanos.

Ademais, a população cubana – especialmente aqueles envolvidos no setor de turismo – reconhece os impactos negativos desse fenômeno nas esferas econômica e social. Atualmente, a população cubana manifesta preocupações acerca da possível escassez de água e alimentos, além do aumento dos preços dos alimentos e de uma variedade de bens de consumo, atribuídos em parte ao impacto do turismo (Volkening, 2024).

Ademais, as crescentes desigualdades sociais e econômicas entre cubanos legal ou ilegalmente empregados no setor turístico e aqueles que trabalham no setor estatal se torna um caso peculiar. Para além dessas disparidades econômicas e sociais internas, o turismo contribui também para a formação de uma "hierarquia transnacional" (Roland, 2010, p. 15): enquanto turistas com maior poder aquisitivo têm acesso a praticamente todos os bens

³⁷ Versão original: "The creation of a tourist infrastructure, combined with the influx of tourists, constituted a frontal assault on Cuban culture. The rebeldes recognized the dangers emanating from the tourist industry and hoped their continued emphasis on revolutionary ideals would protect society from the "tourist virus" (Taylor & McGlynn, 2009, p. 6).

³⁸ No dia 5 de dezembro de 1999, os membros das Brigadas Técnicas Juvenis (BTJ) deram início à significativa Batalla de Ideas ao realizar uma marcha em frente ao escritório de interesses dos Estados Unidos para exigir a devolução do pequeno Elian González. Esse evento marcou o início de uma campanha pela restituição do menino sequestrado, que rapidamente se transformou em "uma luta pela justiça e pelo bem-estar de todas as crianças e de toda a população". A designação "Batalla de Ideas" foi escolhida devido ao seu caráter de debate intelectual, "envolvendo réplicas e contra-réplicas, bem como ações e realizações concretas" (Vicente, 2007).

disponíveis no país, os residentes locais muitas vezes se sentem tratados como "cidadãos de segunda classe" (Roland, 2010 p. 15).

Em segundo plano, para atender às necessidades e expectativas dos turistas internacionais, a infraestrutura turística de Cuba teve que passar por um processo de modernização e expansão. Com a colaboração de investidores internacionais e consultores comerciais e não lucrativos (como a UNESCO em Habana Vieja), o governo cubano iniciou a reforma e a construção de hotéis, restaurantes, cafés, bares, museus e outras instalações voltadas para o turismo. Durante esse processo, os interesses da indústria turística frequentemente receberam – e continuam a receber – prioridade em relação aos direitos e preocupações da população local, como evidenciado pelas expropriações e deslocamentos ocorridos em Habana Vieja (Volkening, 2024).

Simultaneamente às mudanças nas diretrizes políticas e econômicas, as práticas dos cubanos passaram por transformações significativas. É imperioso antes sublinhar que o principal obstáculo ao tentar implementar o socialismo em sociedades periféricas é que, eventualmente, os efeitos herdados por sistemas anteriores se tornam inevitáveis. Embora possam ser reprimidos, não podem ser completamente eliminados, especialmente em países pequenos e com recursos limitados, como Cuba. Essa herança, claramente, não tem efeitos positivos. Elias Jabbour afirma que “a consequência dessas influências é sentida nas superestruturas de países como China, Cuba e Vietnã: são muito sensíveis à fluidez (corrupção, influência de culturas estrangeiras, sobrevivências feudais, etc.)” (Jabbour, 2019, p. 186).

Nesse contexto, a introdução do turismo internacional em Cuba exemplifica uma dessas dinâmicas, pois contribui para a volatilidade das práticas sociais. A fim de elucidar, Simoni (2017, p. 295) em seu estudo de caso sobre o desenvolvimento do turismo em Viñales (município de Cuba), observou que, na percepção da população local, atitudes e práticas voltadas para o lucro estão gradualmente substituindo os costumes sociais anteriores, os vínculos comunitários e a solidariedade ativa (Simoni, 2017).

Ou seja, é dizer que a incorporação de locais e infraestruturas turísticas no tecido social cubano estabeleceu condições que possibilitaram a influência do turismo internacional na vida cotidiana e na cultura local, imbuindo-as com conceitos de consumismo e materialismo associados ao tão famoso “American Dream” — a ligação da felicidade pessoal à aquisição de bens e serviços e o uso de posses materiais para moldar e reforçar a identidade e o status social.

É, portanto, através do turismo, que os cubanos estão começando a experimentar um fenômeno amplamente disseminado no mundo contemporâneo, no qual os produtos funcionam como símbolos e são avaliados, adquiridos e consumidos com base em seu conteúdo simbólico e no “significado social percebido” (Himadri, 2006). Por exemplo, os consumidores preferem comprar Nikes ou outra marca reconhecível em vez de apenas qualquer par de tênis. Além disso, a aquisição não se limita ao produto em si, mas também engloba o estilo de vida e a experiência associada à marca. Em uma sociedade orientada para o consumo, a compra de produtos transforma-se em um meio de autorrealização e identificação, na medida em que os consumidores não apenas utilizam os produtos, mas também absorvem e valorizam a imagem e o significado simbólico que estes transmitem (Himadri, 2006, p. 4).

A respeito do debate sobre o avançar capitalista na ilha caribenha, diversos cubanos afirmam que não há nenhuma maneira na qual Cuba possa se beneficiar desse processo. Em palavras de um cidadão cubano,

En ese momento en que llegó el turismo, yo era adolescente. Y nuestra generación sufrió un impacto enorme. Porque todo lo que nos habían enseñado en la escuela. A nivel social, todo se vino abajo. Y empezamos a experimentar el capitalismo sin los beneficios del capitalismo (Volkening, 2024, p. 288).

As críticas ao capitalismo em Cuba incluem tanto observações concretas sobre as falhas existentes quanto preocupações acerca dos desenvolvimentos futuros no país. Embora o desempenho econômico do capitalismo seja frequentemente avaliado de forma positiva, suas principais fraquezas são identificadas em questões socioculturais. O sintoma mais notável da interferência capitalista em Cuba atualmente é justamente a transformação do comportamento e do sistema de valores da população, mencionada anteriormente.

Uma preocupação recorrente em relação à expansão do capitalismo em Cuba é a potencial perda das Conquistas da Revolução. Mais precisamente, há um receio de que, com o aumento da penetração capitalista, os sistemas de saúde e educação, atualmente excelentes e gratuitos, possam sofrer uma significativa redução na qualidade ou se tornarem onerosos.

Nesse contexto, a expansão do turismo internacional em Cuba alterou significativamente o modo de pensar daquela sociedade, transformando o estilo de vida dos turistas e as infraestruturas turísticas em símbolos de consumismo e uma visão materialista do "bem viver". Dessa forma, apesar das intenções opostas, o turista se estabeleceu como a nova elite econômica e comercial, em virtude de seu poder aquisitivo na sociedade cubana.

Este processo é compreendido de forma crítica por um socialista cubano, que explica a dificuldade de equilibrar o desenvolvimento econômico com a manutenção das conquistas

sociais da Revolução. Ele argumenta que, à medida que se intensifica a penetração do capitalismo no país, corre-se o risco de perder os benefícios conquistados, como os sistemas de saúde e educação gratuitos (Volkening, 2024). No cenário de uma economia capitalista, “en un día todo tienen dinero. Pero no van a tener nada gratis. Entonces, van a cobrar más, pero tienen que pagar la salud. Entonces es lo mismo, porque al final lo que ganas es que hay que pagarlo” (Volkening, 2024, p. 289).

5.2 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA TURÍSTICA CUBANA

Ao avaliar o impacto do turismo internacional em Cuba, essa pesquisa revela uma perspectiva que pesa as vantagens e desvantagens associadas ao aumento do turismo de maneira histórico-dialética. Conforme foi demonstrado, as consequências positivas e os efeitos colaterais do turismo frequentemente predominam, mesmo diante de significativas preocupações. Um exemplo elucidativo pode ser encontrado na metáfora apresentada por um artista cubano em entrevista para Volkening, onde o cidadão afirma que

Todo en la vida tiene una parte buena y una parte mala, pero así pasa con todo en la naturaleza, el sol hace crecer las plantas, pero si lo tomas mucho puede provocar cáncer y es el mismo sol. Ese sol es el turismo (2024, p. 261).

Dessa forma, é evidente que o desenvolvimento do turismo em Cuba exige reformas e ajustes contínuos para se adaptar às mudanças incessantes do mercado globalizado. Considerando os riscos associados a um desenvolvimento inadequadamente planejado, observa-se:

Conservamos zonas vírgenes, pero nuestra condición insular nos hace en extremo vulnerables. Tenemos hermosos paisajes, pero carecemos de abundantes recursos acuíferos para saciar la sed de una superpoblación temporera y mantener el perfecto césped de los campos de golf. En el orden cultural, los peligros son aun mayores...El exotismo mantiene siempre un componente de subestimación y nuestros pobladores han sufrido en el plano psicológico ese condicionamiento (Pogolotti, 2017).

De forma essencial, a comercialização e a eficácia da atividade turística devem se fundamentar em três princípios principais nos anos subsequentes. O primeiro princípio consiste na diversificação e diferenciação dos serviços e produtos oferecidos, o que envolve a melhoria contínua das estratégias de promoção e divulgação do turismo na ilha. O segundo princípio refere-se ao aperfeiçoamento da qualidade dos serviços prestados aos visitantes. O terceiro princípio abrange a ampliação dos canais de distribuição entre operadores turísticos e agências de viagem. Além disso, para garantir a sustentabilidade do modelo do setor e a excelência da infraestrutura, é necessário assegurar uma fonte robusta de financiamento e implementar um extenso programa de capacitação profissional.

Quase unanimemente, as receitas em moeda estrangeira provenientes do turismo são avaliadas de forma positiva tanto por indivíduos quanto pelo governo cubano. Apesar das dificuldades e desafios inerentes ao setor turístico, a percepção geral positiva não pode ser desconsiderada. Esta percepção fundamenta-se principalmente nas oportunidades e perspectivas econômicas proporcionadas pelo turismo (Volkening, 2024). Uma parte das receitas geradas é destinada à manutenção do sistema de bem-estar social, com a saúde e a educação frequentemente destacadas nesse contexto. De acordo com Volkening,

Outro exemplo frequentemente citado, e ainda controversamente discutido, é a atividade do Escritório do Historiador da Cidade de Havana. As receitas geradas pela organização através do turismo são parcialmente investidas na restauração de edifícios residenciais e na criação de empregos não turísticos, como em oficinas. O turismo internacional é especialmente bem-visto por aqueles que podem dele participar. Para eles, trabalhar no setor é uma excelente forma de ganhar a vida e sobreviver na sua luta diária ("lucha") (2024, p. 384-85, tradução nossa).³⁹

Dessa forma, os impactos econômicos⁴⁰ do turismo são predominantemente avaliados de maneira positiva, evidenciado pelas diversas referências a "oportunidades" e "chances" associadas ao setor. Mesmo aqueles que não se beneficiam diretamente do turismo frequentemente o consideram desejável, ainda que possuam apenas uma compreensão superficial dos aspectos envolvidos. Em contraste, os impactos sociais do turismo são, em grande parte, vistos de forma negativa, especialmente por aqueles que não participam – ou não têm a possibilidade de participar – dessa atividade.

No que tange às relações entre Cuba e os Estados Unidos, o anacrônico bloqueio, embora datado e ainda em vigor durante a administração de Joe Biden, não impediu as previsões otimistas do Boston Consulting Group (BCG), que estimam a chegada de 2 milhões de visitantes norte-americanos até 2025. Apesar dessa expectativa, as relações bilaterais entre os dois países seguiram trajetórias divergentes após um longo período de distanciamento, com a reaproximação promovida por Barack Obama e Raúl Castro em 2014. No entanto, por mais significativas que sejam essas medidas, a reconciliação representa uma política de governo, e

³⁹ Versão original: "Another example often referred to, and yet controversially discussed, is the activity of the Office of the City Historian of Havana. Revenues generated by the organisation through tourism are partially invested in the restoration of residential buildings and in the creation of non-tourist jobs, e. g. in workshops. International tourism is viewed especially favourably by those able to partake in it. For them, working in the sector is an excellent way to earn a living and survive in their daily "lucha" [struggle]" (Volkening, 2024, p. 384-85).

⁴⁰ As desigualdades salariais representam um impacto negativo do turismo, refletindo disparidades entre diferentes grupos profissionais nesse setor. Embora o turismo gere oportunidades econômicas, é importante reconhecer que os empregos criados frequentemente oferecem salários inferiores, variando conforme a qualificação, a localização e a função desempenhada. Assim, enquanto o turismo é visto como um motor de desenvolvimento, é fundamental considerar seus efeitos sociais, especialmente as desigualdades salariais, que podem perpetuar ciclos de pobreza e de exclusão social.

não uma política de Estado. Ela se revela insuficiente para Cuba, uma vez que o bloqueio econômico ainda persiste e tais medidas são passíveis de reversão.

Conforme exposto por González (2021), a análise de elementos fundamentais, atores externos e possíveis cenários de conjuntura nas relações entre os EUA e Cuba requer a consideração de premissas essenciais para uma reflexão aprofundada. A política norte-americana em questão representa claramente um conflito estrutural assimétrico de natureza criminosa, o qual perpetua a condição neocolonial da ilha dentro de seu sistema socioeconômico.

De acordo com o mesmo autor, é possível prever que as ações do então presidente estejam influenciadas por diversos fatores, incluindo: a perspectiva estratégica e de segurança nacional que os EUA adotam em relação a Cuba; a prioridade atribuída a esse tema na agenda internacional do governo; a mobilização dos departamentos governamentais norte-americanos e o sentimento coletivo cubano que busca a reaproximação entre os dois países; além dos desdobramentos políticos internos de Cuba e sua projeção regional e internacional (González, 2021, p. 72-78).

Na conjuntura atual, a política de Joe Biden em relação a Cuba ainda demonstra resquícios republicanos, o que ressalta a importância da intervenção de outros atores do Sistema Internacional para mitigar a condição estrutural e submissa da ilha. Até o presente momento, os Estados Unidos continuam a herdar características da política implementada durante a administração de Donald Trump, não conseguindo alcançar avanços significativos na superação desse afastamento e na potencial normalização das relações, as quais permanecem influenciadas pela configuração do antigo mundo bipolar.

O debate atual pode ser contextualizado dentro do processo contínuo de reforma da estrutura industrial cubana, visando a reintegração internacional da ilha por meio da exportação de produtos industriais, um setor predominante para as empresas transnacionais. A diversificação dos serviços associados ao turismo também reflete na variação dos trabalhadores autônomos, que atuam em áreas como transporte (*boteros*), alimentação (*paladares*) e outras demandas turísticas.

Portanto, é crucial estabilizar a oferta de produtos nacionais destinados ao setor de turismo, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade. Para alcançar esse objetivo, é necessário implementar um plano que vise reduzir ou mitigar a elevada dependência de importações, diminuir os custos operacionais, aprimorar a rentabilidade empresarial e, sobretudo, melhorar a eficiência do processo de investimento. A construção de novos hotéis e

a reforma dos existentes têm o potencial de gerar um efeito multiplicador significativo sobre a economia cubana (Delgado, 2016).

O turismo tem contribuído enormemente para a economia cubana, mas não se pode esquecer os riscos que um desenvolvimento desenfreado pode gerar em um país que ainda apresenta herança colonial. A dependência excessiva de um único setor econômico representa um risco significativo e limita a capacidade de diversificação econômica da ilha. Neste cenário, o papel do turismo será decisivo na configuração do futuro socioeconômico de Cuba: *carregar essa transformação*. Por fim, a luta revolucionária pela sobrevivência entre o passado e o futuro (Castro Ruz, 1961), citada na epígrafe, continua a se manifestar em Cuba. Há de saber quem sairá vencedor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma adição recente aos Estudos Cubanos, este estudo evidencia que a confiança na Revolução e seu apoio popular encontram-se em um estado crítico. Em particular, os *cuentapropistas* envolvidos no setor de turismo se veem em um dilema: embora se beneficiem de forma relativa com a gradual liberalização da política econômica cubana e a promoção do turismo internacional, também são os mais insistentes na demanda por reformas adicionais e pela ampliação das oportunidades de participação no setor privado.

Certamente, as críticas à Revolução também ecoam nas áreas rurais. Após muitas expectativas frustradas, a desesperança tem se disseminado, resultando em apatia e levando os cubanos a se tornarem cada vez menos interessados na esfera política (Volkening, 2024). A médio e longo prazo, isso pode representar sérios desafios para a continuidade da Revolução, uma vez que, por muito tempo, foi a população rural cubana que se beneficiou significativamente de suas reformas, retribuindo com apoio e lealdade quase incondicional (Bambirra, 2013). Para os estudos (pós-)socialistas, isso oferece evidências de que o apoio prolongado à ideologia socialista depende fundamentalmente de seu desempenho econômico e das perspectivas associadas. Argumentos ideológicos, por sua vez, parecem desempenhar um papel secundário na avaliação da Revolução Cubana.

Com a diminuição da esperança anteriormente associada à Revolução, a incerteza, e ocasionalmente o desespero, têm se alastrado entre os cubanos. Essa incerteza abrange tanto o presente quanto o futuro da Revolução. Inicialmente, essa análise pode parecer adicionar uma perspectiva predominantemente sombria aos Estudos Cubanos; no entanto, é crucial enfatizar os anseios e sonhos por um futuro melhor que muitos cubanos ainda nutrem. A visão positiva sobre o futuro do país é principalmente mantida por aqueles que, através do *cuentapropismo* e outras opções de participação no setor privado, especialmente no turismo, conseguem progredir economicamente ou pelo menos possuem perspectivas de fazê-lo. Se esses indivíduos vislumbram tal futuro sob a égide da Revolução Cubana é uma questão distinta, mas que certamente merece uma análise mais aprofundada.

Atualmente, apenas uma minoria de cubanos conseguem se envolver diretamente e obter benefícios econômicos do turismo, geralmente em locais urbanos. A expansão do turismo internacional em Cuba, portanto, gera um aumento nas disparidades socioeconômicas e espaciais. Essa tendência não é exclusiva de Cuba, mas também se observa em diversos países e destinos do Sul Global (Boullón, 2006). No entanto, dada a necessidade reconhecida

de geração de moeda estrangeira por meio do turismo para a sobrevivência do sistema cubano atual, as crescentes desigualdades são predominantemente toleradas, embora ocasionalmente provoquem ressentimento entre a população cubana. Apesar dos problemas e desafios sociais associados ao turismo, como a crescente desigualdade, a segregação social e a perda de valores morais, muitos cubanos mantêm esperanças de participação no setor. Assim, a expansão e o estímulo contínuo ao turismo internacional em Cuba são amplamente defendidos, principalmente por motivos econômicos (Volkening, 2024).

Nesse sentido – e reconhecendo os riscos que uma comparação simplória pode trazer – o turismo em Cuba assemelha-se a uma toalha inadequada para cobrir toda a mesa: estendê-la em direção ao desempenho econômico deixa expostas as preocupações ecológicas e sociais, enquanto a ênfase nos entraves ecológicos leva a críticas sobre retornos econômicos insuficientes e a falta de equidade social. Da mesma forma, a ênfase em considerações sociais frequentemente resulta em insatisfações principalmente por parte do setor econômico (Kallis, 2012).

Dessa maneira, determinar como o turismo em Cuba pode ser simultaneamente social e ecologicamente sustentável, além de economicamente bem-sucedido e benéfico para a população, ainda requer uma pesquisa substancial. Certamente, não é possível expandir a "toalha de mesa" imediatamente, sem que ela sobrecarregue a "mesa" que a suporta.

Apesar das dificuldades previstas para atender às expectativas relacionadas ao turismo em Cuba, essas esperanças desempenham um papel crucial em prevenir que a frustração generalizada com a grave situação socioeconômica se transforme em resistência aberta. Essas expectativas, juntamente com a sólida posição de poder do PCC, contribuem para a manutenção de uma situação relativamente estável no país. Da mesma forma, as ações concretas que apoiam ou desafiam a primazia revolucionária são condicionadas pelo poder do Estado cubano, pela capacidade de ação da população e pelas alternativas consideradas viáveis.

Uma análise detalhada das relações de poder no turismo cubano revela aspectos importantes, uma vez que o turismo e suas consequências socioeconômicas estão imersos em estruturas de poder e dos atores internos. Um estudo futuro dessas estruturas é essencial e bastante pertinente para entender os processos e as configurações que geram desigualdades e transformações no contexto do turismo.

No que tange à hipótese formulada, que indicava a possibilidade de a experiência cubana no setor turístico reduzir os efeitos negativos dessa atividade com mínimo prejuízo social, o estudo conclui que essa premissa se verificou de maneira ampliada, porém com

limitações. Embora o Estado cubano tenha logrado controlar parcialmente os impactos sociais por meio de políticas e programas direcionados, os desafios advindos da dependência do turismo, como o aumento do consumismo e das desigualdades, evidenciaram que os efeitos adversos dessa atividade ultrapassam a capacidade regulatória da máquina estatal cubana.

Ademais, os objetivos desta pesquisa foram estruturados de maneira a proporcionar uma análise abrangente do impacto do turismo no desenvolvimento socioeconômico de Cuba, contemplando tanto as dinâmicas históricas quanto os desafios contemporâneos. O objetivo geral, que visava investigar como o turismo atuou como um mecanismo de desenvolvimento econômico-social entre 1991 e 2023, foi abordado ao longo de diversos capítulos que exploraram o papel dessa indústria no contexto pós-Período Especial, trazendo à tona como a dependência do turismo internacional se intensificou com a perda de seus principais parceiros comerciais e como essa atividade pautou grandes transformações econômicas da ilha.

O primeiro objetivo específico, que visava examinar o contexto histórico e político que levou Cuba a priorizar o turismo como fonte de receita, foi abordado de maneira detalhada. A análise demonstrou como a crise econômica da década de 1990 impeliu o governo cubano a recorrer ao turismo como alternativa para compensar a perda dos subsídios provenientes da União Soviética. Essa reorientação estratégica foi discutida no âmbito das reformas econômicas que redimensionaram a política de desenvolvimento de Cuba, evidenciando o papel crucial do turismo nesse processo.

O segundo objetivo específico, que consistia na investigação das políticas estatais voltadas à promoção do setor turístico e à atração de investimentos estrangeiros, foi explorado por meio da análise das leis e iniciativas governamentais, como a criação das zonas turísticas especiais. Tais medidas facilitaram a entrada de capital estrangeiro e impulsionaram a modernização da infraestrutura turística em Cuba. O terceiro objetivo específico, que buscava avaliar os impactos socioeconômicos decorrentes do crescimento do turismo, foi examinado a partir de uma revisão detalhada dos efeitos positivos, como a geração de empregos e o aumento da renda nas comunidades locais, embora também tenha sido enfatizada a intensificação das desigualdades sociais e econômicas causadas pelo mesmo setor.

Por fim, o último objetivo, que pretendia demonstrar os desafios sociais e comunitários resultantes do turismo, foi abordado por meio da análise das tensões existentes entre os princípios revolucionários cubanos e a realidade imposta pelo turismo de mercado. Essa abordagem revelou os efeitos destrutivos no tecido social cubano, assim como a deterioração dos valores comunitários.

Embora Cuba tenha apresentado índices de desenvolvimento social notáveis no período pós-revolucionário – índices que devem ser ainda mais apreciados considerando o contexto de sabotagem econômica e militar enfrentado pela ilha desde a vitória de Fidel Castro e seus aliados em 1959 – é pertinente questionar sobre um possível cenário alternativo de desenvolvimento histórico. Este questionamento envolve considerar se Cuba poderia ter seguido um caminho de desenvolvimento verdadeiramente comunista nas últimas décadas. Comunista, pelo menos no sentido em que Engels havia descrito nas colônias norte-americanas no século XIX⁴¹, onde foi possível implementar um sistema social, econômico e político que se alinhava mais estreitamente com as teorias dos fundadores do materialismo dialético. Esta questão se manifesta tanto no âmbito da organização política quanto na organização da produção. Mais especificamente, refere-se à experiência de abundância que, até o momento, não foi vivenciada pela vasta maioria dos cidadãos cubanos.

Em vez disso, a escassez e a pobreza delinearão o desenvolvimento da ilha, especialmente após o colapso da URSS, sua principal parceira comercial, que desencadeou o início do denominado “Período Especial” em Cuba. A estratégia de um Estado supostamente desenvolvimentista, que não possuía capital suficiente para financiar seu próprio progresso e, portanto, se subordinou à divisão internacional do trabalho imposta pela URSS ao bloco socialista, levou a vanguarda revolucionária cubana a falhar em concretizar seu objetivo de criar uma nação plenamente soberana e materialmente desenvolvida. Cuba não atingiu o estágio de desenvolvimento comunista descrito por Engels nas colônias de 1845, em grande parte devido à lacuna teórica existente no marxismo do século XX, particularmente no que se refere à teoria da transição comunista. Essa lacuna teórica foi preenchida pela visão oficial soviética sobre Estado, Partido e Economia "comunistas", delineados, em sua maioria e de maneira exímia, por Vladimir Lenin (Ferreira, 2021).

Seria então utópico considerar a possibilidade de criar uma grande comunidade de bens e pessoas em um país a partir de uma revolução nacional? A resposta dessa questão exige uma grande análise de movimentos revolucionários pelo mundo e seus esforços em atingir seu estágio final: a extinção do Estado operário.⁴² Na prática, em Cuba, nem mesmo as

⁴¹ Ao abordar a descrição de uma colônia comunista que existia nos Estados Unidos, Engels, apoiando-se nas observações de um viajante britânico, argumentou que, nesse contexto de organização social e econômica, não havia pessoas que se sentissem forçadas a trabalhar contra sua vontade, nem situações de desemprego involuntário. Além disso, ele destacou que a penúria, a pobreza e a orfandade eram inexistentes, e a polícia não se fazia necessária devido à ausência de uma classe opressora ou de um Estado repressivo. Em decorrência dessas condições, todos os membros da comunidade desfrutavam de uma vida tranquila e satisfatória. Essa análise foi elaborada por Engels em 1845 no texto *Descripción de las colonias comunistas creadas en los últimos tiempos y que aún existen*.

⁴² De acordo com Engels, o primeiro ato em que o Estado se manifesta efetivamente como representante de toda a sociedade – a posse dos meios de produção em nome da sociedade – “é ao mesmo tempo o seu último ato

medidas básicas necessárias para a construção de um sistema econômico e social comunista foram adotadas na ilha. Entre essas medidas, destacam-se a eliminação da compra e venda de mercadorias e da força de trabalho, transações que seriam desnecessárias em uma sociedade onde todos teriam acesso universal e livre aos bens e serviços essenciais (Ferreira, 2021).

O aumento dos investimentos capitalistas internacionais, particularmente no setor de turismo, tem se intensificado em Cuba. Apesar do controle estatal sobre esses investimentos, eles estão expandindo sua influência e poder de forma crescente no país. A lógica e a centralidade da mercadoria têm sido internalizadas por uma parcela significativa da juventude cubana, resultando na naturalização dos princípios capitalistas na sociedade (Iramina, 2017).

Dessa forma, não é plausível prever com exatidão o rumo histórico de Cuba e afirmar que o país está avançando de maneira acelerada em direção ao capitalismo e à centralização do mercado como o principal eixo das relações sociais entre seus cidadãos. O legado da Revolução de 1959, particularmente no que tange à formação crítica e intelectual dos cubanos, introduz um grau considerável de imprevisibilidade sobre os futuros desenvolvimentos dessa transição. O capital encontrará resistência significativa e obstáculos substanciais em sua tentativa de estabelecer hegemonia e domesticar um território historicamente resistente na América Latina. Uma parcela da população cubana permanece firme em suas conquistas sociais advindas da revolução e resiste à ilusão de "liberdade" que o capital pretende disseminar no país.

Segundo Florestan Fernandes (1979), na segunda metade do século XX, revoluções na periferia capitalista, como na América Latina, não podiam mais cumprir as funções básicas das revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX. A ideologia burguesa que sustentava essas revoluções havia se tornado obsoleta. Consequentemente, a Revolução Cubana teve que tentar estabelecer um sistema burguês tradicional – com democracia, soberania e desenvolvimento social e econômico – por meio de um movimento anticapitalista (Fernandes, 1979).

Ficou claro, portanto, que o capitalismo da miséria em Cuba não poderia atender às demandas radicais do movimento de 1959. Em outras palavras, não havia uma classe capitalista disposta a liderar uma revolução republicana para alcançar completa soberania econômica e política. Assim, no século XX, nos países capitalistas periféricos, não havia

independente como Estado. A intervenção da autoridade do Estado nas relações sociais torna-se supérflua num campo após o outro da vida social e cessará por si mesma. O governo sobre as pessoas é substituído pela administração das coisas e pela direção dos processos de produção. O Estado não será abolido, extingue-se” (Engels, 1981, p. 72-3).

possibilidade de mudanças profundas dentro da ordem burguesa existente, pois a consciência social dessa ordem havia se deteriorado ao longo do tempo (Fernandes, 1979).

[...] não existem mais condições estruturais e dinâmicas para associar a mudança social progressiva às “revoluções dentro da ordem”. [...] Portanto, a ideologia burguesa não chegou ao fim, ela se esgotou no contexto do confronto entre o capitalismo monopolista da era atual e as grandes revoluções proletárias do século XX. Em seu célebre estudo sobre o imperialismo, Lênin apanhou os principais sintomas dessa decadência da consciência social burguesa. [...] Em contraposição, Cuba não é somente o único país da América Latina no qual a consciência social burguesa entrou em colapso irreversível. [...] Parecia que a revolução ficaria interrompida em um patamar burguês, nacional-democrático e de “reforma capitalista do capitalismo”. No entanto, isso não aconteceu. Dentro de uma sociedade capitalista neocolonial, não havia como levar a revolução para diante dentro do capitalismo. Ela deslocou e esmagou a burguesia, nacional e estrangeira, porque para liberar a nação e para criar um estado democrático soberano ela tinha de converter-se em uma revolução contra a ordem, ou seja, anticapitalista.” (Fernandes, 1979, p. 9 e 10)

Embora o socialismo tenha emergido a partir de revoluções nacionais, sua proposta não se limitava a esse escopo nem visava adotar a separação como um modelo de aplicação universal. Ao contrário, o objetivo era estabelecer um novo eixo de poder regional e intercontinental dentro da economia global. Isso implicava a formulação de estratégias de curto, médio e longo prazo para confrontar o imperialismo e seus aliados periféricos, com a finalidade de romper a divisão global entre centro e periferia e fomentar a construção de uma nova ordem mundial.

Em suma, é necessário reconhecer que o socialismo cubano ainda suscita mais questões do que respostas. Apesar de não sermos tão inexperientes quanto em 1959, ainda permanecemos em grande parte imaturos: um século de experiências oferece ensinamentos sobre como fornecer saúde, educação, moradia, cultura e esporte para toda a população, ao mesmo tempo que revela o que devemos evitar.

Por outro lado, sob a perspectiva acadêmica, há uma necessidade contínua e promissora de aprofundar os estudos sobre Cuba e, em especial, o turismo na ilha. As questões discutidas nesta monografia, juntamente com o desdobrar das políticas cubanas, criam múltiplas oportunidades de investigação. Pois, uma genuína experiência intelectual não se caracteriza pela mera apresentação de respostas, mas pela capacidade de gerar questionamentos radicais. A transmissão de conhecimento, em sua essência, consiste na comunicação de problemas e impasses, ao invés da oferta definitiva de soluções. Nesse quesito, por exemplo: *Como a Revolução Cubana pode ser concebida como uma mercadoria turística? Onde e de que maneiras a revolução é mercantilizada? O que o*

crescimento do turismo e suas implicações revelam sobre a relação entre os cubanos e a revolução? Quais são as consequências socioeconômicas e espaciais do turismo internacional para Cuba? são problemas pertinentes para futuras pesquisas.

Por fim, aqui, não se pretendeu indicar caminhos para os quais Cuba deveria tomar, mas sim despertar o interesse sobre um assunto de indiscutível relevância na atualidade. Essa monografia procurou estimular o debate construtivo sobre os Estudos Cubanos e representa uma significativa contribuição de resposta a esse estímulo. Cuba, e em especial o turismo, tem suas belezas visíveis: o mar, a arquitetura e seu povo multirracial – todas muito fáceis de se perceber. Mas a maior das belezas de Cuba não se vê a olho nu; é preciso ouvi-la. A grande beleza dessa pequena ilha reside na história de seu povo e nas histórias que seu povo conta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILLAR-GUERRA, T. L.; REED, G. **Mobilizing primary health care: Cuba's powerful weapon against COVID-19.** *MEDICC Review*, v. 22, n. 2, p. 54, 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/341830139_Mobilizing_Primary_Health_CareCuba's_Powerful_Weapon_against_COVID-19.

ALVAREZ, J. **Overview of Cuba's food rationing system.** *University of Florida, IFAS Extension*, 2004. Disponível em: <https://edis.ifas.ufl.edu/publication/FE482>.

ASHTON, J. **Shoe leather epidemiology in the age of COVID: lessons from Cuba.** *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 113, n. 7, p. 282-283, 2020. Disponível em: <https://sci-hub.se/https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32663431/>.

ARAÚJO, I. V. de A. **Turismo Cubano: Uma Análise do Novo Mecanismo de Desenvolvimento Econômico no Pós-Revolução (1959-2023).** *Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional, [S. l.]*, v. 15, n. 29, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/132102>.

AYALA, Héctor. **Tendencias de los ingresos turísticos de Cuba en el período 2010-2014,** *Retos Turísticos*, vol. 15, no 1. 2016.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana.** São Paulo: Editora UNESP, 2004. (Coleção Revoluções do Século XX).

BABB, Florence E. **The tourism encounter : fashioning Latin American nations and histories** / Florence E. Babb. 2010.

BAMBIRRA, V. **O capitalismo dependente latino-americano** / Vânia Bambirra. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

BAMBIRRA, V. **A revolução cubana: uma reinterpretação.** Ed. Centelha, 1973.

Banco Mundial. **Life expectancy at birth,** 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SP.DYN.LE00.IN>.

Banco Mundial. **Mortality rate, infant (per 1,000 live birth),** 2024. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicador/SP.DYN.IMRT.IN?most_recent_value_desc=false.

BANDEIRA, M. L. A. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BARAN, Paul, **La economía política del crecimiento,** Fondo de Cultura Económica, México, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8013204/mod_resource/content/0/A%20Economia%20Pol%C3%ADtica%20Do%20Desenvolvimento%20%20-%20%20Paul%20A.%20Baron%3B%20S.%20Ferreira%20da%20Cunha%20\(Tradutor\)%3B%20Tam%C3%A1s%20Szmrecs%C3%A1nyi%20\(Apresent%C3%A7%C3%A3o\)%3B%20Victor%20Civita%20%20-%20%20Os%20Economistas%2C%20Volume%203%2C%201%2%AA%20Edi%C3%A7%C3%A](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8013204/mod_resource/content/0/A%20Economia%20Pol%C3%ADtica%20Do%20Desenvolvimento%20%20-%20%20Paul%20A.%20Baron%3B%20S.%20Ferreira%20da%20Cunha%20(Tradutor)%3B%20Tam%C3%A1s%20Szmrecs%C3%A1nyi%20(Apresent%C3%A7%C3%A3o)%3B%20Victor%20Civita%20%20-%20%20Os%20Economistas%2C%20Volume%203%2C%201%2%AA%20Edi%C3%A7%C3%A)

[3o%2C%201984%20%20-%20%20Abril%20Cultural%20%20-%20%209f%20\(1\).pdf](#).

BCC- **Banco Central de Cuba**. 2023. Disponível em:
<https://www.bc.gob.cu/institucion/nobancaria/17>. Acesso em: 31 maio 2023.

BOULLÓN, R. **Planificación del espacio turístico** – 4a ed. – México: Trillas, 2006.
 Disponível em:
<https://prepacihuatlan.sems.udg.mx/sites/default/files/planificaciondelespacioturistico roberto boullon.pdf>.

CASTRO, F. **Discurso en la clausura del IV Congreso del Partido Comunista de Cuba**. Santiago de Cuba, 1991. Disponível em:
<http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discurso-en-la-clausura-del-iv-congreso-del-partido-comunista-de-cuba>.

CASTRO, F. **Castro Gives Speech at Moncada Barracks Anniversary**. Havana Radio, 1993. Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/castro/db/1993/19930727.html>.

CASTRO, F. **DISCURSO PRONUNCIADO POR FIDEL CASTRO RUZ, PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA DE CUBA, EN EL ACTO CENTRAL POR EL XXX ANIVERSARIO DE LOS COMITES DE DEFENSA DE LA REVOLUCION, EFECTUADO EN EL TEATRO "CARLOS MARX", EL 28 DE SEPTIEMBRE DE 1990, "AÑO 32 DE LA REVOLUCION"**. 1990. Disponível em:
<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1990/esp/f280990e.html>.

CASTRO, F. **Discurso en la inauguración de los hoteles Paradiso y Sol Palmeras en Varadero**. Varadero, 1990. Disponível em:
<http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-la-inauguracion-de-los-hoteles-paradiso-y-sol-palmeras-en-varadero>.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado no IV Congresso do Partido Comunista de Cuba**, em 10 de Outubro de 1991, Santiago de Cuba. Periódico Granma, La Habana. 1991.
 Disponível em:
<https://www.granma.cu/septimo-congreso-del-pcc/2016-04-14/el-desarrollo-y-las-caracteristicas-del-tercer-y-cuarto-congresos-del-pcc-14-04-2016-21-04-55>.

CASTRO, F. **DISCURSO PRONUNCIADO POR EL COMANDANTE EN JEFE FIDEL CASTRO RUZ, PRIMER SECRETARIO DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA Y PRESIDENTE DE LOS CONSEJOS DE ESTADO Y DE MINISTROS, EN EL ACTO CENTRAL POR EL XXXV ANIVERSARIO DEL ASALTO AL CUARTEL MONCADA, EFECTUADO EN LA PLAZA "ANTONIO MACEO", DE SANTIAGO DE CUBA, EL 26 DE JULIO DE 1988, "AÑO 30 DE LA REVOLUCION"**. 1988. Disponível em:
<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1988/esp/f260788e.html>.

CASTRO, F. **DISCURSO PRONUNCIADO POR EL COMANDANTE EN JEFE FIDEL CASTRO RUZ, PRIMER SECRETARIO DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA Y PRESIDENTE DE LOS CONSEJOS DE ESTADO Y DE MINISTROS, EN LA INAUGURACION DEL IV CONGRESO DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA, EFECTUADA EN EL TEATRO "HEREDIA", SANTIAGO**

DE CUBA, EL DIA 10 DE OCTUBRE DE 1991. 1991. Disponível em: <https://www.granma.cu/file/pdf/PCC/4congreso/Discurso-de-Fidel-inauguracion-del-IVcongreso.pdf>;

CASTRO, F. **Discurso pronunciado en el desfile efectuado en la Plaza Cívica.** January 2, Havana, 1961.

CASTRO RUZ, F. **Informe central al V Congreso del Partido Comunista de Cuba.** Havana, 1997.

CERVINO, J., & CUBILLO, J. M. **Development in Cuba: Opportunities, management challenges, and future trends.** Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly, 46(2), 2005.

CEPAL, La economía cubana. **Reformas estructurales y desempeño en los noventa.** Anexo Estadístico, 1999. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/41170/1/LCMEXR746ADD1_es.pdf.

CGTN. **Cuba reopens after 8-month shutdown but faces challenge wooing back tourists.** *CGTN*, 21 nov. 2020. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2020-11-21/Cuba-reopens-but-faces-challenge-wooing-back-tourists-VBb2VdBqyk/index.html>.

CHADWICK, F. E. **The relations of the United States and Spain: The Spanish-American War.** v. 2. New York: C. Scribner's Sons, 1911. Disponível em: <https://tile.loc.gov/storage-services/public/gdcmassbookdig/relationsofunit00chad/relationsofunit00chad.pdf>.

CHÁVEZ, Eduardo Salinas; Mundet, Lluís Cerdan. **El turismo en Cuba: Desarrollo, Retos y Perspectivas.** 2019.

CRESPO, Hilda Mary. **Turismo de cidade em Cuba. O centro histórico da havana velha e sua comunidade local.** Instituto Politécnico de Leiria, 2020. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/5856/1/Hilda%20Mary%20Crespo%20Lozano%20C%20B4180343%20C%20BO%20BTurismo%20de%20Cidade%20em%20Cuba.%20BO%20Centro%20Hist%C3%B3rico%20da%20Habana%20Vel.pdf>.

COLANTONIO, A.; POTTER, R. B. **Havana, City Profile.** 2006.

CUBANET. **Cuba não chegará aos 5 milhões de turistas em 2018, reconhece o regime.** La Habana, 2018. Disponível em: <https://www.cubanet.org/noticias/cuba-descarta-objetivo-5-millones-turistas-este-ano/>.

DE BHAL, J. **More continuity than change? US strategy toward Cuba under Obama and Trump.** *Contemporary Politics*, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323668931_More_continuity_than_change_US_strategy_toward_Cuba_under_Obama_and_Trump.

DELGADO, Sheyla. **Apostar no turismo é investir em praia segura**. 2016. Disponível em: <https://www.granma.cu/Feria-Internacional-de-Turismo-2016/2016-05-05/apostar-por-el-turismo-es-invertir-en-plaza-segura-05-05-2016-23-05-56>.

DUARTE, P. H.; Gracioli, E. J. **A Teoria da Dependência: Interpretações sobre o subdesenvolvimento na América Latina**. In: V Colóquio Internacional Marx e Engels. UNICAMP. Campinas, SP, 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessa04/Pedro_Duarte.pdf.

DOMÍNGUEZ, R. **La política exterior cubana hacia América Latina y el Caribe: diálogo con las viejas derechas y las nuevas izquierdas**. *Escenarios XXI*. Ciudad de México, año I, n. 8. 2011. Disponível em: www.wcenarios21.com/2011/0059.html

DOMÍNGUEZ, A. Zacca, E. **Sistema de salud de Cuba**. Instituto Nacional de Endocrinología, La Habana, Cuba. 2011.

ECDC. **COVID-19 situation update worldwide**. *European Centre for Disease Prevention and Control*, 2023. Disponível em: <https://www.ecdc.europa.eu/en/publications-data/european-respiratory-virus-surveillance-summary-erviss>.

ENGELS, F. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. 4. ed. São Paulo: Global, 1981.

ENRÍQUEZ, L. J. **The Cuban alternative to neoliberalism, linkages between local production and tourism after 1990**. Department of Sociology, University of California, USA. 2010.

FEINBERG, R. **The New Cuban Economy: What Roles for Foreign Investment?** Latin America Initiative, 2012.

FELTER, C.; RENWICK, D. **U.S.-Cuba Relations**. *Council on Foreign Relations*, 19 jan. 2018. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/uscuba-relations>.

FERRER, Ada. **Cuba: an American History: First Scribner hardcover edition**. New York ; London : Scribner, 2021.

FERNANDES, F. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana** / Florestan Fernandes – 1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8015909/mod_resource/content/1/da-guerrilha-ao-socialismo-a-revoluao-cubana_compress.pdf.

FERNANDES, F. **O que é Revolução** – 1. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2018.

FERNÁNDEZ, R. GONZÁLES, G. **“Cuba y el turismo norteamericano: análisis de potencialidades y de impacto en la región caribena”**. . In M. Font (Ed.), Symposium conducted at the meeting of Cuba futures: Past and present political economy of change in

Cuba. New York, NY: Bildner Center for Western Hemisphere Studies. Disponível em: <https://bildner.org/cuba-futures-past-present/>.

FURTADO, Celso. **A economia latino-americana: formação histórica e problemas contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GJELTEN, T. **Bacardi and the long fight for freedom: The biography of a cause**. New York: Viking Penguin, 2008.

GUEVARA, Che. **La Planificación socialista y su significado**. La Economía Socialista: Debate, Barcelona, Ed. Nova Terra. 1964.

GOLD, M. **Healing Practices and Revolution in Socialist Cuba**. *Social Analysis*, v. 58, n. 2, p. 42–59, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263393581_Healing_Practices_and_Revolution_in_Socialist_Cuba.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONZÁLES, Rafael. **La política de Biden hacia Cuba: Factores determinantes, actores claves y posibles escenarios**. *Revista Política Internacional*, v. 3, n. 2, p. 72-78. 2021. Disponível em: <https://rpi.isri.cu/rpi/issue/view/10/10>.

GORRY, Conner. **Cuban medical brigades in the COVID-19 pandemic**. *MEDICC Review*, Oakland, v. 22, n. 2, p. 7–10, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/medicc/2020.v22n2/64-66/en/>.

GRANMA. **Cuba Nunca Ficou de Braços Cruzados**. *Granma*, 2024. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/31728>.

GUTIÉRREZ CASTILLO, O.; GANCEDO GASPAR, N. **Una década de desarrollo del turismo en Cuba (1990–2000)**. *Economía y Desarrollo*, v. 131, n. 2, p. 72–73, 2002. Disponível em: <https://revista.drclas.harvard.edu/tourism-development-for-the-cuban-economy/>.

HALL, D. R. **Tourism development in Cuba**. In: HARRISON, D. (Ed.). *Tourism and the Less Developed Countries*. London: Belhaven Press, 1992. p. 102-120. Disponível em: <https://www.cabidigitallibrary.org/doi/pdf/10.5555/20013143323>.

HALL, C. M.; PAGE, S. J. **The Geography of Tourism and Recreation: Environment, Place and Space**. Oxford: Taylor & Francis, 2014.

HALL, Derek. **Tourism and Transition: Governance, Transformation and Development**. The Scottish Agricultural College, 2004. Disponível em: <https://www.cabidigitallibrary.org/doi/pdf/10.5555/20043108958>.

HARRIS, W. **Where can Canadians travel right now? Mexico, Jamaica and Cuba top the list.** *The Globe and Mail*, 20 out. 2020. Disponível em: <https://www.theglobeandmail.com/life/travel/article-is-going-south-an-option--this-winter/>.

HENTHORNE, T. L. **Tourism in Cuba: Casinos, Castros and Challenges.** University of Nevada, USA, 2018.

HIDALGO, V. **De la dolarización a la unificación monetaria en Cuba.** *Economía y desarrollo*. vol. 143, nº 1, jan./jun. 2008, p. 133-164.

HIMADRI, R.; SITANATH, M. **Of diamonds and desires: understanding conspicuous consumption from a contemporary marketing perspective.** *Academy of Marketing Science Review*, v. 11, n. 8, p. 1–18, 2006.

HINCH, Thomas. **Cuban tourism industry: Its re-emergence and future.** University of Western Ontario, Canada, 1990. Disponível em: <https://sci-hub.se/https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/026151779090044A?via%3Dihub>.

ILPES. **El sistema de dirección y planificación de la economía cubana.** Cuadernos del Ilpes, 1988. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/items/2e67f16b-364e-4f0c-b26d-d9a3d5702168>.

Instituto Nacional del Turismo—INTUR. **Matriz de dados de desempenho do turismo en Cuba (Janeiro - Outubro).** 2022.

IRAMINA, C. **Como a Juventude se relaciona com revolução.** In: SANTOS, F. L. B.; VASCONCELOS, J. S.; DESSOTTI, F. *Cuba: no século XXI - dilemas da revolução.* São Paulo: Elefante, 2017. p. 44-54.

JABBOUR, Elias. **China Socialismo e Desenvolvimento – sete décadas depois /** Elias Jabbour. - São Paulo, SP : Anita Garibaldi ; Fundação Maurício Grabois, 2019.

JATAR-HAUSMANN, A. J. **The Cuban way: capitalism, communism, and confrontation.** West Hartford: Kumarian Press, 1999.

JENSEN, C. **Socialism, Spillovers and Markets in Cuba.** *Post-Communist Economies*, v. 15, n. 3, p. 435-459, 2003. Disponível em: <https://sci-hub.se/http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1463137032000139098>.

KADT, Emanuel. **Turismo: passaporte al desarrollo?** El correo de la UNESCO: turismo, desarrollo e identidad nacional, 1979. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000044538_spa.

KASPAR, J. **Leisure, recreation and tourism in socialist countries,** *International Journal of Tourism Management*, Vol2, No 4, pp 224-232, 1981. Disponível em: <https://sci-hub.se/https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/014325168190027X>.

KALLIS, G.; KERSCHNER, C.; MARTINEZ-ALIER, J. **The Economics of Degrowth.** *Ecological Economics*, v. 84, p. 172–180, 2012.

KUCHERAN, K. **Cuba reopening for tourism- everything you need to know.** *Travel off Path*, 22 out. 2020. Disponível em: <https://www.traveloffpath.com/cuba-reopening-for-tourism-everything-you-need-to-know/>.

LAITAMAKI, J. M.; MEDINA, A. D.; HECHAVARRIA, L. T. **The impact of U.S. Cuba policies on Cuban tourism industry: Focus on the Obama and Trump Administration.** In: COBANOGU, C.; DELLA CORTE, V. (Eds.). *Advances in Global Services and Retail Management*. USF M3 Publishing, 2021. p. 1–11.

LÊNIN, V. I. **Últimos Escritos (Testamento Político) & Diário das Secretárias.** Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979.

LIMIA, M.; SOLIAS, H.; RIVERA, G. R.; FORNET, A.; VILASIS, M.; BLANCO, J. A.; GONZALEZ, G. **Rethinking the Revolution: Nine testimonies from Cuba.** *NACLA Report on the Americas*, 1995. Disponível em: <https://sci-hub.se/https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10714839.1996.11725775>.

LOWENTHAL, D. **The Past Is a Foreign Country – Revisited.** Edição revisada e atualizada. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MADUREIRA, P. **Sistema de Saúde Cubano.** 2010. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/19944/1/Sistema%20de%20Sa%C3%BAde%20Cubano%20-%20final.pdf>.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.** São Paulo : Abril Cultural, 1983.

MERRILL, D. **Negotiating paradise: U.S. tourism and empire in twentieth-century Latin America.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.

MINSAP. **Ministerio de Salud Pública.** 2024. Disponível em: <https://salud.msp.gob.cu/>.

MINTUR - **Ministerio del Turismo de Cuba.** 2022.

MINTUR - **Ministério del Turismo de Cuba. Informe do comportamento do turismo receptivo ao final do ano de 2017,** La Habana. 2018.

MINTUR - **Ministerio del Turismo de Cuba. História - ORGANIZACIONES NACIONALES DEL TURISMO EN CUBA.** 2023. Disponível em: <https://www.mintur.gob.cu/historia/>.

MOLINA, E. Sergio. **Planificación del turismo: un enfoque para Latinoamérica – 2a ed – México:** Trillas, 1991. Disponível em: <https://www.entornoturistico.com/planificacion-integral-del-turismo-un-enfoque-para-latinoamerica-de-sergio-molina-pdf/>.

NUGENT, C. **How doctors became Cuba's biggest export.** *Time*, 2018. Disponível em: <https://time.com/5467742/cuba-doctors-export-brazil/>.

Oliveira, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração** / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Medical doctors (per 10000 population)**, 2024. Disponível em: [https://www.who.int/data/gho/data/indicators/indicator-details/GHO/medical-doctors-\(per-10-000-population\)](https://www.who.int/data/gho/data/indicators/indicator-details/GHO/medical-doctors-(per-10-000-population)).

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Glossário de termos do turismo**, 2024. Disponível em: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>.

OMT - Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas. **Destaques do Turismo 2013**. Madrid: OMT, 2013. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284415427>.

ONEI - **National Office of Statistics and Information and the Havana Consulting Group**. 2021.

PASCHOAL, M. **O empreendedorismo está crescendo em Cuba?** In: SANTOS, F. L. B.; VASCONCELOS, J. S.; DESSOTTI, F. *Cuba: no século XXI - dilemas da revolução*. São Paulo: Elefante, p. 99-107, 2017.

PCC. **IV Congreso del Partido Comunista de Cuba**. Reflexiones de Fidel, los debates del congreso y mi ausencia en el C.C, 2011. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/tematica/partidos/cuba/pcc/6to-congreso/documentos-vi-congreso-partido-comunista-de-cuba.pdf>.

PERELLÓ, J. L. **Turismo, migración y proyectos de codesarrollo: el caso de Cuba.** *Revista Ciencia y Tecnología*, n. 6, out. 2013 – mar. 2014. 2013. Disponível em: <https://cienciaytecnologia.uteg.edu.ec/revista/index.php/cienciaytecnologia/article/view/57>.

PÉREZ, L. A. **Change Through Empowerment: A Half-Century of Cuba-U.S. Relations**. 2015. Disponível em: <https://nacla.org/news/2015/12/16/change-through-empowerment-half-century-cuba-us-relations>.

PÉREZ, L. A. **Cuba between reform and revolution**. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.

PÉREZ, Ricardo Torres; LEÓN, Dayma Echevarría. **“Miradas a la economía cubana. Elementos claves para la sostenibilidad**. Ruth Casa Editorial. 2021. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/fescaribe/18406.pdf>.

PÉREZ, Villanueva, Omar, E. **“La inversión directa en Cuba. Peculiaridades”** Centro de Estudios de la Economía Cubana (CEEC). 1998. Versão digital disponível em:

http://www.nodo50.org/cubasigloXXI/economia/villanueva2_300602.html.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Che Guevara e o debate econômico em Cuba**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018

PFLAUM, I. R. **Aspects of the Cuban economy. Part IV: National Institute for the Tourist Industry**. *American Universities Field Staff Reports Service*, ago. 1960. Disponível em: <http://www.icwa.org/wp-content/uploads/2015/11/IPP-10.pdf>.

POGOLOTTI, Graziella. **Breve História do Turismo**, 30 de abril de 2017.

REUTERS. **Castro stepping down as Cuba's leader**. *CNBC*, 2008. Disponível em: <https://www.cnn.com/id/23230036>.

ROBINSON, W. I. **Latin America and Global Capitalism: A Critical Globalization Perspective**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.

ROCA, B. **Los fundamentos del socialismo en Cuba**. Ediciones Populares, Havana, 1961. Disponível em: https://www.abertzalekomunista.net/images/Liburu_PDF/Internacionales/Roca_Blas/LOS_FUNDAMENTOS_DEL_SOCIALISMO_EN_CUBA-K_A5.pdf.

RODRÍGUEZ, José Luis. **“Evolución de la economía mundial en el 2021 y su impacto en Cuba. Perspectivas del 2022,”** Havana, 27 de abril, 2022.

RODRÍGUEZ, José Luiz. **Estrategia del desarrollo económico en Cuba**. Editorial Universitaria, La Habana, 2016. Disponível em: https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/15412/1/Estrategia_del_desarrollo_economico.pdf.

ROLAND, L. K. **Tourism and the Commodification of Cubanidad**. *Tourist Studies*, v. 10, n. 1, p. 3–18, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258193978_Tourism_and_the_Commodification_of_Cubanidad.

ROHR, Elizabeth. **Planning for Sustainable Tourism in Old Havana, Cuba**. Carleton University, Ottawa, 1997. Disponível em: <https://www.collectionscanada.gc.ca/obj/s4/f2/dsk2/ftp01/MQ26942.pdf>.

SALINAS, E.; MUNDET, L. **Historical Evolution and Spatial Development of Tourism in Cuba, 1919-2017: What Is Next?** *Tourism Planning & Development*, v. 15, n. 3, 2018.

SADER, Emir. **A revolução cubana**. São Paulo : Ed. Moderna, 1985.

SALES, Jean et al. **Revolução cubana: ecos, dilemas e embates na América Latina**. Aracaju: IFS, 2019. Disponível em: https://www.ifs.edu.br/images/EDIFS/ebooks/Outros/E-BOOK_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Cubana.pdf.

SANTOS, Theotônio. **La crisis de la teoría del desarrollo y las relaciones de dependencia**

en **América Latina**. Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas, Bogotá, Colombia, 1972. Disponível em: <https://repositorio.iica.int/bitstream/handle/11324/17421/CDRP21068742e.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

SANTOS, Theotônio. **A estrutura da dependência**. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, São Paulo, n. 30, p. 5-18, outubro de 2011. Disponível em: <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/886/376>.

SHARPLEY, Richard. **Tourism and the State in Cuba: From the Past to the Future**. *International Journal of Tourism Research*, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229575619_Tourism_and_the_State_in_Cuba_From_the_Past_to_the_Future.

SILVA, Newton Ferreira da Karl Marx em Havana [e-book]: **comunismo e revolução na ilha de Fidel Castro** / Newton Ferreira da Silva.-- Santos (SP) : Editora Universitária Leopoldianum, 2021.

SIMONI, V. **Business, Hospitality, and Change in Cuba's Private Tourism Sector: A View from Casas Particulares in Viñales**. *Tourism Planning & Development*, v. 15, n. 3, p. 293–312, 2017.

SLATER, T. **Planetary Rent Gaps**. *Antipode*, v. 49, n. S1, p. 114–137, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/anti.12185>.

SPINELLI, José Antonio. **Mudança social e crise no capitalismo: Leituras sociológicas**. Natal: EDUFURN, 2014.

TAYLOR Jr., H. L.; MCGLYNN, L. **International Tourism in Cuba: Can Capitalism be Used to Save Socialism?** *Futures*, v. 41, n. 6, p. 405–413, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/222699198_International_tourism_in_Cuba_Can_capitalism_be_used_to_save_socialism.

THEATER, M. Arttime. **Remarks by President Trump on the Policy of the United States Towards Cuba**, 2017. Disponível em: <https://uy.usembassy.gov/remarks-president-trump-policy-united-states-towards-cuba/>.

TONET, I. **Marxismo para o século XXI**. *Revista Espaço Acadêmico*, ano V, nº51, s/n, 2005. Disponível em: https://ivotonet.xp3.biz/arquivos/Marxismo_para_o_Seculo_XXI.pdf.

TURNER, L. ASH, J. **The Golden Hordes: International Tourism and The Pleasure Periphery**. London, 1975.

URIARTE, M. **Cuba. Social Policy at a Crossroads: Maintaining Priorities, Transforming Practice**. *Oxfam America*, Boston, 2002. Disponível em: https://scholarworks.umb.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1114&context=gaston_pubs.

VICENTE, E. E. **La Batalla de Ideas: Fundamento Estratégico para el Desarrollo de una Economía del Conocimiento en Cuba**. *Ciencia en su PC*, n. 4, p. 23-40, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=181320170004>.

VILLALBA, E. **Cuba y el Turismo**. Ed. Ciencias Sociales, 1993. Citado por: CHÁVEZ, E. S.; MUNDET, L. C. **El turismo en Cuba: Desarrollo, Retos y Perspectivas**, 2019.

VILLANUEVA, Omar. Pérez, R. **Cuba: la ruta necesaria del ambio económico**. *Editorial de ciencias sociales*, la habana, 2013.

VIZENTINI, Paulo. **Por que o socialismo ruiu? : de Berlim a Moscou 1989-1991** / São Paulo : Edições 70, 2021.

VOLKENING, N. **Identity, Commodication and Revolution Tourism and the Transformation of Society, Politics and Space in Cuba**, 2024.